

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

MARIÂNGELA YULE DE QUEIROZ

O TV NIKKEY E A IDENTIDADE OKINAWANA EM CAMPO GRANDE-MS

**CAMPO GRANDE - MS
2019**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS

MARIÂNGELA YULE DE QUEIROZ

O TV NIKKEY E A IDENTIDADE OKINAWANA EM CAMPO GRANDE-MS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Área de Concentração: Mídia e Representação Social.

Linha de Pesquisa: Mídia, Identidade e Regionalidade.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Vicente Cancio Soares

CAMPO GRANDE – MS

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS

MARIÂNGELA YULE DE QUEIROZ

O TV NIKKEY E A IDENTIDADE OKINAWANA EM CAMPO GRANDE-MS

Campo Grande, MS, 7 de junho de 2019

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Marcelo Vicente Cancio Soares (Orientador — Presidente)
Doutor pela Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)



Profa. Daniela Cristiane Ota (Avaliadora — Membro Titular)
Doutora pela Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)



Prof. Oswaldo Ribeiro da Silva (Avaliador — Membro Titular)
Doutor pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, Brasil
Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à memória do jornalista Armando Tibana pela ousadia e determinação de criar um programa de televisão voltado para a comunidade okinawana e japonesa em Campo Grande com o objetivo de resgatar e preservar a cultura dos seus antepassados.

À memória de todos os imigrantes uchinanchus pela coragem, persistência e fé de que dias melhores sempre virão.

À memória do meu pai que sempre acreditou em nós.

À Cláudia Tibana por todo o trabalho de pesquisa sobre Okinawa e as injustiças cometidas contra os uchinanchus e por ter compartilhado comigo as suas descobertas, possibilitando a profundidade no tema e um novo rumo a este trabalho e meus valores.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pelo dom da vida e capacidade de renascer e aprender todos os dias.

À minha família, meu porto seguro.

Ao meu orientador e amigo Marcelo Vicente Cancio Soares e às minhas filhas Isadora e Lina pelo apoio e incentivo para fazer este mestrado.

À Kaeko Tibana, Lúcia e Ione Uehara pela amizade, paciência, estímulo e informações durante toda a pesquisa.

Minha gratidão imensurável à Acelino Nakasato, Bernardo Tibana e Nilton Shirado e família.

Ao jornalista Ozias Deodato Alves Junior pela generosidade e disponibilidade do material sobre o idioma uchinaaguchi.

A todas as pessoas entrevistadas nesta pesquisa.

Aos amigos que compreenderam este período de ausência e isolamento.

Aos companheiros de estudos, meus apóstolos do mestrado Paulo Ricardo Gomes e Pedro Ortale.

Aos professores Daniela Cristiane Ota e Oswaldo Ribeiro da Silva pela banca afetuosa e colaborativa.

A todos que de alguma forma tornaram este trabalho possível.

HIYAMIKACHI BUSHI
POESIA PARA OS INFELIZES
(Shinsuke Taira e Seihin Yamauchi)

名に立ちゆる沖縄宝島でむぬ 心うち合わち うたちみしより
naa ni tachuru 'uchinaa takarajima demunu kukuru 'uchi'awachi 'utachimishoori
名に立つ沖縄 宝島だから 心をひとつに合わせてお立ちください
A famosa Okinawa, ilha preciosa, num só coração – se levantem!

稲粟の稔り 弥勒世ぬ印 心うち合わち気張りみそり
'ini'awa nu nauri mirukuyuu nu shirushi kukuru 'uchi'aachi chibai mishoori
O arrozal vai crescer, sinais de boa colheita, num só coração – se animem!

がくやないしゅらさ花や咲き美らさ 我した此ぬ沖縄世界に知らさ
gaku ya nai shuuraasa hana ya sachijurasa washita kunu 'uchinaa sikee ni shirasa
A música toca doce, a flor desabrocha bela, nossa Okinawa ao mundo vamos mostrar!

我や虎でむぬ羽着けてたぼり 波路パシフィック渡てなびら
wan ya tura demunu hanichikithi tabori namji pashifiku watati nabira
Sou um tigre, coloque asas e vamos atravessar o Pacífico!

七転び転でひやみかち起きり 我したこの沖縄世界に知らさ
nanakurubi kurubi hiyamikachi 'ukiri washita kunu 'uchinaa sikee ni sirasa
Se cair 7 vezes, grite “ei” e levante, nós vamos mostrar nossa Okinawa ao mundo!

RESUMO

A intenção deste trabalho é investigar como é realizado o processo de produção dos conteúdos exibidos pelo TV Nikkey, único programa de televisão em Mato Grosso do Sul direcionado aos okinawanos. A cidade de Campo Grande (MS), depois de São Paulo (SP), tem a segunda maior população de descendentes de Okinawa do Brasil, em torno de 33 mil pessoas, segundo a Associação Esportiva e Cultural Nipo Brasileira de Campo Grande (MS). Em 2007 surgiu o programa televisivo intitulado TV Nikkey, para divulgar e fortalecer a cultura okinawana em Mato Grosso do Sul. O estudo pretende destacar a comunicação como elemento de integração, divulgação e fortalecimento da cultura nipônica. A base metodológica do estudo está centrada em levantamentos bibliográficos, análise do conteúdo dos programas e entrevistas com os produtores e demais responsáveis.

Palavras-chave: TV NIKKEY; Okinawa; Identidade; Televisão; Comunicação.

ABSTRACT

The intention of this work is to investigate how the production process of the contents shown by TV Nikkey, the only television program in Mato Grosso do Sul directed to Okinawans, is carried out. The city of Campo Grande (MS), after São Paulo (SP), has the second largest population of descendants of Okinawa in Brazil, around 33 thousand people. In 2007 it was created the television program titled TV Nikkey, to promote and strengthen Okinawan culture in the state of Mato Grosso do Sul. The study aims to highlight communication as an element of integration, dissemination and strengthening of the Japanese culture. The methodological basis of the study is centered in bibliographical surveys, analysis of the content of the programs and interviews with the producers and other responsible ones.

Keywords: TV NIKKEY; Okinawa; Identity; Television; Communication.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Desembarque das tropas americanas em Okinawa.....	22
Figura 02	Base Naval americana na ilha de Okinawa	25
Figura 03	Trabalhadora rural uchinanchu.....	27
Figura 04	Seiwa e Kamado Uehara em Campo Grande (MS)	31
Figura 05	Família Uehara imigrante de Okinawa para Campo Grande.....	32
Figura 06	Escola Coronel Antonino na Colônia Mata do Segredo em Campo Grande (MS)	35
Figura 07	Fachada da Associação Okinawa de Campo Grande (MS)	38
Figura 08	Fachada da Associação Esportiva e Cultural Nipo Brasileira de Campo Grande.....	39
Figura 09	Monumento ao sobá na Feira Central em Campo Grande (MS).....	43
Figura 10	Primeira aula de uchinaaguchi na Associação Okinawa da Vila Carrão em São Paulo (SP)	55
Figura 11	Prova durante a gincana Undokai na sede campo da Associação Nipo-CG (MS) - 2018.....	58
Figura 12	Dança na festa do Bon Odori na Associação Nipo de Campo Grande (MS) em 2017.....	59
Figura 13	Poema em haikai.....	60
Figura 14	Exemplar do Tomodachi (informativo da AECNB)	64
Figura 15	Exemplar do jornal MS Shimbun, edição de junho de 2006.....	65
Figura 16	Informativos internos das associações Okinawa e Nipo Campo Grande (MS)	67
Figura 17	Logomarca da RTV Nikkey de São Paulo.....	77
Figura 18	Armando Tibana na apresentação TV Nikkey MS.....	81
Figura 19	Apresentação de Armando Tibana telejornal da TV Morena (MS).....	84
Figura 20	Apresentação TV Nikkey com Paola Goya e Shunji Hisayeda.....	86
Figura 21	Ex-tenente do exército japonês Hiroo Onoda na Segunda Guerra.....	87
Figura 22	Fachada atual da escola Visconde de Cairu, Campo Grande (MS).....	95
Figura 23	Sarita Sayuri Shirado, fabricante de shanshin em Campo Grande (MS)....	100
Figura 24	Sessão solene em homenagem ao Grão Mestre Koo Okada Líder da Sukyo Mahikari.....	103
Figura 25	Bernardo Tibana entrevista Toguchi Taketoyo, prefeito de Nagô (Okinawa)	110
Figura 26	Dança durante o Bon Odori 2018 na As. Nipo em Campo Grande (MS)..	112
Figura 27	Equipe TV NIKKEY/MS durante entrevista no Undokai/2019 em Campo Grande (MS)	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Colônias em Campo Grande (MS): 1914-1960.....	34
Quadro 02	Programa TV Nikkey nº 536.....	93
Quadro 03	Programa TV Nikkey nº 537.....	96
Quadro 04	Programa TV Nikkey nº 538.....	98
Quadro 05	Programa TV Nikkey nº 539.....	102
Quadro 06	Programa TV Nikkey nº 540.....	105
Quadro 07	Programa TV Nikkey nº 541.....	106
Quadro 08	Programa TV Nikkey nº 542.....	108
Quadro 09	Programa TV Nikkey nº 543.....	111

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Classificação dos programas conforme a categoria.....	114
Tabela 02	Classificação dos programas conforme os formatos, temas e tempos...	115
Tabela 03	Classificação dos programas conforme as fontes utilizadas.....	116

LISTA DE MAPAS

Mapa 01	Ilhas japonesas e Okinawa no extremo sul do Japão.....	19
Mapa 02	Província de Okinawa no extremo sul do Japão	20
Mapa 03	Localização das 14 bases americanas em Okinawa.....	23
Mapa 04	Desertos de notícia no Brasil	74

LISTA DE SIGLAS

AOKB	Associação Okinawa Kenjin do Brasil
AECNB	Associação Esportiva e Cultural Nipo Brasileira de Campo Grande, MS
AOCG	Associação Okinawa de Campo Grande, MS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 ERA UMA VEZ UM REINO CHAMADO RYUKYU.....	19
1.1 Emigração.....	26
1.2 A importância das associações.....	38
2 O RESGATE DA IDENTIDADE ATRAVÉS DO IDIOMA, ATIVIDADES CULTURAIS E COMUNICAÇÃO	45
2.1. Idioma	48
2.1.1 Um exilado linguístico.....	53
2.2. Atividades culturais.....	57
2.3. Comunicação.....	63
3 TELEVISÃO E O PODER DE COMUNICAÇÃO.....	68
3.1. A televisão regional	70
3.2. A TV e a identidade okinawana	75
3.3. TV NIKKEY: história e identidade	77
3.3.1 Programa TV NIKKEY MS	81
4 METODOLOGIA, PESQUISA E ANÁLISE.....	89
4.1. Programas analisados.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128
ENTREVISTAS	135
ANEXOS	137

INTRODUÇÃO

Mato Grosso do Sul é um estado formado por imigrantes, em sua maioria árabes e japoneses que vieram para o estado atraídos por melhores condições de vida e trabalho, principalmente no período da construção da ferrovia Noroeste do Brasil entre 1908 e 1914. Depois de São Paulo, o estado é o que concentra a maior população de descendentes de Okinawa no país, segundo a Associação Esportiva e Cultural Nipo Brasileira de Campo Grande (MS). O Brasil reúne o maior número de japoneses e okinawanos fora do Japão e de Okinawa.

Como afirma Lesser (2001), os japoneses utilizaram-se dos discursos positivos sobre o Japão para construírem e negociarem sua identidade étnica, cultural e nacional, uma vez que os brasileiros não consideravam esses imigrantes e descendentes como nipo-brasileiros, mas sim, como os “japoneses do Brasil”, como se esse grupo, mesmo após várias gerações fora do Japão, ainda fosse, em termos de identidade, etnia e cultura, composto por japoneses.

Sem a pretensão de ir além nessas questões que demandam um espaço muito maior para serem adequadamente debatidas, esta dissertação tem como objetivo refletir sobre a comunicação entre os descendentes de Okinawa em Campo Grande e o programa de televisão TV Nikkey MS, voltado para esta comunidade específica no sentido de resgatar a identidade e promover a integração entre as famílias residentes na capital, bem como em todo o estado.

O programa TV Nikkey, que completou em 2018 uma década de exibição, prioriza a cobertura de todos os eventos promovidos pelas entidades nipo brasileiras, ao mesmo tempo em que destaca em vários quadros, a importância da cultura dos antepassados e a proposta da reapropriação dos costumes e valores okinawanos e japoneses que, após 111 anos de imigração, ainda são latentes entre os descendentes no Brasil. Dessa forma pretende-se analisar neste trabalho se o programa de televisão local contribui para esta integração e preservação das tradições dos seus ancestrais.

Esta dissertação foi organizada em quatro capítulos. O primeiro descreve a história do conflito Okinawa-Japão, do holocausto cultural decorrente da anexação de Okinawa ao Japão, a diáspora okinawana, a emigração para o Brasil, a importância da cultura na preservação de suas tradições e o papel fundamental das associações criadas em Campo Grande (MS) para a fixação dos imigrantes e o desenvolvimento dos trabalhos. Neste capítulo também estão incluídas as entrevistas realizadas com descendentes dos okinawanos relatando o trabalho árduo das famílias na conquista de um pedaço de terra, a discriminação no período da

Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a prioridade na educação dos filhos, ao mesmo tempo em que destacam o espírito de união dos okinawanos no enfrentamento das dificuldades desde o desembarque no navio Kasato-Maru, em 1908, no Porto de Santos. Nas entrevistas os descendentes também recordam a criação da Colônia da Mata do Segredo, a maior e mais antiga das 23 colônias dos imigrantes em Campo Grande, MS.

O segundo capítulo está relacionado com a reconstrução da identidade através do idioma, das atividades culturais e da comunicação. Percebeu-se a importância de dedicar uma parte do trabalho a questão da identidade por tudo que envolve a cultura okinawana e a preservação de suas tradições. A proibição do idioma de Okinawa, a imposição dos costumes japoneses, a discriminação e o preconceito são abordados neste capítulo como um *apartheid* cultural decretado aos okinawanos desde a anexação da ilha pelo Japão. Na perspectiva do idioma constata-se uma mobilização, principalmente na cidade de São Paulo, no sentido de resgatar o ensino do uchinaaguchi como é conhecida a língua própria de Okinawa. Nesse sentido, as atividades culturais e esportivas também são ressaltadas na preservação das tradições okinawanas, com destaque para as principais datas comemorativas, festas, reuniões, música, dança, culinária e torneios diversos envolvendo toda a comunidade.

Em relação à comunicação, destaca-se a criação dos informativos das associações, o jornal MS Shimbun, programas de rádio e o de televisão, no caso o TV Nikkey, dedicados à integração e valorização dos costumes da comunidade nipônica. Desde a chegada ao Brasil os okinawanos priorizaram a comunicação entre os imigrantes e principalmente o recebimento de notícias do seu país. Foi justamente por falta de informações durante a Segunda Guerra Mundial que muitos imigrantes não acreditaram que o Imperador tivesse se rendido e isso foi motivo de discórdia e mortes entre a comunidade no Brasil. No livro “Corações Sujos”, o escritor Fernando Moraes relata a ação da organização secreta e extremista japonesa, a Shindo Renmei ou Liga do Caminho dos Súditos, criada pelos japoneses e okinawanos que não acreditavam na notícia da rendição do Japão às forças aliadas, em agosto de 1945, final da Segunda Guerra Mundial:

Como aceitar a notícia da derrota, se em 2600 anos o invencível Japão jamais perdera uma guerra? Em poucos meses, a colônia nipônica, composta de mais de 200 mil imigrantes estava irremediavelmente dividida: de um lado ficavam os vitoristas da Shindo Renmei, apoiados por 80% da comunidade japonesa no Brasil. Do outro, os derrotistas, apelidados de “corações sujos” pelos militantes da seita. Durante os treze meses de atuação da Shindo Renmei, 23 pessoas foram mortas pela organização e 147 ficaram feridas. Ao todo, a polícia paulista deteve, identificou e fichou 31.380 imigrantes suspeitos de ligação com a seita (MORAIS, 2000, p. 331).

O terceiro capítulo faz referência à televisão como veículo e poder de comunicação. No Brasil, mesmo com a ampliação do acesso à internet nos últimos anos, a televisão tem um importante papel na transmissão de conhecimento e construção de identidades, atuando como um espelho social, pelo qual as pessoas moldam suas atitudes, comportamentos e condutas, como explica Souza (2014, p.14): “A televisão é responsável ainda por consolidar conhecimentos, saberes e faz uso de uma linguagem própria (...) a fim de estabelecer vínculos com o espectador, fazendo-o cúmplice da audiência”. A autora defende ainda que, ao narrar fatos do presente e recordando acontecimentos passados, a televisão consegue acionar a memória social reconstruindo assim identidades individuais e coletivas (2014).

Nesta perspectiva, o professor Guilherme Rezende (2000) enfatiza a necessidade de se atribuir ao veículo um papel de conscientização do telespectador que, muitas vezes, ainda tem na televisão a principal via de acesso às notícias e ao entretenimento para grande parte da população. Rezende (2000) destaca que o baixo nível educacional e a má distribuição da renda, além da imposição de uma homogeneidade cultural, contribuem para esta uniformização e domínio. Para o autor (2000), independente da técnica, a televisão cumpre uma função social e política relevante porque atinge um público em grande parte iletrado ou pouco habituado à leitura.

O sociólogo francês Dominique Wolton (2006) destaca o potencial da televisão como produtora e fornecedora de representações e laço entre as classes sociais e aponta o veículo como portador de função referencial e identitária. Para o pesquisador, ao reunir indivíduos e públicos que tudo tende a separar, oferecendo-lhes a possibilidade de participar individualmente de uma atividade coletiva, a TV estabelece uma aliança bem particular entre o indivíduo e a comunidade. Segundo Souza (2014, p.14):

Numa era de esfacelamento do Estado-nação, marcada sobretudo, pela falta de referência dos sujeitos, a televisão torna-se uma grande aliada para validar um sentimento de representatividade, pertença e faz isso através da legitimação da identidade nacional, fazendo o público fiel a sua narrativa, ofertando-o um retorno ao lar.

A influência da televisão na identidade okinawana e a reconstrução da memória dos imigrantes e descendentes através do veículo também são tratadas no terceiro capítulo. Para isso reforça a história, a programação e os conteúdos da rádio Nikkey e dos programas televisivos TV NIKKEY MS e TV Nikkey de São Paulo (SP). Relata ainda, a trajetória do jornalista Armando Tibana, idealizador do TV Nikkey de Mato Grosso do Sul, bem como a manutenção e dinâmica do programa depois de sua morte em 2013. O capítulo aborda desde a produção das pautas até a edição e apresentação, descrevendo inclusive os temas mais

importantes. O programa tem a duração de 30 minutos e é exibido semanalmente na TV Imaculada Conceição (canal 15) e também disponibilizado no YouTube e na página da Associação Esportiva e Cultural Nipo Brasileira na plataforma Facebook.

O quarto capítulo se refere à metodologia, pesquisa e análise do programa. Utilizou-se como base metodológica a Análise de Conteúdo proposta nos estudos da pesquisadora francesa, Laurence Bardin, professora de Psicologia da Universidade de Paris V Descartes. A técnica foi escolhida por ser a mais apropriada para descrever as peculiaridades do TV NIKKEY, seja no aspecto qualitativo (significação das características) como quantitativo (descrição e categorização) dos conteúdos das mensagens veiculadas, bem como na análise dos enquadramentos propostos pelo programa.

Como base para a investigação foram gravados e decupados oito programas exibidos em um período de dois meses (julho e agosto de 2018), possibilitando uma abrangência maior do conteúdo e a análise dos quadros apresentados. Também foi feito o acompanhamento da cobertura de alguns eventos, a gravação de externas, áudios, cabeças de matérias e do próprio programa. Os dados obtidos no trabalho foram investigados para que pudessem oferecer informações importantes reveladas na análise de conteúdo da pesquisa. Foram feitas também entrevistas com produtores e demais responsáveis pelo programa com a descrição de todo o processo de produção, gravação, edição e veiculação do TV NIKKEY.

Esse trabalho proporcionou não só uma investigação sobre televisão e comunicação, como também sobre a história, a cultura e a identidade de um povo que contribuiu para o desenvolvimento de Campo Grande e de Mato Grosso do Sul. Diante da pouca oferta de livros e dicionários sobre a língua e a usurpação de Okinawa, outra questão importante verificada foi a importância da história oral no (re)conhecimento e reapropriação da própria identidade uchinanchu. O que também é resgatado nas reportagens do TV NIKKEY, confraternizações e atividades culturais promovidas pela comunidade nipo em Campo Grande, MS.

Nas considerações finais, procurou-se responder se o programa TV NIKKEY pode ser considerado um instrumento de comunicação, capaz de agregar os okinawanos e seus descendentes e se realmente transmite uma programação que possibilite o resgate da identidade e a preservação da cultura de Okinawa em Campo Grande.

1 ERA UMA VEZ UM REINO CHAMADO RYUKYU

A ilha de Okinawa¹, hoje uma das 47 províncias do Japão, foi um reino próspero e independente até 1879, quando foi tomada pelo governo japonês durante a Restauração Meiji² (1868-1912) e anexada ao país. Okinawa ou Uchiná³ em língua nativa era a maior e mais próspera das 169 ilhas que formavam o Reino de Ryukyu⁴ localizado no mar da China Oriental, nas proximidades de Taiwan, Japão e China, conforme indica o mapa 1.

Mapa 01. Mapa da região de Okinawa e Japão



Fonte: <https://www.google.com.br/MAPAS+OKINAWA>

¹Okinawa = Uchiná: um arquipélago-província no extremo sul do Japão que consiste numa cadeia de ilhas de 1000 quilômetros de comprimento formando o arquipélago Ryukyu e que se estende de sudoeste de Kyushu até Taiwan (KANASHIRO, 2000).

²Restauração Meiji: política de intensa japonização de modo a substituir, progressivamente, a língua, tradições, hábitos e práticas culturais típicas de Okinawa pela japonesa impondo aos okinawanos a obrigação de tornarem-se japoneses (KERR, 1964; HOOK; SIDDLE, 2003).

³Okinawa (em japonês) ou Uchiná (no dialeto local). Uchina = Okinawa. Uchinanchu - pessoa de Okinawa - e uchinaguchi - língua de Okinawa (ALVES, 2016).

⁴Foi um reino independente que ocupou grande parte das Ilhas Ryukyu do século XV ao século XIX até ser integrado ao Japão no início da era Meiji (1868 a 1912) quando os feudos foram abolidos e implantados os “ken” (província). Assim, o reinado de Ryukyu terminou os seus 450 anos de existência em 1879 e se tornou a atual província de Okinawa. O primeiro registro do reino segundo dados da Associação Okinawa Kenjin do Brasil é do século VI, na China. Geograficamente e atualmente, Ryuky é constituído por um arco de ilhas vulcânicas que se estendem do sul do Japão ao norte de Taiwan das quais Okinawa é a ilha maior e centro administrativo (YAMASHIRO,1993).

Devido à sua localização geográfica estratégica, como verifica-se no mapa 2, Ryukyu mantinha relações comerciais com todo o Sudeste Asiático e com parte do Pacífico. De acordo com Sakima (2000), os produtos trocados incluíam especiarias, madeiras aromáticas, seda, porcelana chinesa, algodão da Coreia, leques, espadas e enxofre proveniente do Japão. Além das atividades econômicas, a relação direta com outros países como China, Japão, Coreia e as atuais Indonésia, Filipinas e Malásia favoreceu a miscigenação da cultura okinawana com as práticas culturais desses países.

Mapa 02. Mapa de Okinawa



Fonte: <https://www.google.com.br/MAPAS+OKINAWA>

Apesar de independente, o Reino de Ryukyu pagava impostos à China pelo comércio marítimo no Sudeste Asiático que operava por meio de entrepostos. Atraído pelos lucros e de olho nas relações comerciais e diplomáticas com a China, em 1609, o clã de Satsuma – atual província de Kagoshima, região localizada no sul do Japão – invadiu o reino, mas manteve

intacto o governo de Ryukyu. Embora sofresse influências dos invasores, o Reino de Ryukyu manteve sua liberdade política até o século 18 quando foi invadido pelo Japão e teve abolida sua monarquia (YAMASHIRO,1993).

O Governo do Japão, no auge da restauração Meiji (1867-1912) e das reformas para se transformar em um estado-nação moderno e imperialista, deflagrou uma japonização impondo a cultura, a religião e costumes japoneses ao povo okinawano. O idioma japonês foi determinado como língua oficial e foram proibidas todas as manifestações religiosas, linguísticas e culturais na ilha que passou a ser denominada Província de Okinawa e foi anexada como território do Japão. Quem falasse qualquer uma das línguas nativas ou praticasse quaisquer costumes não japoneses era punido rigorosamente (GOLDMAN, 2005; McCORMACK, 2012; SOUYRI, 2004). Na época, as yutas⁵, uma espécie de xamã ou sacerdotisas, conselheiras da comunidade foram presas e todas as práticas sociais e culturais dos okinawanos foram perseguidas ou inibidas.

Com o discurso autoritário e xenófobo, o governo japonês discriminava os okinawanos considerando-os achinesados, ignorantes e cidadãos ou súditos inferiores e marginalizados perante a “raça de Yamato”⁶. De acordo com Pires (2013), tal discriminação e preconceito contrastam com o discurso oficial quando os okinawanos passam a ser tratados como cidadãos de segunda categoria pelos japoneses, não tendo acesso a direitos civis e políticos. Segundo Pires (2013, p. 187):

Seguindo uma política nacionalista, centralizadora e autoritária, os japoneses perseguiam, por diversos meios, quaisquer manifestações culturais, políticas ou ideológicas que destoavam das oficiais. Nesse sentido, os okinawanos, que possuíam religião, costumes, língua e mesmo traços físicos diferentes, sofriam diversas perseguições.

Para Uehara (2015), a discriminação dos okinawanos como “bárbaros”, “atrasados” e “japoneses de segunda categoria”, aliada a uma crise econômica e de superpopulação, impulsionou a diáspora okinawana, iniciada em 1899, tendo seu auge na década de 1930 e se estendendo até depois da Segunda Guerra. A emigração para muitos okinawanos ocorreu para fugir da pobreza absoluta e da falta de oportunidades: “Dizia-se que viviam no inferno de

⁵Função sempre exercida por mulheres escolhidas por um espírito divino que fazem, a intermediação entre o mundo espiritual e o mundo dos vivos, ajudando na resolução dos problemas que afligem a comunidade (YAMASHIRO,1993)

⁶Etnia nativa predominante no Japão. A nomenclatura começou a ser usada por volta de fins do século XIX para diferenciar os residentes do Japão continental de outros grupos étnicos minoritários residentes em áreas periféricas do país, como os Ainus, Ryukyuanos, Nivkhs, Oroks, bem como dos coreanos e taiwaneses que foram incorporados ao Império do Japão no início do século XX (YAMASHIRO,1993).

sotetsu, pois, devido à falta de alimentos, as pessoas comiam sotetsu, espécie de cicadácea, similar a uma palmeira de baixo porte”⁷ (MATSUMOTO, 2015). O deslocamento dos povos que saem de sua terra de origem para tentar a vida em outros países ou em outros continentes é observado por Cancian (2007, p. 2) quando define diáspora:

Significa o espalhamento dos povos (...) Seja de forma forçosa ou por opção própria, os povos que abandonam sua casa jamais se desapegam das origens, e mantêm através da tradição a cultura na qual nasceram. Isso se dá pela manutenção da língua, da religião, modo de pensar e agir.

Em 1945, no final da Segunda Guerra Mundial, a ilha de Okinawa foi invadida pelo exército dos Estados Unidos (Figura 1), protagonizando uma das mais sangrentas batalhas em terra onde, durante 89 dias, um terço da população civil da província morreu nas mãos dos soldados americanos e também pelas armas e granadas dos soldados japoneses. Mesmo com o fim da guerra em 1945, nos próximos 27 anos os okinawanos ficariam ainda sob o domínio do Governo dos Estados Unidos que, apesar de “devolver” as ilhas ao Japão em 1972, instalou e ainda mantêm bases militares⁸ americanas nas ilhas Ryukyu através de um acordo entre os dois países.

Figura 01. Desembarque das tropas americanas em Okinawa



Fonte: <https://www.google.com.br/mapa+da+ilha+de+okinawa>

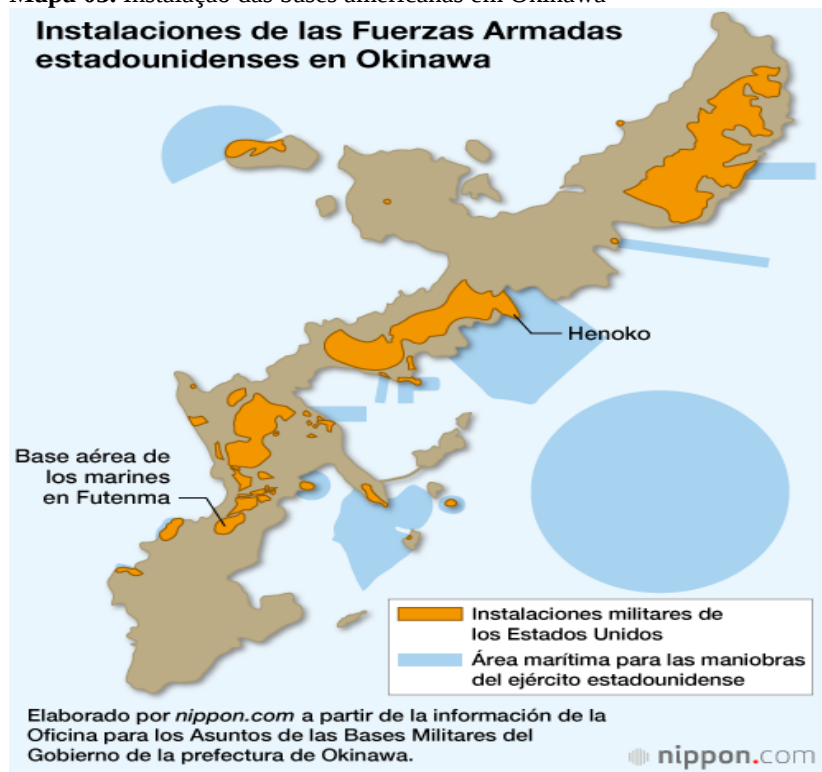
⁷ Disponível em: <https://okinawando.wordpress.com/2015/06/22/o-pai-da-imigracao-okinawana>. Acesso em 11 mar 2017.

⁸ Apesar de corresponder a apenas 0,6% do território japonês, Okinawa abriga 75% das bases militares norte-americanas no Japão (MOTOYAMA, 2012).

Na época, os principais motivos para a permanência do exército americano na ilha, de acordo com o documento de rendição assinado pelo Japão⁹, seriam a manutenção de um contingente militar estacionado na Ásia e o interesse do Japão em manter relações amigáveis com os Estados Unidos que “ofereceriam proteção militar” ao país já que este havia renunciado a guerra, de acordo com publicações da revista Espaço Acadêmico (2005). Posteriormente, nas guerras da Coreia (1950 a 1953), do Vietnã (1963) e do Golfo (1990), Okinawa também serviria de base naval para o exército americano.

Nos primeiros anos de ocupação as áreas utilizadas pelos EUA para a instalação das bases militares foram adquiridas por preços reduzidos. Os okinawanos que não concordassem com a venda tinham suas terras confiscadas pelo governo estadunidense. Até hoje, a população de Okinawa sofre com a ocupação americana: sejam nos testes de armas químicas, táticas militares, às degradações humanas e ambientais praticadas pelos militares americanos ainda em texto da Revista Espaço Acadêmico (DANTAS, 2005). Okinawa hospeda cerca de dois terços dos 50.000 soldados americanos no Japão, embora as ilhas representem menos de um por cento do total de terras no Japão. A área de 14 bases dos EUA é de 233 quilômetros quadrados e ocupa quase 20% da ilha principal, como mostra o mapa 3 abaixo:

Mapa 03. Instalação das bases americanas em Okinawa



Fonte: <http://www.robkajiwara.com/blog>

⁹A cerimônia oficial de rendição aconteceu no dia 2 de setembro, quando oficiais do Japão representando o Imperador Hirohito assinaram o documento da rendição do Japão ao general americano Richard K. Sutherland, a bordo do USS Missouri (YAMASHIRO,1993).

Para o diretor da *Peace For Okinawa Coalition*¹⁰, o okinawano e ativista de direitos humanos e do meio ambiente Robert Kajiwara (2019), a alegação de dependência econômica para a manutenção das bases americanas na ilha trata-se de um equívoco que precisa ser esclarecido uma vez que a presença americana representa apenas 5% da economia de Okinawa, mas ocupa 30% das melhores terras da província. Além do ônus econômico, Kajiwara (2019) alega que as bases americanas são responsáveis por muitos acidentes aéreos que diariamente colocam em risco a vida da população okinawana, poluição sonora e danos irreparáveis ao meio ambiente e alerta: “com as bases a lembrança do horror permanece fresca e constitui uma fonte de pensamento sobre o presente e o futuro”. Outros episódios que aterrorizam os moradores de Okinawa são os casos de violência e estupros cometidos pelos soldados americanos, como recorda Kajiwara (2019, s. p.):

De tempos em tempos, escândalos envolvendo soldados americanos, ou problemas de convivência com os vizinhos militares, incluindo barulho e poluição, voltam à tona na mídia japonesa. Levantamento do jornal Guardian contou, entre 1972 e 2009, 127 casos de soldados acusados de estuprar locais. Em 1995, dois soldados e dois marinheiros foram acusados de estuprar e matar uma estudante de 12 anos e em 2008 um militar de 38 anos foi preso após uma garota de 14 anos ser estuprada.

Em dezembro de 2018, ignorando os apelos do governador Denny Tamaki e da população de Okinawa, o governo japonês autorizou a transferência da base de Futenma (Figura 2), localizada em Ginowan, considerada a mais perigosa do mundo devido à sua localização no centro da cidade, para a baía de Henoko em Nago (Okinawa). A oposição deve-se ao impacto da obra no ecossistema da região com a destruição do conjunto de recifes com corais em extinção, apontado como o segundo recife de corais mais biodiverso do planeta. A construção do aterro que abrigará a nova base naval americana vai atingir 157 hectares ao largo de Henoko e, além dos corais, é uma ameaça também a diversidade de vida animal no recife, incluindo pelo menos nove espécies ameaçadas de extinção.

¹⁰ Organização multinacional com sede nos EUA que promove os direitos e o bem-estar dos habitantes de Okinawa e de outros povos e nações em todo o mundo.

Figura 02. Base Naval americana na ilha de Okinawa



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=mapa+da+ilha+de+okinawa>

Em dezembro de 2018, Kajiwara (2019) iniciou uma petição *on line* pedindo ao governo americano a suspensão da construção da nova base militar em Henoko. A petição tinha mais de 211 mil assinaturas em março de 2019 e seria encaminhada à Casa Branca. O documento pode ser acessado no link: bit.ly/standwithokinawa.

1.1. Emigração

戦せん済まち 弥勒せんやがてい
 嘆くなよ臣下 命どう宝
A guerra vai acabar
Logo virá a abundância
Não se lamentem
*A vida é um tesouro*¹¹

Massacrada econômica e culturalmente, Okinawa se tornou uma das províncias mais pobres do Japão e muitos habitantes, principalmente os camponeses que eram a maioria da população, tiveram na emigração a única saída para fugir da falta de trabalho, da fome e da completa dominação pelo Império do Japão. Os okinawanos começaram a emigrar oficialmente em 1899 com destino ao Hawaii, tendo seu apogeu na década de 1930 para a América do Sul, evidenciando o espírito uchinanchu

"Uchinanchu" é o termo pelo qual os nativos de Okinawa que migraram para diversas partes do mundo, incluindo seus descendentes nascidos nos mais diversos países, se autodenominam, na medida em que se identificam subjetivamente com a cultura okinawana e suas memórias. A ilha de Okinawa é bastante conhecida por suas praias, hoje ponto turístico relevante no Pacífico, com memórias de um passado imperial e de conflitos históricos. Atualmente, a economia é fomentada pelo setor pesqueiro e principalmente pelo turismo, sendo muito comum japoneses de outras províncias passarem férias na parte sul do país (YAMAUCHI, 2018, p.12).

Sobre a diáspora, o sociólogo Stuart Hall (2003, p. 75), nascido na Jamaica e levado pela família para morar na Inglaterra, afirmou sentir-se estrangeiro mesmo em lugares familiares por ter vivenciado uma migração e expõe seu sentimento:

Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertenço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma “chegada” sempre adiada. A experiência da diáspora (...) não é definida por pureza ou essência, mas pelo reconhecimento de uma diversidade e heterogeneidade necessárias; identidades de diáspora são as que estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da transformação e da diferença.

O Brasil é o país que concentra a maior “comunidade okinawana” fora do Japão. São cerca de 160 mil okinawanos, de acordo com estimativas da Associação Okinawa Kenjin do

¹¹ O poema foi recitado pelo último rei de Ryukyu, Sho Tai, antes de ser levado para o Japão. Os quatro versos são muito famosos ainda hoje e se tornaram um lema pela paz, utilizado para reforçar a ideia amplamente difundida de que o uchinanchu é um povo pacífico. Nos protestos contra as bases militares, ele sempre está lá. Disponível em: <https://okinawando.wordpress.com/2019/02/05/versos-bonitos-para-os-infelizes/> Acesso em 16 fev 2017

Brasil (AOKB, 2014). A vinda dos imigrantes foi respaldada pelo Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, assinado pelo Brasil e o Japão em uma época que de um lado o governo brasileiro sofria com a falta de mão de obra para a agricultura em função da abolição da escravatura, e no Japão, endividado com as mudanças instauradas na Era Meiji (1867-1912), priorizando a industrialização, sobravam agricultores sem emprego. A necessidade da imigração, como apresenta Le Bourlegat *et al* (2014, p.21), pode ser descrita como:

Quando o local deixa de oferecer atendimento às necessidades básicas e passa a representar escassez ou oferecer algum tipo de risco ou perigo, o ser humano, sempre buscou outros meios de sobrevivência, isso sim, parece ser algo que faça parte da natureza humana que, sozinho ou em grupo busque novas oportunidades, na busca da sobrevivência.

Assim que chegou ao Brasil, a maioria dos imigrantes foi trabalhar nas lavouras paulistas de café, mas diante das condições de vida e trabalho semi-escravo, segundo relatos de Shozu Motoyama (2012) em seu livro “Sob o signo do sol levante: uma história da imigração japonesa no Brasil”, muitos fugiram das fazendas e retornaram a São Paulo onde alguns se fixaram e outros seguiram de barcos para a Argentina, Paraguai e Porto Esperança, atual Mato Grosso do Sul (Figura 3).

Figura 03: Trabalhadora rural uchinanchu



Fonte. http://www.wikiwand.com/pt/imigração_japonesa_no_Brasil

Dos 781 japoneses e okinawanos-*uchinanchus* que embarcaram no navio Kasato-Maru, no Porto de Kobe, no Japão, no dia 28 de abril de 1908, e desembarcaram no Porto de Santos em 18 de agosto do mesmo ano, após 51 dias de viagem, 325 eram de Okinawa-Uchiná. Do total de imigrantes, 597 eram homens, 184 eram mulheres e 19 crianças menores de 10 anos, sendo sete menores de dois anos. A maioria dos passageiros era de adolescentes e

jovens entre 20 e 30 anos. O homem mais velho, Kikichi Kanagusuku, tinha 48 anos de idade, como lembra Yamashiro (1997).

De acordo com a publicação da Associação Okinawa Kenjin do Brasil (2005) sobre os 90 anos do Kasato-Maru, o sentimento dos imigrantes era de nostalgia na véspera da chegada ao Brasil:

Finalmente o Kassato-Maru atracará amanhã em Santos. Teremos que lhe dizer adeus. Os varonis imigrantes sentiam o peito oprimido pela tristeza diante da separação iminente do navio de sua pátria. Viam-se tripulantes a erguer filho de imigrantes no colo, achegando suas faces às deles em sinal de despedida. A melodia dedilhada nos *jabissen* dos imigrantes da ilha de Okinawa diluía-se sobre ondas escuras (AOKB, 2005, p.32-35).

A imigração e o abandono dos okinawanos de seus costumes, uma vez que foram proibidos de falar o idioma okinawano (*uchinaaguchi*)¹² e manter seus hábitos, símbolos e práticas culturais e religiosas, não desencorajou os imigrantes que foram deixados à própria sorte em solo brasileiro (AOKB, 1998). Nesse sentido, como ressalta Ernest Laclau (1990, p. 40):

O deslocamento tem características positivas. Ele desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas articulações: a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos e a recomposição da estrutura em torno de pontos modais particulares de articulação.

Segundo Akamine (2016), os primeiros imigrantes okinawanos chegaram a Mato Grosso do Sul por volta de 1910 atraídos pela melhor remuneração e qualidade de vida no trabalho de construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil. De acordo com a autora, trinta e seis dos imigrantes do Kasato-Maru vieram para Mato Grosso do Sul, na época Mato Grosso, sendo que a maioria permaneceu na região após o término da obra da ferrovia. Os primeiros 75 imigrantes, principalmente de Okinawa, saíram da fazenda Floresta em Indaiatuba (SP) e também desertores de outras fazendas, partiram de Santos em um pequeno navio cargueiro fretado pela companhia construtora da ferrovia. A viagem rumo ao rio da Prata até a confluência com o Rio Paraguai com destino a Porto Esperança na região de Corumbá (MS) durou vinte e seis dias. Depois de trabalhar duro na construção da estrada de ferro, quando as obras foram totalmente concluídas em 1914, as famílias foram para Campo Grande (MS) e serviram de exemplo para impulsionar o surgimento de outros núcleos okinawanos e japoneses na região (ARCA, 1991).

¹² Reconhecida pela UNESCO desde 2009 como uma das seis línguas oficiais das Ilhas Ryūkyū (UEMA, 2017).

Por volta de 1920, de acordo com Handa (1987), das 50 famílias consideradas japonesas residentes em Campo Grande (MS), 49 eram de Okinawa e apenas uma delas veio de outra província do Japão, sendo que os okinawanos sempre foram maioria como observa o autor:

[...] em 1958, ano do cinquentenário da imigração japonesa, o número atingia 600 famílias, aumentando para 25% a porcentagem dos imigrantes de outras províncias japonesas. Porém, essa situação não altera o perfil de Campo Grande como um local de grande concentração dos imigrantes de Okinawa sem, no entanto, tirar o mérito dos não-okinawanos no seu desenvolvimento (HANDA, 1987, p. 396).

Para Kubota (2009), esta concentração de imigrantes *uchinanchus* em Campo Grande (MS) foi favorecida pela “facilidade com que formaram um grupo estreitamente ligado, composto por pessoas vindas praticamente da mesma província. Esse agrupamento gerou a fixação do grupo no local, mas também contribuiu para que houvesse o isolamento deles” (KUBOTA, p.58-59). Nesta perspectiva, Gomes (2012) assegura que:

A cultura *utinanchu* de natureza aberta e negociadora e, além disso, solidária entre si, teve peso significativo nas relações que passaram a ser tecidas dos próprios imigrantes entre si e desses com os integrantes do local de destino. Ser *utinanchu* é como eles dizem “um estado de espírito” onde um representa a todos e todos trabalham em prol da comunidade. Esse espírito de coletividade e cooperação, ao que se pôde observar, teve peso na manutenção das tradições, dos costumes, das crenças, do trabalho conjunto e do bem comum (GOMES, 2012, p. 72).

Nesta perspectiva, Souza (2009) lembra que essa facilidade em formar ligações estreitas entre os *uchinanchus* em Campo Grande “é obra da sociabilidade específica articulada em torno das práticas de ajuda mútua, cooperação e do sentimento de pertencimento à identidade e compartilhamento do espírito *uchinanchu*” (2009, p. 34).

Os dados revelam que Mato Grosso do Sul reúne a terceira maior comunidade de descendentes de okinawanos e japoneses do Brasil, com cerca de 70 mil pessoas. Proporcionalmente os números colocam o estado como o primeiro no registro destes imigrantes e seus descendentes que representam 3,1% da população sul-mato-grossense, deixando-o a frente de São Paulo com 2,5%, Paraná com 2,2% e o Pará com 1% da população total, conforme atesta Tibana (2017).

A cidade de Campo Grande (MS) depois de São Paulo tem a segunda maior população de descendentes de Okinawa do Brasil, em torno de 33 mil pessoas, segundo informações da Associação Cultural e Esportiva Nipo Brasileira de Campo Grande, sendo 70% da comunidade japonesa da capital sul-mato-grossense oriundos da província de Okinawa:

As pessoas tinham um único propósito: juntar dinheiro rapidamente e voltar para sua terra natal. Nessa época, entrar em Mato Grosso exigia uma ida ao porto onde desembarcaram, Santos, depois rumar para a Argentina e de lá embarcar num vapor que subia o rio de La Plata rumo a Porto Esperança, numa viagem que levava 26 dias. Foi também nessa época que chegou a Campo Grande o primeiro morador fixo okinawano do município, Kosho Yamaki, imigrante radicado no Peru, que cruzou os nevados andinos a pé para entrar no Brasil via Argentina a fim de participar da estrada de ferro Noroeste. Segundo relatos, aproximadamente 70 dos 300 operários em Porto Esperança eram japoneses e okinawanos (AECNB, 2005, p. 35).

Apesar de todas as adversidades encontradas na época, Gomes (2012, p. 72) lembra que “o povo uchinanchu detectou em Campo Grande a nova oportunidade de vida, de trabalho e de manutenção de sua identidade e cultura”. A autora averiguou ainda que a cultura amistosa e aberta dos okinawanos favorecia os acordos e a solução de interesses específicos, como destaca abaixo:

Nos momentos necessários os imigrantes sempre se mostraram habilidosos e estratégicos na solução de diferenças étnicoculturais, abrindo-se aos interesses do outro. A territorialização deu-se num processo constante de negociação e de mecanismos táticos de luta organizada e silenciosa diante das adversidades e ativa diante de oportunidades. Nesse aspecto, a franca urbanização de Campo Grande, especialmente após a Primeira Guerra, contribuiu na demanda por seus produtos e favoreceu sua comercialização nas ruas, primeiro na carroça e depois na feira. Todas essas oportunidades foram estrategicamente aproveitadas, mediante mecanismos políticos e redefinição de esquemas de controle, associada a uma reelaboração da cultura. A integração do povo utinanchu ao território de Campo Grande e a assimilação da cultura local foi um processo lento, porém progressivo (GOMES, 2012, p. 72-73).

Mesmo com o objetivo de retornar ao Japão depois de conquistar o suficiente para garantir uma vida tranquila na terra natal, a maioria dos okinawanos e japoneses permaneceu em Campo Grande por perceberem as múltiplas oportunidades de sobrevivência com qualidade, passando a despertar nos imigrantes um sentimento de pertença (AOCG, 2014). Uma dessas famílias foi a de Kaeko Tibana, filha de Seiwa e Kamado Uehara (Figura 3) oriundos de Yonabaru, uma vila no Distrito de Shimajiri a 7 km de Naha, capital de Okinawa.

Tibana (2019) lembra que os pais se casaram em Campo Grande (MS), sendo que o pai veio para o Brasil em 1917 quando tinha 12 anos de idade e a mãe chegou três anos depois, aos 14 anos, como sugere a figura 4. Os pais e irmãos de Kamado já estavam em Campo Grande e, como era costume dos okinawanos quando se tratava de emigração, o filho mais velho, no caso a filha Kamado, ficava cuidando das terras ou moradia para o caso de retorno das famílias. Como isso não aconteceu, para que Kamado pudesse vir para o Brasil,

houve a necessidade de arranjar o casamento com um imigrante okinawano que já estava trabalhando em Campo Grande (MS), que viria a ser Seiwa Uehara.

Figura 04: Seiwa e Kamado Uehara em Campo Grande (MS)



Fonte: acervo pessoal de Kaeko Tibana

Autodidata, Seiwa Uehara aprendeu rapidamente a falar e escrever o português e se dedicou a trabalhar na construção de casas em Campo Grande (MS) e nas colônias dos imigrantes que se espalhavam ao redor da cidade. Entre suas obras de destaque, auxiliou na construção dos prédios das associações Okinawa e Nipo na capital. Por causa do trabalho passava muito tempo fora de casa, mas quando estava presente era ele que auxiliava os filhos nos deveres escolares. As habilidades do antigo morador de Yonabaru não paravam por aí. As filhas Kaeko e Lúcia Uehara (2019) lembram que o pai também tocava sanshin e violino, instrumentos construídos por ele, e possuía muitos livros que trouxe em sua bagagem de Okinawa.

No período da Segunda Guerra Mundial em Campo Grande, Seiwa Uehara ficou preso durante três meses juntamente com outros compatriotas simplesmente por ser de Okinawa uma vez que o Japão se aliou à Alemanha e tornou-se inimigo do Brasil. Suas filhas ainda trazem na memória a lembrança dos policiais campo-grandenses confiscando o aparelho de rádio e todo tipo de leitura que havia na residência da família. “Meu pai colocou todos os livros dentro de um latão de biscoitos e foi surpreendido pela polícia no momento em que

estava jogando o latão no córrego Prosa, perto de onde morávamos”, lembra a filha Kaeko Tibana (2019). Enquanto o pai esteve preso na Delegacia que funcionava no antigo Hotel Colombo no centro da cidade, era Kaeko então com apenas sete anos de idade quem levava o almoço para o pai durante os noventa dias de reclusão.

Outra recordação desta época difícil para os imigrantes em Campo Grande (MS) é a perseguição e discriminação que sofriam pelo fato de serem okinawanos ou japoneses. Enquanto durou a guerra muitas famílias eram ameaçadas, ofendidas e algumas tiveram seus imóveis incendiados na capital sul mato-grossense. Nesse sentido, a irmã Lúcia Uehara (2019) recorda do vizinho Koki Oshiro que teve sua casa e o mercadinho da família queimados em retaliação.

Seiwa Uehara já havia saído da prisão quando os incêndios começaram e organizava a saída de casa da esposa e filhos durante a noite para proteger a família dos possíveis ataques. Kaeko Tibana recorda que, por segurança, todas as noites ela, juntamente com os pais e irmãos iam dormir debaixo de uma mangueira nos fundos do quintal de um vizinho com receio da casa ser incendiada. Ela também não esquece que quando iam à escola era comum serem vítimas de xingamentos e chamados de “quinta coluna”, uma referência à suposta traição dos okinawanos e japoneses ao Brasil. Abaixo, na figura 5, segue um registro da família Uehara em Campo Grande:

Figura 05. Família Uehara imigrante de Okinawa para Campo Grande



Fonte: Acervo pessoal de Kaeko Tibana

Os imigrantes que optaram por fixar residência em Campo Grande, a partir de 1914, foram morar nas 23 colônias agrícolas¹³ existentes na cidade, criadas pelos familiares ou amigos que chegaram antes e conseguiram adquirir terras, individualmente e em conjunto, com o trabalho na ferrovia ou em outras empreitadas.

Em maio de 1914, Kosho Yamaki deixa a obra para plantar hortaliças na chácara que adquirira na área da antiga rodoviária de Campo Grande. No mesmo ano, mais cinco famílias também provenientes da construção da estrada de ferro fixaram residência na Capital, no núcleo conhecido como Chacrinha originando a primeira colônia dos imigrantes, onde se dedicaram ao cultivo de verduras. Esse quinteto foi responsável pela construção da primeira escola de língua japonesa da cidade (AECNB, 2008, p. 35). Ainda a respeito dessa situação Brum (2014) acrescenta que

Concluída a construção dos trilhos, os imigrantes, maioria procedentes de Okinawa, perceberam a fertilidade do solo e, com o dinheiro que economizaram, adquiriram chácaras na Mata do Segredo. O que os primeiros imigrantes desconheciam é que nessa região se escondiam assassinos e ladrões que assaltavam os passantes e saqueavam fazendas. Os desbravadores logo perceberam por que conseguiram comprar terras férteis por preço tão baixo. Mas os okinawanos decidiram enfrentar as hostilidades até porque, talvez, não lhes restasse outra saída [...] A colonização da Colônia Mata do Segredo, no entorno das nascentes do córrego que leva o mesmo nome, começou por volta de 1915, data que marca a autorização aos imigrantes japoneses a comprar suas terras. (BRUM, 2014, p. 119; 129)

A produção de café, milho, arroz, feijão e batatinha pelos okinawanos em Campo Grande, posteriormente foi substituída pelos hortifrutigranjeiros no entorno da cidade dando origem ao chamado “cinturão verde”. Durante muito tempo, os produtores, aproximadamente 350 imigrantes, foram os principais responsáveis pelo abastecimento da cidade com a comercialização em carroças nas ruas, nas feiras e nas bancas do Mercado Municipal (MINA SAN, 2018). A disposição das colônias em Campo Grande e a principal atividade de cada uma pode ser observada no quadro 1 abaixo:

¹³ Entre as colônias agrícolas criadas destacam-se a Colônia Mata do Segredo (uma das maiores e também mais antiga), Bandeira, Imbirussú, Ceroula e Rincão (AECNB, 2006).

Quadro 01. Colônias em Campo Grande e mediações (1914-1960)

Fundação		Colônia	Principal atividade/produção	Distância de Campo Grande
1	1914	Chacrinha	Hortaliças	No município
2	1917	Mata do Segredo	Cafê	5 km
3	1918	Bandeira	Hortaliças e criação de porcos	No município
4	1920	Imbirussú	Hortaliças, banana, criação de porcos	5 Km
5	1924	Mata do Prosa	Hortaliças, criação de porcos, bebidas	No município
6	1925	Cascudo	Hortaliças, criação de porcos	No município
7	1926	Mata do Ceroula	Cafê, verduras	7 km
8	1927	Rincão	Cafê	20 km
9	1929	Buracão	Arroz	10 km
10	1939	Lagoinha	Arroz	45 km
11	1939	Salobra	Arroz, grãos	36 km
12	1940	Córrego da Anta	Cafê, grãos	30 km
13	1940	Patelinho	Cafê, grãos	30 km
14	1940	Rochedinho	Cafê, grãos	30 km
15	1941	Indubrasil	Arroz, grãos	15 km
16	1941	Sidrolândia	Cafê, grãos	63 km
17	1942	Bonfim	Cafê, grãos	47 Km
18	1953	Rio Negro	Arroz, café, grãos	47 Km
19	1955	Quebra-coco	Banana, arroz, café	94 Km
20	1956	Yamato	Arroz, verduras	30 Km
21	1959	Várzea Alegre	Avicultura, fruticultura	50 Km
22	1959	Dois Irmãos	Cafê, arroz, grãos	120 Km
23	1960	Três Barras	Verduras	18 Km

Fonte: AECNB, 2005, organizado por Nishimoto, 2011.

A importância da Colônia Mata do Segredo, tanto para os okinawanos como para o desenvolvimento econômico de Campo Grande, foi lembrada em várias entrevistas realizadas pelo programa TV NIKKEY nos primeiros meses de 2018, inclusive com a criação de uma vinheta própria, para comemorar o centenário da maior colônia fundada pelos imigrantes no município. Além de horticultura e cafeicultura, eles se dedicaram também à plantação de cana de açúcar para produção de cachaça, gerando assim oportunidades de trabalho para mais imigrantes.

Era comum uma única casa abrigar várias famílias até que estas tivessem condições de manter seu próprio sustento. As antigas colônias tornaram-se bairros urbanizados, sem qualquer referência ao passado, mas ainda existem na memória dos imigrantes e descendentes que habitam na cidade (KUBOTA, 2015). Desde 1993 a Colônia Mata do Segredo integra o Parque Estadual Mata do Segredo com de 177,58 hectares, criado para a preservação de amostras do cerrado e matas em sua área, bem como da fauna e flora e manutenção de bacias hidrográficas.

Apesar da vida difícil e do trabalho árduo na lavoura, as lembranças para os antigos moradores da Mata do Segredo são de muita união, festas e alegria entre os descendentes de Okinawa. Dona Toshiko Arakaki (2018) lembra que nasceu na Colônia Imbirussú e tinha 4 anos de idade quando a família se mudou para a Mata do Segredo. Na época, um tio que veio antes de Okinawa para trabalhar na construção da ferrovia na região de Maracaju, já aposentado e proprietário de um comércio na cidade, emprestou dinheiro para o pai dela comprar a terra no Segredo. O pai de dona Toshiko veio de Okinawa casado, com três filhos e sem emprego. Na Colônia Imbirussú eles sobreviviam plantando banana e das verduras cultivadas em um terreno arrendado. De acordo com Arakaki (2018):

Assim que mudamos para as terras na Mata do Segredo, meu pai plantou cana, construiu uma fábrica de pinga e passou a produzir a “Saborosa”, considerada a melhor aguardente da região. Tudo era aproveitado: utilizávamos o bagaço da cana no lugar da lenha para destilar a pinga e o meu pai pagou o empréstimo ao meu tio com a aguardente. Toda semana ele despachava pelo trem 600 litros de pinga para Maracaju, até quitar a dívida. A fábrica funcionou até quando o meu pai morreu em 1952.

Para evitar que as crianças percorressem longas distâncias até a escola na Zona 1¹⁴ da Colônia, o pai de dona Toshiko, Kamé Adania, doou a área na Zona 2 onde foi construída a escola Coronel Antonino¹⁵, conforme mostra a figura 6 e que funciona até hoje (MINA SAN, 2008).

Figura 06. Escola Coronel Antonino na Colônia Mata do Segredo em Campo Grande (MS)



Fonte: Acervo pessoal Nilton Shirado

¹⁴ Devido à grande extensão a Colônia Mata do Segredo foi dividida em duas zonas (BRUM, 2014).

¹⁵ Em 1986, Kamé Adani, um dos fundadores da colônia, foi homenageado e emprestou o nome à escola que passou a se chamar “Escola Municipal Kamé Adania”, de acordo com o Decreto Municipal nº 4.268/1978 (MINA SAN, 2008, p. 33).

Os pais falavam a língua de Okinawa e poucas palavras em português, por isso ela aprendeu português na escola e em casa com as irmãs mais velhas. O costume okinawano, segundo ela, era apenas em casa, mas a família teve que adaptar-se à alimentação local:

No Brasil as verduras eram diferentes do Japão, muitos imigrantes trouxeram várias mudas de verduras de Okinawa, mas plantávamos arroz, feijão, milho e batata só para o consumo da casa. Lá no Segredo tinha de tudo; verdura e carne à vontade até para os empregados. Matava o gado e fazia uma espécie de arroz carreteiro com carne e costela e levava uma baciada para os trabalhadores. Tinha água encanada, quente e fria, o fogão esquentava a água através da serpentina (ARAKAKI, 2018)

Os estudos e, principalmente, o ensino da língua japonesa para os filhos, eram de suma importância para os imigrantes que tinham planos de retornar a Okinawa. Além das escolas nas colônias, em 1918 foi fundada a escola Visconde de Cairu em Campo Grande (MS) e, para garantir a educação dos filhos e o acesso aos estabelecimentos de ensino, em 1982 a comunidade da colônia Várzea Alegre localizada em Terenos fundou a Casa de Estudantes na capital sul-mato-grossense, construída pelos próprios colonos com ajuda da Jamic¹⁶ (AECNB, 2008).

O terreno foi doado pela prefeitura em 1981 para receber os filhos de imigrantes, mas com o tempo a casa passou a receber também estudantes em geral. A casa, localizada na Avenida Ernesto Geisel, tem refeitório, lavanderia e 24 quartos divididos em duas alas, a feminina e a masculina. No auge da ocupação chegou a receber 96 estudantes, sendo quatro em cada quarto. O regime era igual ao de um internato, com várias regras para seguir, observa Alex Heijiro Esaki (2018), morador da casa de 1992 até 2000. Apesar da mensalidade no valor de R\$ 500,00, sempre que necessário, a Associação Esportiva e Cultural Nipo-brasileira de Várzea Alegre, administradora da casa, contribui com as despesas de manutenção do local, esclarece Esaki (2018).

O espírito de solidariedade e união dos okinawanos na Mata do Segredo é lembrado com nostalgia pelas irmãs Leny e Cristina Adania ao se recordarem dos mutirões para construir as casas dos novos moradores, limpar o córrego e dos rojões que as famílias usavam no caso de assaltos a alguém ou residência e todos iam socorrer. Outra lembrança das irmãs é os alunos mais graduados ensinarem os mais novos:

Os alunos limpavam e cuidavam da escola. O sino da escola era usado também para alertar sobre vários acontecimentos como queimadas, reuniões e festas no final de semana. Havia integração e troca de produtos e

¹⁶ Empresa de colonização criada pelo governo do Japão para estimular a migração de japoneses para países da América Latina e Havai. A empresa financiava a compra de terras e criação de colônias agrícolas. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/JAMIC>. Acesso em 10 set 2018.

alimentos. Esse espírito comunitário e sentimento de cooperação, seja em festas ou na resolução de problemas da comunidade foi levado para a vida de cada um de nós, afirma Leny (ADANIA, 2018).

A infância feliz na Colônia também é lembrada por Cristina com as gincanas realizadas e as festas no final do ano, tanto na escola como nas residências, quando todos iam de casa em casa para cumprimentar uns aos outros e comemorar a chegada de um novo ano. Bastante festivos, sempre havia uma recepção para as visitas importantes vindas de São Paulo ou da região mesmo: “Tudo era motivo para uma festa: nascimentos, batizados, casamentos, boa colheita, enfim e todos ajudavam na organização e cooperavam com os alimentos” (ADANIA, 2018).

O auxílio mútuo entre os okinawanos e japoneses no Brasil pode ser observado na criação das primeiras cooperativas implantadas em Mato Grosso do Sul. Uma delas, a Cooperativa Agrícola de Campo Grande foi fundada em 1935 para atuar na negociação de preços, intermediar a comercialização, principalmente de arroz e café e fornecer crédito para os 159 pequenos produtores associados (MINA SAN, 2008). Já a Cooperativa Agrícola Mista de Várzea Alegre - CAMVA em Terenos, formada por imigrantes japoneses da Colônia Jamic, foi construída em 1957 e é uma das maiores produtoras de ovos do Estado. Antes mesmo da instalação oficial da cooperativa, os colonos se organizaram informalmente para administrar o uso do caminhão, doado no ato da instalação da colônia, e promover a assistência mútua entre as famílias. Foi através do trabalho recíproco que os cooperados viabilizaram financiamentos, energia elétrica, asfalto, telefone, escoamento da produção, estudos e esportes na Colônia Várzea Alegre (AECNB, 2008).

Outro exemplo de cooperativismo dos imigrantes e descendentes trazido para o Brasil é o *Moai ou tanomoshi* – ajuda mútua em japonês – que consiste em uma espécie de consórcio de dinheiro que não cobra nem juros nem taxas de administração, baseado na confiança entre as pessoas, com o objetivo de ajudar mutuamente uma comunidade ou grupo de amigos. O sistema *moai* foi inventado pelos imigrantes okinawanos e japoneses depois da Segunda Guerra diante das dificuldades encontradas em obter financiamentos dos bancos no Brasil. Os okinawanos já instalados também se cotizavam para receber em suas casas e ajudar os imigrantes que chegavam de Okinawa ou outros estados brasileiros.

Deixar a terra natal e os familiares e vir para um país com uma cultura tão diferente foi muito difícil para a maioria dos imigrantes que, além de todas as dificuldades de adaptação, idioma, más condições de trabalho, teve que lidar com as consequências da Segunda Guerra Mundial em solo brasileiro. Há relatos de casas serem apedrejadas, livros

queimados e até incêndios criminosos em residências de japoneses e okinawanos em Campo Grande. Muitos foram presos e perseguidos por possuírem livros em língua japonesa em suas residências, hastearem bandeiras do Japão ou cantar o hino japonês. Nilton Shirado (2018) lembra que o avô foi preso porque hasteou uma bandeira do Japão quando se noticiou falsamente a vitória do país. Por causa disso, passou 20 dias preso em Campo Grande (MS).

Como muito já foi divulgado a respeito da emigração (e imigração) dos okinawanos, a ênfase deste trabalho é em relação à comunicação e a reconstrução da cultura dos antepassados entre os okinawanos e seus descendentes em Campo Grande através do programa de televisão local TV Nikkey, voltado para a divulgação dos eventos e tradições da comunidade.

1.2. A importância das associações

As associações nipo brasileiras para os descendentes okinawanos representam o núcleo das tradições e perpetuação da cultura dos seus países, funcionando como uma espécie de “embaixadas regionais” onde a cultura e o apoio aos imigrantes e seus descendentes são os principais destaques. Há inúmeros registros do papel das associações no acolhimento dos imigrantes, destinação de recursos, ensino da língua da terra natal, cursos e várias atividades de integração. Em Campo Grande, como já afirmado anteriormente, a comunidade nipo brasileira mantém três entidades sendo a Associação Esportiva e Cultural Nipo Brasileira, Associação Okinawa (Figura 7) e Associação do Clube de Beisebol.

Figura 07: Fachada da Associação Okinawa - Campo Grande (MS)



Fonte: <http://www.okinawacgms.com.br/>

A Associação Esportiva e Cultural Nipo-brasileira (Nippaku Bunka Taiiku Kyokai) foi criada em 18 de agosto de 1920 reunindo okinawanos e japoneses e funciona no mesmo

prédio desde sua fundação, na Rua Antônio Maria Coelho, 1068, em Campo Grande (Figura 8). Kosho Yamaki, morador da colônia Chacrinha foi o primeiro presidente da AECNB. Até receber esta denominação, o que ocorreu só em 1962, a associação também foi chamada de: Rengo Nihonjinkai (Federação das Associações Japonesas, 1957) e Nippaku Taiiku Kyokai (Associação Esportiva Nipo-Brasileira, 1960).

Figura 08. Fachada da Associação Esportiva e Cultural Nipo Brasileira de Campo Grande



Fonte: <http://www.nipocampogrande.com.br/>

A Associação Nipo, como é conhecida, é responsável pela manutenção e administração da Escola Visconde de Cairu, primeira instituição de ensino voltada para a comunidade nipônica na capital Sul-mato-grossense. A maioria dos sócios tem descendência de Okinawa, mas desde sua fundação, os imigrantes tiveram a preocupação de manter uma representação do Japão em Campo Grande (MS) e por isso a entidade sempre foi aberta para receber pessoas de todas as províncias japonesas. Pelo último levantamento apresentado pelo presidente da AECNB, Nilson Aguenta, no início de 2019 a associação tem um quadro de 590 sócios pagantes.

Quando foi fundada em 1922, a Associação Okinawa de Campo Grande (Kenjinkai), formada exclusivamente por okinawanos, funcionava nas dependências da Associação Nipo e tinha como presidente o okinawano Kame Chinem. Para Nilton Kiyshi Shirado (2018) a divisão foi mais pela cultura diferente entre Japão e Okinawa e, como os okinawanos eram maioria, alguns consideravam que deveria existir uma associação voltada exclusivamente para a cultura da província:

Pelo que ouvia dos meus pais, também pode ser uma questão de vaidade de algumas pessoas já que 95% dos associados eram okinawanos. E assim foi

criada a Associação Okinawa lá dentro mesmo. Pode ter tido alguma rixa no início, mas hoje é tudo misturado, prova disso é a diretoria das entidades, ambas formadas por okinawanos e japoneses. Eu mesmo sou o tesoureiro da Associação Okinawa e ao mesmo tempo também sou o presidente do Conselho deliberativo da Nipo (SHIRADO, 2018).

Na época, de acordo com o estatuto, a Associação Okinawa foi criada como centro de auxílio mútuo, discussões e soluções de problemas e apoio às atividades desenvolvidas pelos imigrantes. Posteriormente, em meados de 1926, todas as associações okinawanas no Brasil foram unificadas com o nome de Kyuyo Kyokai, somando 40 subsedes e três associados com o objetivo de fortalecer as entidades.

Em 1962 a associação construiu sua sede própria na Rua dos Barbosas, 110, na Vila Orpheu Baís em Campo Grande (MS), como mostra a figura 6. O novo prédio foi viabilizado em decorrência da doação do terreno pelo Comendador Oshiro Takemori que viria a ser o fundador e primeiro presidente da associação em sede própria (ASSOCIAÇÃO OKINAWA, 2014). Segundo declaração do diretor de finanças, Nilton Kiyshi Shirado (2018), a AOKB-MS tem em torno de 270 sócios. Enquanto durou a Segunda Guerra Mundial, assim como no restante do país, os okinawanos membros da Associação Okinawa de Campo Grande (MS) também sofreram perseguições entre os próprios imigrantes e descendentes:

Durante a guerra em meandros de 1947 o grupo de okinawanos que compunha essa associação sofreu com a polêmica de vitoristas e derrotistas, visto que havia grupos que aceitavam a derrota do Japão na guerra e outros não. [...] Ainda nesse período, a Associação Okinawa, embora formada como grupo à parte da Associação Esportiva e Cultural Nipo-Brasileira, realizava suas atividades em conjunto com a mesma sem distinção de titularidades. (NISHIMOTO, 2011, p.71).

Na opinião de Bernardo Tibana (2017), okinawano e ex-presidente da Associação Nipo, o convívio entre japoneses e okinawanos em Campo Grande (MS) sempre foi bom e a cisão transcorreu tranquilamente: “o okinawano é festeiro e alegre por natureza e por isso não via problema algum em participar da mesma associação com os japoneses” e declara:

Se houve alguma animosidade foi logo na chegada dos imigrantes ao Brasil quando alguns japoneses discriminavam os okinawanos afirmando que eles não eram japoneses puros. Enquanto muitos imigrantes okinawanos se adaptaram em Campo Grande em função do clima parecido com o de Okinawa, muitos japoneses se fixaram nos estados de São Paulo e Paraná para fugir do calor de Mato Grosso do Sul. A Nipo congregou todos os imigrantes, mas alguns não aceitavam a padronização das atividades culturais (TIBANA, 2017).

Nishimoto (2011) observa que mesmo com denominações diferentes, as duas associações (AECNB e Okinawa), possuíam vínculos administrativos e todas as atividades

eram realizadas em conjunto, sem se prender a titularidades ou nomes até 1962, quando a Associação Okinawa constrói sua próxima sede e houve a cisão na administração tornando-se uma entidade independente:

Ainda nos dias atuais é possível ouvir de participantes das associações que a Associação Okinawa é para okinawanos e a Associação Esportiva e Cultural Nipo Brasileira para descendentes japoneses, como se houvesse necessidade de dividir o, o que indica pistas de que grupo a reprodução dessa ideia tem origem entre os japoneses que vivenciaram essa ruptura [...] Hoje há um clima amistoso entre ambas, não se percebendo nenhuma animosidade. Entre as novas gerações, nem se sabe o motivo de haver associações separadas e é frequente a participação dos descendentes nas duas ou nas três associações em momentos de festividades. Ocorre também que, embora as festividades, comemorações e atividades das três colônias tenham o desenho da cultura de Okinawa, ainda assim mantêm a participação tanto de descendentes de okinawanos, como não okinawanos, não se percebendo as distinções aparentes entre esses grupos ou atos discriminatórios, como ocorreu no passado entre os imigrantes japoneses (NISHIMOTO, 2011, p. 71-73).

Um dos fatores que ajudou nesta congregação entre japoneses e okinawanos em Campo Grande (MS), segundo Kubota (2008), foi a predominância de imigrantes de Okinawa em relação ao restante do Japão: “Essa característica fez com que as relações sociais entre okinawanos e não-okinawanos fosse muito mais amistosa do que a existente no Japão” (2008, p. 187). Desta forma, a autora destaca que no início o preconceito contra os uchinanchus realmente existia, mas foi se dissipando ao longo do tempo, resultando em uma convivência mais cordial e afetuosa que a existente em outros estados brasileiros e no próprio Japão.

Em Campo Grande essa comunhão pode ser constatada nas parcerias entre as associações na promoção de vários eventos como é o caso das festividades na ocasião do Dia da Imigração Okinawana e Japonesa, comemorada em junho, visita de autoridades de Okinawa e Japão, festivais de música e dança e competições esportivas quando as três associações se unem, incluindo o Clube de Beisebol. Nesta perspectiva, Nishimoto (2011, p. 74) observou que:

[...] cada associação representa os ideais de grupos de okinawanos e japoneses e cada qual dirige atividades de acordo com o entendimento do que uma entidade japonesa deve cumprir na atual conjuntura, que ora se assemelha, ora se diferencia das demais. Mas, não há dúvidas de que todas sobrevivem em prol dos interesses da comunidade okinawana e japonesa em fomentar e manter vivos os elos com a cultura de origem - agora cabendo essa tarefa aos descendentes de okinawanos e japoneses.

As atividades das associações Nipo e Okinawa de Campo Grande (MS) são desenvolvidas através dos vários departamentos divididos da seguinte forma: rossokai (grupo de homens e mulheres mais velhos que ajudam na realização dos eventos culturais como

bazares, karaokê e apresentação de canto e danças típicas); fujinkai (departamento só de senhoras acima de 60 anos); haikai (poesia japonesa e okinawana); seinenkai (departamento de jovens); departamento de tênis; departamento de beisebol; tênis de mesa; karatê; coral e departamento de danças folclóricas. Diariamente, as associações promovem cursos da língua japonesa, de instrumentos musicais como o taikô¹⁷ e o shamisen¹⁸, artes em cerâmica e papel (origami), de ikebana (técnica de arranjos florais) e culinária. As duas associações são abertas a toda sociedade e mantém sócios não descendentes, fora da comunidade” em seus quadros.

No Fujinkai, considerado um alicerce dos clubes, as mulheres se reúnem sistematicamente para preparar os alimentos, a decoração e os brindes das próximas festividades, além de comemorarem aniversários e promoverem a realização de bingos e outras cerimônias como o dia das mães. O dinheiro arrecadado com a comercialização dos pratos e salgados nos eventos é destinado para a Associação, já o valor angariado nos bingos é usado em viagens de lazer do grupo a outras cidades que tem alguma relação com a cultura okinawana.

Já a Associação Clube de Beisebol foi criada em 1982 pela necessidade de ter um espaço próprio diante do crescimento do interesse pelo esporte e número de atletas e também pelas competições que Campo Grande passaria a sediar. O esporte, segundo Nishimoto (2011), era praticado desde 1948 na escola da Mata do Ceroula do qual a primeira disputa que se tem notícia foi em 1954. A formação da equipe de beisebol ocorreu no ano seguinte com a realização de jogos intercolônias de Campo Grande e o primeiro campeonato de Mato Grosso aconteceu em 1961, assim:

[...] um dos novos atletas a entrar na equipe doou um terreno para a construção do campo de beisebol. Em 1974 foi criada a Federação Mato-Grossense de Beisebol e em 1982 criou-se uma equipe local para o desenvolvimento dos atletas, visto que neste ano aconteceria o campeonato brasileiro de beisebol, no qual essa equipe posicionou em segundo lugar. Foi assim que a Associação do Clube de Beisebol se configurou e, ainda em 1984, foi construído o Kaikan da sede desse clube. A Associação do Clube de Beisebol acabou por tornar-se independente das demais, com sede, administração e calendário de atividades próprias (NISHIMOTO, 2011, p.70).

Para Gomes (2012), as associações nipo-brasileiras delimitam o espaço e as relações frente aos outros povos: “São como centro ou células de reivindicação do poder, onde todos

¹⁷Instrumento de percussão, espécie de tambor, cuja superfície é confeccionada com pele de animal. É tocado com a mão ou com o uso de uma baqueta (PIRES, 2016).

¹⁸ Instrumento tradicional em Okinawa e Japão, com forma similar de um banjo, mede em torno de um metro de comprimento e tem apenas três cordas (PIRES, 2016).

os eticamente iguais reúnem-se para celebrar suas tradições e traçar estratégias de sobrevivência e ocupação de determinado território” (2012, p. 12).

As entidades são responsáveis também pela realização de palestras relacionadas à saúde e empreendimentos, bem como a apresentação de produtos de interesse dos associados. Os principais eventos da comunidade, promovidos através das associações, já fazem parte do calendário de festas de Campo Grande (MS) como o Bon Odori, o Undokai e os festivais do sobá e do peixe realizados na feira central.

A feira central¹⁹, onde são servidos os pratos tradicionais da cultura japonesa e okinawana, tornou-se ponto turístico para quem visita a Capital. O sobá, prato típico de Okinawa feito de macarrão caseiro, omelete fatiado e carne de porco, além de um festival realizado em agosto, ganhou um monumento em 2009 na entrada da Feira na Rua 14 de Julho, como mostra a figura 09.

Figura 09. Monumento ao sobá na Feira Central em Campo Grande (MS)



Fonte: <https://hashtag.com.br/soba-de-campo-grande-patrimonio-cultural-imaterial/>

Em 18 de julho de 2006, a iguaria típica okinawana foi tombada como patrimônio cultural imaterial através do decreto n. 9.685, consolidando a influência da cultura em Campo

¹⁹ A Feira Central, coordenada pela comunidade okinawana, existe desde 1925 e funcionou pelo menos em três lugares em Campo Grande até ser transferida em 2006 para a Esplanada Ferroviária na Rua 14 de Julho, 3351, Centro. Desde 1966 até 2006 a Feira Central funcionou entre as ruas José Antônio e Abrão Júlio Rahe no bairro São Francisco, quando foi transferida em função da construção do prédio da Igreja Universal no local (GOMES, 2012).

Grande (MS). Nesse sentido, em seu artigo sobre o sobá em Campo Grande, a mestra Laura Aparecida dos Santos Gomes (2012, p. 37) cita Kanashiro (2000) destacando que:

A globalização vem propiciando o retorno à valorização das identidades de origem dos ancestrais (japonesa e okinawa). Essa afirmação identitária das novas gerações vem se dando em dupla face, ou seja, como nipo-brasileiro. De um lado a identidade do país de origem de seus ancestrais e, de outro, a afirmação do sentimento e autoestima do “ser brasileiro”.

A questão da identidade tornou-se de extrema importância para os okinawanos como será detalhado no próximo capítulo.

2 A RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE OKINAWANA POR MEIO DO IDIOMA, ATIVIDADES CULTURAIS E COMUNICAÇÃO

O teórico e sociólogo jamaicano Stuart Hall (2005) concebe três tipos distintos de identidade: o sujeito do iluminismo, o sujeito psicológico e o sujeito pós-moderno. Enquanto o sujeito do iluminismo considerava o indivíduo unificado, cujo centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa, o sujeito sociológico é fragmentado, sem autonomia e sua identidade é baseada na interação entre o eu e a sociedade, o interior e o exterior. Já na pós-modernidade, o sujeito é definido como impermanente, assumindo identidades não unificadas, provisórias e distintas em diferentes momentos.

Hall considera que a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente não existe: “ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar” (2005, p. 13). Para o autor, as identidades modernas estão sendo deslocadas ou fragmentadas, caracterizadas pela diferença, efeitos da globalização e das mudanças rápidas e constantes, e destaca:

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado” ou “muito pouco” - uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao “jogo” da *différance*. Ela obedece à lógica do *mais-que-um*. E uma vez que, como num processo, a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui (HALL, 2008, p. 106).

Em se tratando de identidade cultural moderna, Hall (2005) considera que a formação ocorre “através do pertencimento a uma cultura nacional (...) e pode ser definida como pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior do discurso da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento” (2005 p. 70). Para Hall (2000, p. 109) a questão da identidade tem a ver mais com “quem nós podemos nos tornar, como nós temos sido representados, como essa representação afeta a forma como nós podemos nos representar a nós próprios, do que com a indagação de quem somos nós ou de onde viemos”. Por este viés, o sociólogo reforça seu posicionamento sobre a cultura:

Não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão a nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (HALL, 2005, p. 40).

Bauman (2005) compactua com Hall (2005) na ideia do deslocamento e da provisoriedade e fragilidade dos papéis identitários reiterando que a identidade está sempre em construção, algo formado ao longo do tempo e pode ser uma escolha, até mesmo momentânea, e não um critério pré-determinado como o local de nascimento. Assim, Bauman (2005) reforça que é melhor escolher identidades do que aceitar as que lhe são impostas muitas vezes por uma questão de segurança e comodidade. Desta forma:

Enquanto os sujeitos não entendem a perspectiva fragmentada das novas identidades, um certo estado de mal-estar os acomete, e por isso não encontram entendimento para a vivência de uma identidade continuamente em construção e/ou transformação. O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência (...), flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente ‘nem-um-nem-outro’, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente (BAUMAN, 2005, p. 32)

Na entrevista ao jornalista italiano Benedetto Vecchi, o sociólogo polonês declara que nos tornamos conscientes de que o pertencimento e a identidade não são garantidos para toda a vida e são negociáveis e renegociáveis e as decisões tomadas pelo indivíduo e a determinação de se manter firme a tudo isso são fatores cruciais para o pertencimento e a identidade (BAUMAN, 2005, p. 17).

Manuel Castells (1999), concorda que toda e qualquer identidade é construída e nunca se encerra, constituindo-se em “fonte de significado e experiência de um povo e sua formação passa por um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados” (1999, p. 23). Para o sociólogo espanhol, as identidades organizam significados que se legitimam e se auto sustentam ao longo do tempo e do espaço. Nesta ótica, acrescenta que:

A construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso (CASTELLS, 1999, p. 23).

O autor avalia que o indivíduo pode ter múltiplas identidades, mas esta pluralidade “é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social” (1999, p. 22). Com base nesta perspectiva Castells (1999) identifica três tipos de identidade: a legitimadora, a de resistência e a de projeto. Enquanto a legitimadora é inserida pelas instituições dominantes da sociedade e tem por objetivo racionalizar sua dominação, a identidade de resistência é concebida pelos indivíduos desvalorizados e estigmatizados pelos

argumentos da dominação. Já a identidade de projeto, ocorre quando os indivíduos constroem uma nova identidade utilizando questões culturais que vão redefinir sua posição na sociedade e transformar toda a estrutura social em redor.

No caso dos okinawanos, esta articulação entre o modo de vida, as atividades culturais e a reapropriação do idioma, possibilitou que os migrantes e seus descendentes reconstruíssem o seu passado e a sua própria história. Neste seguimento, Raymond Williams (2011) verifica que a cultura é essencialmente um modo de vida, um processo em construção constituído pelas práticas e costumes cotidianos de uma sociedade. Deste modo, observa-se que a língua assim como as manifestações culturais e a comunicação contribuem sistematicamente para a construção e preservação da identidade de um povo.

A constituição da identidade através das práticas culturais é compartilhada pela historiadora Ângela de Castro Gomes (2004) ao destacar a importância dos registros de memória que ao expressarem sinceridade e particulares dos imigrantes, são capazes de construir e perpetuar “uma identidade dotada de continuidade e estabilidade através do tempo” (2004, p. 17). Nesse aspecto constatamos a oralidade como uma ferramenta no apoderamento dos okinawanos onde através dos relatos de suas lendas, história de seus antepassados, dos provérbios, danças, música e culinária, a comunidade resgata suas tradições e a proximidade com a cultura uchinanchu. Sobre esta questão, Phillipe Joutard (2000) acrescenta: “a melhor homenagem que se pode prestar à memória dos excluído é transformar sua memória em história” (2000, p. 37).

Ernest Gellner (2005, p.48) analisa que a cultura em que nascemos se constitui uma das principais fontes de identidade cultural e o sujeito moderno, sem uma identificação nacional, vivenciaria um profundo sentimento de perda:

A ideia de um homem sem uma nação parece impor uma (grande) tensão à imaginação moderna”. Um homem deve ter uma nacionalidade, assim como deve ter um nariz e duas orelhas. Tudo isso parece óbvio, embora sinto, não seja verdade. Mas que isso viesse a parecer tão obviamente verdadeiro é, de fato, um aspecto, talvez o mais central, do problema de nacionalismo. Ter uma nação não é um atributo inerente da humanidade, mas parece agora, como tal (GELLNER, 1983, p. 6)

Em se tratando de nação, Hall (2005) não a vê como uma identidade cultural unificada e entende que “não é apenas uma entidade política, mas sim um sistema de representação cultural (...) possuindo o poder para gerar sentimento de lealdade e identidade. As pessoas participam da ideia de nação como é transmitido pela cultura nacional” (2005, p. 65). O autor destaca Schwarz (1986) para evidenciar o poder da nação na identificação de um sujeito:

A nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia de nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu “poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade” (2005, p. 49).

Quanto ao idioma, o linguista Ferdinand de Saussure é citado por Hall (2005) reforçando que a língua é um sistema social e não um sistema individual e a cultura nacional procura unificá-la como a única a ser falada, mas ela preexiste a nós: “Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais” (2005, p. 40). Ao se reapropriarem do idioma, os okinawanos ressignificam sua cultura através das ideias e sentimentos dos seus antepassados.

2.1 Idioma

Na imposição do espírito nipônico e erradicação completa da cultura okinawana de acordo com Alves (2016), a grande preocupação do governo japonês era a eliminação do *uchinaaguchi*²⁰ (dialetto próprio de Okinawa) e a implantação da língua-padrão japonesa, *ohyôjun-go* ou *futsû-go*. A pressão contra o dialetto se intensificou de tal forma que falar o idioma nativo constituía um motivo de punição nas escolas e de constrangimento para os idosos que não sabiam falar o japonês oficial (YAMASHIRO, 1997). Nesse sentido, como ressalta Pires (2016, p. 190), a língua okinawana-*uchinaaguchi* passou a ser fortemente desencorajada, reprimida e mesmo proibida em locais públicos:

Em Okinawa, ocorriam humilhações públicas aos residentes que usavam o dialetto local ao invés do japonês oficial, ou realizavam certas práticas religiosas ou culturais tradicionais. Todos estes fatores provocaram fortes descontentamentos populares, os quais raramente foram expressos publicamente no período, devido à forte repressão e ao clima beligerante decorrente das constantes guerras nas quais o Império japonês estava envolvido.

²⁰*Uchinaaguchi* - língua oficial de Okinawa. A língua okinawana é também conhecida como língua de Ryukyu e *uchinaaguchi*. O *uchinaaguchi* é um membro da família Nansei-shoto, ou ilhas do sudoeste em japonês. Embora compartilhe um ancestral comum e algum vocabulário e gramática com o Japonês, o Okinawano-*uchinaaguchi* é em grande parte incompreensível para falantes de japonês. Seu sistema de tratamento honorífico é muito mais rico que o do japonês. Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42775209>.

A opressão ao idioma também persistiu durante a Segunda Guerra Mundial quando, sob o argumento de lealdade e reverência ao imperador, os okinawanos que conversassem no “dialeto local” (*uchinaaguchi*) podiam ser considerados espiões, sendo tratados e punidos enquanto tal (OTA, 1981). Estima-se que mais de mil pessoas foram mortas por falar a língua okinawana.

A ênfase do nacionalismo nipônico e a discriminação do regionalismo na província de Okinawa perpetuaram no pós-guerra, tanto no Japão como nos países para onde migraram milhares de okinawanos e japoneses em busca de trabalho e de melhores condições de vida. Segundo Yamashiro (1997), por conta da campanha nacionalizante e do engajamento (obrigatório) dos próprios okinawanos, o nacionalismo e o militarismo, assim como aconteceu em todo Japão, se infiltrou em Okinawa e veio para o Brasil junto com seus imigrantes.

No Brasil, desde 1926, para fugir das situações constantes de discriminação, segundo observação de Mori (2003), os imigrantes okinawanos eram orientados por suas lideranças locais a evitarem falar em *uchinaaguchi* e não exporem suas práticas culturais e religiosas principalmente em frente aos japoneses.

O idioma okinawano ou *uchinaaguchi* faz parte da família das Línguas ryukyanas e é dividido em dois dialetos principais: o central e o meridional²¹. Além de Okinawa onde foi um dos idiomas mais falados, o *uchinaaguchi* também predominava em uma série de outras ilhas com cerca de 900 000 falantes, conforme ressalta Sasaki (2012).

De acordo com o autor (2012), existem quatro línguas correlatas faladas nas ilhas Ryukyu: Amami (Shimayumusa), Miyako (Myakufutsu), Yaeyama (Yaimamuni) e Yonaguni (Dunangmunui). Assim como o *uchinaaguchi*, esses idiomas são mutuamente incompreensíveis uns com os outros, como ocorre entre o okinawano e o japonês. São línguas muito ameaçadas de extinção, faladas principalmente por pessoas mais velhas. Ryukyanos jovens tendem a falar japonês com sotaque Ryukyu.

O *uchinaaguchi* ou dialeto de Shuri²² Okinawa, foi nomeado como língua padrão durante o reinado do rei Sho Shin (1477-1526)²³ e era usado como a língua oficial da aristocracia e imortalizado nas canções e poemas daquela época segundo Sasaki (2012). A

²¹O contato entre as duas línguas gerou o dialeto conhecido popularmente como *uchinaayamatuguchie* denominado tecnicamente como *ryukyu-creoloid* pelo linguista japonês Karimata, que compreende o dialeto como uma língua semicrioula (GIBO, 2014).

²²Shuri, ou Sui: antes uma cidade autônoma, foi a capital do reino de Ryukyu. Hoje é um distrito da cidade de Naha, capital de Okinawa (SAKIMA, 2000).

²³Foi um rei do Reino de Ryukyu, o terceiro da linha da Segunda Dinastia Shō. O longo reinado de Shō Shin foi descrito como os "os Grandes Dias de Chūzan", um período de grande paz e relativa prosperidade (SAKIMA, 2000).

escrita chinesa predominou na maioria dos textos dos habitantes das ilhas Ryukyu até o século XIII quando o idioma okinawano passou a ser escrito em hiragana²⁴.

Sasaki (2012) esclarece ainda que as pessoas continuaram a usar o *uchinaaguchi* na literatura local, até o século XIX quando as ilhas Ryukyu foram invadidas e anexadas pelo Japão, em 1879, e o uso do *uchinaaguchi* e de outros dialetos locais nas escolas foi desencorajado, tanto para fala quanto para escrita:

O japonês baseado em dialeto de Tóquio se tornou a linguagem da educação e o uso do uchinaguchi escrito praticamente desapareceu. Desde 1945, a escrita do *uchinaaguchi* foi revivida com o uso de sistemas de escrita baseado no alfabeto latino ou o silabário katakana concebido por estudiosos japoneses e americanos. Não há atualmente nenhuma maneira padronizada de escrever o idioma. Algumas pessoas preferem escrever com hiragana e kanji (SASAKI, 2012).

Um estudo feito pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2009 sobre as línguas consideradas ameaçadas de extinção no mundo revela que o uchinaaguchi está entre os oito idiomas em perigo de desaparecimento no Japão, sendo seis originárias das ilhas do arquipélago de Ryukyu: amami, hachijo kunigami, okinawano-uchinaaguchi, yaeyama e yonaguni²⁵. O reconhecimento das línguas de Ryukyu como idiomas e não como dialetos do Japão conforme verifica Uehara (2015, p. 156):

(...) representa também uma dramática mudança nas disputas da linguística japonesa uma vez que a dialetologia japonesa cumpriu um papel central na racionalização das línguas de Ryukyu como “dialetos japoneses” em confluência com a ideologia nacionalista do período Meiji.

Na concepção de Kanavillil Rajagopalan²⁶ (2005), linguista indiano radicado no Brasil, a língua está relacionada diretamente como forma de dominação cultural, sendo necessário repensar o próprio conceito de língua que temos hoje. A língua como instrumento de resistência e reafirmação da identidade de um povo, vem sendo defendida por antropólogos e linguistas que, assim como Rajagopalan (2005), enfatizam a linguagem como um conceito muito mais amplo.

Ser "*uchinanchu*", conforme relata Sakima (2000) no livro *Imigração Okinawana no Brasil*, é na verdade um estado de espírito que vem se desenvolvendo ao longo de sua história,

²⁴Sistema japonês de escrita silábica, com 48 elementos, que complementam os ideogramas de origem chinesa (*kanji*), para indicar distinções gramaticais próprias da língua japonesa (GIBO, 2014).

²⁵O estudo está disponível em: < <http://www.unesco.org/culture/languages-atlas/index.php>>. Último acesso em 05 de maio de 2017.

²⁶Estudioso da área de linguística, atualmente é professor titular da UNICAMP e tem o seu interesse como pesquisador especialmente voltado para questões que abrangem política linguística. . Escreveu e organizou vários livros: *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*, *A Geopolítica do Inglês*, *A língua que nos faz falhar*, *Nova Pragmática – Fases e Feições do Saber*, entre outros (RAJAGOPALAN, 2005).

de modo tão peculiar, que o diferencia radicalmente de todas as outras províncias japonesas e que tem dado a ele um diferencial dentro da comunidade nipo-brasileira. Esse sentimento é destacado por Souza (2009, p. 106) que, na ocasião da comemoração do centenário da imigração uchinanchu no Brasil em 2008, observou:

[...] o quanto as festas exclusivamente uchinanchu evidenciam uma configuração de pertencimento e articulação de uma comunidade diferente da maneira como a comunidade nikkey se apresenta. O elo de pertencimento identitário ao espírito uchinanchu foi celebrado no Brasil por delegações vindas de Okinawa, Japão, México, Peru, Argentina, Havaí, Califórnia. O reconhecimento de que pessoas não descendentes de uchinanchu, desde que interessadas em conviver e aprender sua cultura possui também o kokoro (coração, também sentimento) e o espírito uchinanchu contrasta vivamente com a extrema compartimentação em múltiplas categorias que existe entre os Nikkey.

Para o autor, os uchinanchus valorizam não só o interesse em sua cultura como declaram que uma de suas virtudes é o grande interesse e a abertura às demais culturas, bem como a valorização da mistura cultural ocorrida devido ao movimento diaspórico com a dispersão por diferentes países (SOUZA, 2009).

Nmarijima nu kutubawasshiineekuni n wasshiin - “Esquecer sua língua nativa significa esquecer o seu país natal”: um dos mais conhecidos provérbios okinawanos é bastante citado pelos imigrantes para destacar a importância da relação dos uchinanchus com a terra natal Okinawa-Uchiná”. Para eles, mais que um idioma, o uchinaaguchi é a evocação de uma identidade, de um lugar que existe basicamente na memória dos okinawanos e seus descendentes e nos sentimentos repassados a eles por seus antepassados. E mais que comunicação, o uchinaaguchi para os okinawanos, como destaca Uema (2015), tem relação com o sentimento do “ichariba choodee”, um provérbio de Okinawa que pode ser traduzido como: “a partir do momento em que nos encontramos, somos como irmãos” ou “encontrando-nos pela primeira vez, nos tornamos irmãos”:

O uchinaaguchi tem um ar mais “okinawano”, ou seja, aquele sentimento do “ichariba choodee”. Okinawano tende a ser mais caloroso que o japonês. Ou seja, o uso decorativo da língua faz alusão aos estereótipos comuns que se atribuem a Okinawa. [...] A língua não tem fim comunicativo nenhum, portanto, não existe nenhuma preocupação com relação à ortografia correta da palavra, até mesmo porque os uchinaanchus de hoje, em sua maioria, não sabem falar a língua. Eles não têm como saber qual é a pronúncia correta (UEMA, 2015).

Por vários motivos, alguns já relatados aqui como a imposição do idioma japonês e a proibição de utilizar o uchinaaguchi em Okinawa, a língua okinawana é quase inexistente na literatura, livros didáticos e até mesmo na comunicação dos uchinanchus e seus descendentes.

Os próprios okinawanos têm dificuldades no domínio do idioma e uso dos termos corretos uma vez que o idioma deixou de ser ensinado nas escolas e houve a padronização do japonês como língua oficial. Segundo a AOKB²⁷, não há dicionários de uchinaaguchi publicados no Brasil. O que existe são dois dicionários sendo um do Japão que é o do padrão “Shuri” e o outro de variante popular, escrito no Havaí baseando-se em informações dos descendentes de okinawanos residentes naquele arquipélago dos Estados Unidos.

A falta de livros e outros registros sobre a vida dos antepassados em Okinawa dificultou o conhecimento dos descendentes de suas origens e a manutenção do idioma, desse modo Pires (2016, p. 18), assegura que a história oral torna-se indispensável na reapropriação da identidade uchinanchu:

Considerando a escassez bibliográfica e de fontes e materiais, a decisão, pela história oral, deu-se fundamentalmente por duas razões: a primeira foi a percepção de que a esmagadora maioria dos elementos fundamentais que compõe o discurso identitário dos okinawanos no Brasil, como as danças, músicas, a religiosidade e a alimentação, são transmitidos e significados pelos membros do grupo de modo oralizado, uma vez que são compreendidos e sentidos por meio de práticas (comendo, dançando, tocando, assistindo, orando) e não por intermédio de leituras, reflexões e análises; a segunda, deveu-se à consciência do prejuízo e da inadequação de tratar de um tema como construção identitária sem levar em consideração o que os próprios membros da comunidade tinham a dizer sobre o assunto.

Laís Miwa Higa Umi (2015) relata em sua dissertação “*Umi Nu Kanata – do outro lado do mar: história e diferença na “comunidade okinawana brasileira”* que o uchinaaguchi é mobilizado apenas internamente ou junto a pessoas que são consideradas próximas à “comunidade”, denotando familiaridade e afetosidade em relação à Okinawa. O uso da língua, como observa a autora, produz a aproximação consanguínea ou “cultural” com a ilha (UMI, 2015). Por outro lado, o jornal Utiná Press²⁸, periódico voltado para a comunidade okinawana no Brasil, verifica que:

O dialeto de Okinawa (*uchinaaguchi*), segundo especialistas, possui a mesma origem da língua japonesa, sendo que esta última sofreu mais modificações ao longo do tempo, enquanto que a língua de Okinawa manteve-se mais fiel às raízes. Mesmo dentro de Okinawa há vários subdialeto, que variam de acordo com cada região, geralmente o mais usado é o de Naha, atual capital de Okinawa. Apesar da origem em comum, há

²⁷ Associação Okinawa Kenjin do Brasil

²⁸ O jornal, voltado para atender a comunidade okinawana no Brasil, foi criado em 1997 pelo publicitário Marcelo Tinem e um sócio, com o nome de Utiná News. Em 1999, quando a sociedade foi desfeita, o jornal passou a se chamar Utiná Press. Sua distribuição é feita pelos Correios para assinantes e o valor da assinatura é para o pagamento da postagem (ALVES, 2016).

várias palavras que são totalmente diferentes da língua japonesa, como por exemplo, a palavra “cabeça” (*atama*, em japonês e *tiburu*, no dialeto de Okinawa (Utiná Press, ed. 5, 2015).

Ainda de acordo com o jornal em sua versão *online*: “o uso do dialeto em Okinawa foi enfraquecendo desde a Segunda Guerra Mundial, mas atualmente existe um movimento que tenta preservar a existência desta língua tipicamente okinawana” (Utiná Press, 2017). O jornal tem circulação mensal e desde 1999, em cada edição do Utiná Press, a coluna “Língua de Okinawa” apresenta vários vocábulos nas três línguas: português, japonês (nihongo) e dialeto de Okinawa (uchinaaguchi), sendo seguidos, por vezes, explicações de seu uso, inexistente na língua portuguesa.

2.1.1 Um exilado linguístico

O jornalista e pesquisador de idiomas Ozias Alves Júnior, de Biguaçu (SC), editor do JBFoco²⁹, escreve livros sobre idiomas minoritários brasileiros para a coleção “Parlons” (Vamos falar) da editora francesa L’Harmattan³⁰. O “Parlons uchinaaguchi (Okinawa-gô)³¹” é o quinto livro sobre idiomas em extinção publicado pelo jornalista que decidiu pesquisar o idioma de Okinawa por sugestão de um leitor, descendente de okinawanos, preocupado com o possível desaparecimento do uchinaaguchi cujos falantes hoje estão mobilizados para que a língua não deixe de existir completamente.

Antes de publicar sobre o idioma okinawano, o autor escreveu primeiramente sobre o “Parlons nhengatu-tupi”, língua derivada do tronco linguístico tupi e falada nas regiões amazônicas da América do Sul (2010). Em seguida escreveu sobre o “Parlons Hunsrückisch³²”, dialeto alemão falado na região do Hunsrück, no sudoeste da Alemanha e em algumas regiões de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná e Espírito Santo (2013); “Parlons Talian”, dialeto italiano falado em Santa Catarina e Rio Grande do Sul também foi publicado no mesmo ano (2013) e, por último, “Parlons Xokleng”, idioma dos índios Xokleng/Laklãnõ, que vivem no interior de Santa Catarina (2014).

Todos os livros têm uma estrutura em comum com a primeira parte dedicada à história do povo falante da língua, a segunda trata da descrição gramatical do idioma seguida

²⁹ O Jornal Biguaçu em Foco com sede em Biguaçu (SC) tem circulação diária impressa e disponível também online no endereço www.jbfoco.com.br (ALVES, 2016).

³⁰ Editora L’Harmattan, de Paris, com 207 livros publicados sobre línguas minoritárias de todo o planeta, tem por objetivo catalogar todos os idiomas existentes. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/entretenimento/noticia>. Acesso em 03Mai 2016

³¹ Okinawa-gô: como os japoneses se referem ao uchinaaguchi (ALVES, 2016)

³² No município de Antônio Carlos, localidade emancipada de Biguaçu (SC), tornou-se língua oficial desde 2010 (ALVES, 2016).

por um capítulo de conversação com as lições iniciais do idioma. A quarta parte é reservada para a cultura do povo e traz informações sobre a literatura, música, folclore, artes, entre outras coisas. Já a quinta e última parte é a dos léxicos francês- idioma abordado e vice-versa.

Durante sua pesquisa, realizada principalmente entre a comunidade okinawana em São Paulo (SP), Alves (2016) entrevistou vários descendentes de Okinawa, diretores da Associação Okinawa Kenjin do Brasil, professores e estudantes do *uchinaaguchi* e constatou que a língua era ágrafa, oral e não foi ensinada nas escolas. Segundo a professora Keiko Yonamine, entrevistada por Alves (2016, s. p.): “se algum aluno insistisse em falar *uchinaaguchi*, ficava de castigo segurando uma plaquinha onde estava escrito “Hoogen Fudá”, ou seja, que o jovem era falante de dialeto e por isso era ridicularizado pelos colegas de sala de aula”. A professora, que nasceu em Okinawa e veio para o Brasil em 1982, aos 34 anos de idade, afirmou que o *uchinaaguchi* não era visto com bons olhos na província e por isso era mais usado nas conversas em casa e quase nunca em público. Ao mudar-se para São Paulo, Yonamine descobriu que o *uchinaaguchi* é muito mais falado na capital paulista do que na sua terra natal. E o motivo é simples segundo João Mezashi, outro entrevistado por Alves: “Aqui no Brasil o *uchinaaguchi* desenvolveu-se melhor porque não havia mais a pressão do governo japonês como acontecia lá em Okinawa”. De acordo com Alves (2016), raríssimas crianças conhecem a língua falada basicamente pelas pessoas mais velhas.

A mesma constatação foi feita pelos okinawanos que vieram ao Brasil por ocasião das comemorações do centenário de imigração okinawana e japonesa em 2008. Portanto, como descreve Alves (2016), enquanto em Okinawa o idioma lentamente entrou em declínio no seu número de falantes, fenômeno impulsionado pelo preconceito linguístico e predomínio do japonês, no Brasil, principalmente no estado de São Paulo, o idioma continuou vivo, falado não só por idosos, mas também pelos mais jovens. O espanto e admiração com o uso do *uchinaaguchi* em São Paulo foi relatado por Alves em uma de suas entrevistas sobre o livro:

Muitos turistas japoneses e okinawanos viajaram para São Paulo com o objetivo de assistir as comemorações e rever ou conhecer parentes. Entre esses turistas, um expressivo número de okinawanos que ficaram deslumbrados com o fato, diziam: “você falam a nossa antiga língua. Que maravilha! Não a deixem morrer como está acontecendo em Okinawa!” (JBFoco, 2016)

O Brasil, como menciona Alves (2016), concentra em torno de 1,5 milhão de descendentes de japoneses e okinawanos, sendo de 10% a 20% de Okinawa, os quais a maioria residente em São Paulo, principalmente nos bairros da Liberdade e Vila Carrão, zona leste da capital paulista. Antes de 2008, segundo o autor, não havia nenhum curso de

uchinaaguchi na capital paulista: a língua era apenas oral, não tinha escrita, nem era usada nos jornais ou correspondências da comunidade. Foi a partir do centenário da imigração que houve um despertar da comunidade para a necessidade de se recuperar e preservar o idioma, relata Mezashi (ALVES, 2016).

A ideia de promover cursos de uchinaaguchi partiu de Tamotsu Komesu, dirigente da Associação Okinawa do bairro Vila Carrão, São Paulo, logo após o encerramento das festividades do centenário. Conforme relata Alves, ao despedir-se de um primo do pai dele, um professor aposentado de Okinawa, ouviu emocionado: “Vocês não podem deixar o uchinaaguchi morrer, é nossa cultura, nossa identidade” (ALVES, 2016). E assim como Komesu, outros dirigentes da Associação Okinawa da Vila Carrão se mobilizaram para fundar os cursos de ensino de uchinaaguchi, mas se depararam com um problema: não havia um só manual do idioma e também nenhum livro didático sequer da língua com instruções em português. A solução encontrada pelos dirigentes foi a adaptação da didática do ensino da língua japonesa para o uchinaaguchi pelo ex-professor de japonês, Tyoti Miyagui. Assim surgiu o primeiro curso de uchinaaguchi, em 2009, na Associação Okinawa de Vila Carrão, como esclarece Alves (2016). Os participantes do primeiro curso de uchinaaguchi estão retratados na figura 10.

Figura 10. Primeira aula de uchinaaguchi na Associação Okinawa da Vila Carrão em São Paulo (SP)



Fonte: Acervo pessoal de Ozias Alves Júnior.

Desde 2010, o Colégio Exatus³³ em São Paulo (SP), fundado por descendentes de Okinawa, tornou-se um “Centro de Estudos da Língua Uchinaaguchi”. Além de ensinar o idioma, também faz o levantamento e compilação de documentos e vocábulos da língua (ALVES, 2016).

Em suas entrevistas com os descendentes de Okinawanos em São Paulo, Alves (2016) descobriu que o reforço para o ensino veio em 2012, através da paulista Lucila Etsuko Gibo que, depois de cursar o mestrado em Letras em Okinawa, juntamente com mais três colegas da universidade de Ryukyu, decidiu ajudar a comunidade uchinanchu no Brasil, e elaborou o primeiro manual de ensino de uchinaaguchi em português. O idioma tem variações de palavras e expressões conforme as ilhas, as regiões; a idade e a posição social a quem se dirige a palavra, assim como vocabulário específico para homens e mulheres. O manual básico contém onze lições; e uma segunda apostila intermediária está sendo concluída.

Apesar da demanda pelo ensino, o primeiro dicionário de uchinaaguchi só foi publicado no Brasil no final de 2016 pela Universidade de Ryukyu, com a colaboração de Lucila Gibo, Celso Shiroma e Eduardo Akira Uema. O dicionário Okinawano-português teve como base o dicionário Okinawan-English Wordbook³⁴ publicado pelos okinawanos que emigraram para o Havaí³⁵.

Porém, se por um lado quase não há livros, jornais, revistas e outros documentos em uchinaaguchi, a língua está presente essencialmente na música, na dança, na poesia e no teatro de Okinawa. Nas aulas do Colégio Exatus, os alunos são incentivados a trazer músicas e outros materiais no idioma para serem estudados na sala de aula. As letras das músicas, como apurou Alves (2016) junto aos entrevistados para o livro, refletem justamente a poesia e o espírito de solidariedade entre o povo okinawano e ajudam a compreender o uchinaaguchi e a cultura de Uchiná:

Tinagu nu hanaya/ Chimisachinisumit/Uya nu yushigutuya/
Chimunismiri/Tinsagu-nu Hana (A flor de Tinsagu).
Tradução: “Com a flor de Tinsagu/eu tinjo as minhas unhas/com os
ensinamentos dos meus pais/tinjo meu coração (ALVES, 2016).

³³As aulas acontecem aos sábados das 9h30 às 12h30 e das 13h às 15h (ALVES, 2016).

³⁴ Criado a partir de um manuscrito deixado por Mitsugu Sakihara, antigo professor da Universidade do Havaí, em trabalho conjunto entre os linguistas dessa universidade e da Universidade de Ryukyu (GIBO, 2014).

³⁵ Nos EUA, segundo dados da CIA, em 2015, mais de 1,350 milhão da população do país são de japoneses, okinawanos e descendentes, sendo que no Havaí cerca de 1/3 da população são de origem okinawana e japonesa (GIBO, 2014).

2.2. Atividades culturais

Outras formas da reconstrução da identidade okinawana são as atividades culturais celebradas pelos descendentes no sentido de preservar as tradições através da dança, música, artes marciais, culinária e várias outras festividades e confraternizações. Além de cultuar suas tradições e estreitar os laços entre as famílias uchinanchus, “as festas são momentos de exaltação e de euforia, onde se demonstra a união, hospitalidade, cortesia, comensalidade; elementos freqüentemente conferidos ao modo de ser uchinanchu” (SOUZA, 2009, p. 73). Nesse segmento, Hall (2005, p. 12-13) entende a reapropriação da identidade como um processo contínuo onde através das festividades e vida social, pode ser definida como “uma celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas como somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Para os okinawanos, mais que as celebrações, a cultura passa pelo “conhecimento, solidariedade, identidade e abertura ao outro e estes tem sido para os imigrantes e seus descendentes os principais recursos de seu desenvolvimento”, como observou Gomes (2012, p. 74). Nesse segmento, a autora destaca a importância desses princípios:

Estes, ao serem estrategicamente potencializados como elementos de troca cultural no cotidiano vivido, num processo de protagonismo e criatividade, constituem sua principal fonte de poder transformador em prol da realização de suas utopias. Os contextos propiciam necessidade de mudança, mas as transformações em prol de cenários desejados de vida emergem do interior, por meio de processos específicos à cultura.

Entre as festas tradicionais promovidas pela comunidade em Campo Grande (MS) destacam-se o Bon Odori e o Undokai, promovidas pela Associação Nipo na sede de campo com a participação de toda a comunidade nipônica e campo-grandense em geral. O Undokai é a grande gincana poliesportiva que reúne toda a família em disputas como cabo de guerra, corridas da centopéia, da colher com ovo, saco de estopa, caça ao noivo, ao tesouro e outras brincadeiras envolvendo três gerações. Realizada no mês de maio na sede campo da Associação Nipo, a gincana apresenta vinte e quatro tipos de provas no total de acordo com a faixa etária dos participantes. Sobre as provas realizadas, o ex-presidente da AECNB Marcos Tiguman (2015), em entrevista ao documentário Arigatô recorda que:

Existe uma prova no Undokai que se chama corrida das três gerações, em que correm lado a lado, os pais e os filhos. São três gerações correndo com um objetivo e nós premiamos não quem chega em primeiro lugar, mas aquelas equipes que terminam a prova. Então isso representa o espírito do Undokai, que representa o espírito de nossa comunidade. Há um respeito muito sério dos mais idosos e isso a gente não abre mão de jeito nenhum.

As premiações são simbólicas. No local são montadas várias barracas com comidas típicas de Okinawa, doces, bonés, camisetas e também são disponibilizadas várias brincadeiras com as crianças. Várias famílias de descendentes da Colônia Jamic, Aquidauana e Dourados também participam da gincana todos os anos. No final da competição, todos os participantes, principalmente as crianças, ajudam na limpeza geral do clube. O evento é aberto ao público em geral e promove a integração da colônia nipo-brasileira com a comunidade campo-grandense reunindo milhares de pessoas durante todo o dia (Figura 11).

Figura 11. Prova durante a gincana Undokai na sede campo da Associação Nipo-CG (MS) - 2018



Fonte: Acervo AECNB.

O Bon Odori-Finados e dança, realizado no mês de agosto, trata-se de cerimônia budista que celebra a memória dos ancestrais e a colheita e o plantio do arroz e do milho. O salão do clube é decorado com flores, cortinas e lanternas confeccionadas com papel colorido para iluminar a alma dos antepassados em dia de festa de finados. A festa simboliza também gratidão pela boa colheita e celebra as almas e espíritos dos antepassados através da dança. Crianças, adolescentes e adultos dançam em círculo ao som do shamisen e das batidas do tambor. Os movimentos delicados da dança representam cinco gestos básicos: colher, ceifar, semear, agradecer e festejar.

Durante o encontro há apresentações culturais com tambores, dança, música tradicional japonesa, além de comidas típicas da colônia local, como sobá, sushi, tempura, espetinho, sukiyaki, manju, yakisoba e moti. O evento é comemorado desde 1999 em Campo

Grande e reúne milhares de pessoas durante os três dias de festa na sede da Associação Nipo Campo (Figura 12).

Figura 12. Dança na festa do Bon Odori na Associação Nipo de Campo Grande (MS) em 2017



Fonte: acervo AECNB.

O Bonenkai, como é chamado o ano novo pelos okinawanos é uma data bastante festiva entre a comunidade, considerada mais relevante que o natal. A reunião marca o início das atividades do ano e, além da celebração de uma missa, há a preparação do *moti*, bolinho de arroz japonês, que representa a união. Nas famílias mais tradicionais o *moti* é feito em um pilão com auxílio de uma marreta de madeira onde duas pessoas batem e colocam água ao mesmo tempo até o arroz não grudar mais no bastão ou pilão. O bolinho é colocado em altares e distribuído para as pessoas colocarem nas casas e carros para dar sorte e também em respeito aos ancestrais. Em Campo Grande, já se tornou tradição a Associação Nipo preparar e distribuir o *moti* no dia 1º de janeiro nas dependências da sede do centro para possibilitar a cobertura do evento pela imprensa.

Já o Shinnenkai (*shinnen* = ano novo e *kai* = reunião) é a confraternização propriamente dita para saudar o início de um novo ano e que pode se estender por todo o mês de janeiro e fevereiro. Nesse período algumas associações realizam uma confraternização para receber os aniversariantes do signo correspondente ao ano novo chinês, que é baseado no

calendário lunar. De acordo com a astrologia chinesa 2018 é o ano do cachorro e 2019 será o ano do porco.

Cabe ao Departamento Rossokai (homens e mulheres acima de 60 anos) promover bazares beneficentes, torneios de karaokê, reuniões e ensinar a tradicional dança japonesa, entre outras atividades. Já o Departamento do Haikai incentiva a criação e divulgação dos poemas curtos e objetivos de origem nipônica, geralmente com apenas três versos: “hai” = brincadeira, gracejo, e “kai” = harmonia, realização. Um exemplo de haikai famoso é a poesia de Ôshima Ryôta abaixo ao descrever a curta florada da cerejeira, do desabrochar até a queda das flores, retratada na figura 13 abaixo.

Figura 13. Poema em haikai



Fonte: <http://www.cacadoresdelendas.com.br/japao/haikai-poemas-japoneses>

Todo início de ano as associações de Campo Grande também realizam uma grande festa em homenagem aos aniversariantes com 85 anos ou mais. Chamada Kei Ro Kai, a comemoração tem o objetivo não só de homenagear estes aniversariantes, mas também o de agradecer a dedicação dos odiissans e das obaassans³⁶ em manter a tradição e a cultura japonesa e okinawana ainda latente em suas famílias e na colônia (TOMODACHI, 2000, p. 2).

Outra celebração importante é o dia 18 de junho, data em que os japoneses e okinawanos comemoram a chegada do Kasato-Maru no Brasil, em 1918, trazendo a bordo os primeiros imigrantes. O centenário da Imigração foi bastante comemorado em todo o país

³⁶ Como são chamados os vovôs e vovós pelos japoneses e okianwanos (TOMODACHI, 1998)

com a presença de autoridades e visitantes do Japão e Okinawa. A data faz parte do calendário escolar, cultural e turístico de Mato Grosso do Sul que instituiu o dia 18 de junho como o Dia da Comunidade Japonesa em reconhecimento à contribuição dos japoneses e okinawanos para o desenvolvimento do estado.

Em Campo Grande, por ocasião da data, os descendentes recebem anualmente homenagens na Câmara Municipal e Assembleia Legislativa. No município, a Sessão Solene em comemoração ao Dia da comunidade Japonesa foi instituída por meio da Lei Municipal nº 3.342/1997 e no legislativo estadual a data está prevista de acordo com a Lei nº 1.979/1999. Nesta época o TV NIKKEY produz reportagens especiais sobre as solenidades.

Todos os anos as associações realizam também o concurso da Miss Nikkei, festivais de dança folclórica, torneios de karaokê, gincanas, apresentações de *taikô*, artes marciais, campeonatos de *karatê*, *Gate-ball*³⁷, *shogui* (versão japonesa do xadrez) e o *Igô*³⁸, entre outras competições. Os campeonatos de *Gate Ball* costumam reunir milhares de atletas de todo o país e os jogos são realizados nos campos da Associação Campo-grandense de Beisebol.

A dança ocupa um espaço importante entre as tradições okinawanas por estabelecer ligação direta com o passado, o contato com a terra e a cultura *uchinanchu*. Conhecida como *Ryukyu Buyo*, as coreografias da dança tradicional de Okinawa são classificadas em clássicas, populares, folclóricas e modernas onde, através das roupas coloridas e dos movimentos corporais, revelam a alegria e a criatividade dos okinawanos em preservar suas origens.

Em relação à religião, os okinawanos de Campo Grande se dividem na Seicho-no-ie, Budismo, catolicismo e Mahikari, sendo a adesão à igreja católica predominante desde a chegada dos primeiros imigrantes:

Quanto à religião, em 1914, chegaram Frei Virgílio e Frei Graciano da Alemanha, que foram estudar a língua japonesa em Hokkaido no Japão, para poderem evangelizar os japoneses em Campo Grande, mas não foi possível realizar suas missões por causa do início da guerra e eles tiveram que ir embora não se sabe para onde. (...) Em 1959, o Padre Thomaz Ghirardelli, salesiano, ao conhecer o movimento de evangelização dos okinawanos e japoneses que pertenciam ao Círculo Católico Estrela da Manhã em Presidente Prudente, trouxe para Campo Grande este movimento e formou-se um grupo de nisseis que freqüentavam a Paróquia São João Bosco. Mais tarde, em 1961, o Padre Jerônimo Murpey, redentorista, fundou mais um grupo na Paróquia Santo Antonio. O movimento deu origem à Pastoral

³⁷ Jogo criado no Japão similar ao Croquet que utiliza o taco e a bola e é praticado tanto em quadras de terra batida, como no gramado (TOMODACHI, 1998).

³⁸ Jogo de pedras brancas e pretas que são movimentadas pelos jogadores em um tabuleiro de madeira (TOMODACHI, 1998)

Nippo-Brasileira em 2003, tendo como assessor o seminarista Carlos Eduardo Asato Higa, posteriormente diácono (ARIGATÔ, 2005).

Para os okinawanos, as atividades culturais representam o contato permanente com a cultura de seus antepassados e a reconstrução de suas identidades. Exemplos nesse sentido são as danças tradicionais retratando o dia-a-dia nas aldeias, o trabalho na lavoura, a pescaria, as lutas travadas contra seus opositores, as comemorações da boa colheita e a mudança das estações. A música okinawana, cantada em uchinaaguchi, também cumpre este papel de identificação ao transmitir os sentimentos da diáspora, guerra e morte dos familiares através de tristes notas e composições, como observa Yamauchi (2018, p. 9)

No geral, as letras mencionam marcadores culturais e memórias relacionadas à ilha de Okinawa: o basho-fu (tecido utilizado na confecção de figurinos femininos de dança), o sentido de “morar na ilha” e de fazer parte da diáspora dos habitantes para lugares longínquos e também sobre as características boêmias presentes na vida dos okinawanos (...). A música, no caso, torna-se a memória possível ao imigrante em terra estrangeira e a seus descendentes de primeira, segunda e até mesmo terceira e quarta geração (...). A constituição de um imaginário musical comum favorece a produção de uma memória coletiva, que passa a incidir nos modos como os indivíduos processam suas memórias individualmente.

Assim, por meio das confraternizações, datas festivas e todas as demais atividades culturais, o “espírito uchinanchu” se perpetua na declamação de poemas, na interpretação de coreografias e em todas as manifestações culturais que, de alguma forma, ajudam a reconstruir a história dos seus ancestrais. Assim, a relação entre a música, a dança, o idioma e a comunicação asseguram a criação e manutenção de um imaginário possível mesmo diante do tempo, da distância e da globalização. Nesse seguimento Yamauchi (2018, p. 15) endossa que

A relação entre música, mídia e diáspora, portanto, se evidencia na medida em que memórias de imigrantes tornam-se possíveis a partir do registro midiático, mas também em que medida a materialidade dos registros permitem acesso a um imaginário mediado pelas forças da modernização e da ocidentalização do mundo.

A comunicação como processo de reapropriação da cultura de Okinawa pelos imigrantes e descendentes em Mato Grosso do Sul é observada através do consumo de todos os produtos disponíveis como livros, música, atividades culturais, bem como dos informativos, jornais, revistas e programa de televisão voltados para a comunidade nipo-brasileira.

2.3. Comunicação

Em Campo Grande (MS), sempre houve também uma preocupação dos okinawanos em manter viva sua identidade com a utilização de veículos de comunicação. Além dos informativos internos das associações Okinawa e AECNB, os descendentes de Okinawa foram protagonistas na criação de programas de rádio e televisão voltados para a comunidade.

Na década de 1960, antes que a televisão chegasse a Mato Grosso do Sul, o rádio era o único meio de comunicação no estado e mesmo quando alguns aparelhos de televisão foram adquiridos na Capital, o veículo era muito restrito à maioria da população. A televisão só viria se tornar mais popular na década de 70 com a realização da Copa do Mundo. Bernardo Tibana (2017), lembra que, desde 1965, há registro de programas de rádio feito por descendentes de Okinawa em Campo Grande. O primeiro foi “No País das Cerejeiras”, na rádio Difusora³⁹, apresentado por Paulo Youkota com informações e músicas japonesas e okinawanas. Logo em seguida, antes do serviço militar, Armando Tibana então com 17 anos, apresentou e dirigiu o programa “Terra do Sol Nascente”, inicialmente na Difusora e depois na rádio Educação Rural. Este programa, de acordo com Bernardo Tibana (2017), foi o embrião do futuro TV Nikkey MS. Ainda segundo Bernardo, entre 1967 a 1968, o irmão Armando Tibana, juntamente com Nelson Tobaru, também apresentou e produziu o programa de rádio do Círculo Católico, denominado “A Voz do Circulista”.

O *Tomodachi* (amigo em português), informativo interno da Associação Nipo Brasileira foi desenvolvido no início de 1997 como projeto de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade federal de Mato Grosso do Sul pelas acadêmicas Neiba Ota, Karyna Salles Abdala, Mauren Stieven e Geórgia Neder, atendendo ao pedido do professor Jorge Kanehide Ijuin. Nas primeiras edições, Walquíria Hiraoka, uma amiga da turma que abandonou o curso e foi morar no Japão, mandava matérias para o *Tomodachi* de lá (Fig. 14).

As edições eram bimestrais e o tablóide com oito páginas e tiragem de três mil exemplares era enviado pelos correios gratuitamente aos associados. Ota lembra que o custo era totalmente bancado pela Associação através da comercialização de anúncios. Um dos critérios da Nipo era que o professor Ijuin acompanhasse todo o processo de produção do jornal. A diagramação era feita pelo jornalista Carlos Kuntzel. O projeto das alunas foi defendido em novembro de 1997 quando receberam a nota dez com louvor e, mesmo tendo

³⁹ A emissora de rádio localizada em Campo Grande (MS) foi fundada em 1939 pelo Grupo Zahran. A Rádio denominada Difusora Pantanal 101,9 foi a primeira estação de rádio em Mato Grosso do Sul a migrar de AM para FM em 2017. <http://www.difusorapantanal.com.br>

concluído o curso, Neiba Ota e Karyna Salles ficaram à frente do jornal até 1999. Em 2000 a jornalista Fabiane Sato assumiu a direção do jornal e permaneceu por dois anos.

Figura 14. Exemplar do Tomodachi (informativo da AECNB)



Fonte: Acervo pessoal da jornalista Neiba Ota

O jornalista Palmir Cléverson Franco (2018) conta que ficou à frente do *Tomodachi* aproximadamente durante dois anos e produzia um jornal mensal sem custo nenhum para a entidade que autorizou a comercialização da publicidade como forma de cobrir as despesas do tablóide. Os patrocínios, segundo Franco (2018) cobriam toda a despesa do jornal que cresceu bastante nesse período, mas assim que terminou o segundo mandato do presidente da Nipo, Paulo Kinoshita, enfrentando dificuldades financeiras, a administração do clube decidiu acabar com o tablóide interno.

O primeiro jornal impresso com o objetivo de promover a integração entre os imigrantes e seus descendentes em Campo Grande foi o *MS Shimbun* lançado em julho 2004 pelo jornalista Palmir Cléverson Franco. Desde a primeira edição, o propósito era divulgar de forma sistemática as manifestações da cultura em todo o estado de Mato Grosso do Sul. Criado entre os descendentes de Okinawa na região central de Campo Grande, Franco disse que além de muitas amizades, aprendeu a admirar os costumes e tradições okinawanos. Os primeiros exemplares do jornal foram impressos no formato tablóide, com 16 páginas e fotos coloridas, sendo que em datas festivas como o centenário da imigração, a edição ganhava mais páginas e até uma revista comemorativa. A partir da quinta edição o jornal passou para o

formato francês⁴⁰ e desde 2007 foi impresso no formato *standard*⁴¹, de acordo com a figura 15. A tiragem, desde o início, era de dois mil exemplares mensais.

Figura 15 Exemplar do jornal MS Shimbun, edição de junho de 2006



Fonte: acervo pessoal do jornalista Palmir Franco.

Segundo Franco, o jornal era auto-sustentável e sempre foi totalmente custeado pelos anunciantes e por isso os exemplares eram distribuídos gratuitamente entre a comunidade e várias empresas cadastradas e também enviados para vários municípios do Estado onde existem associações japonesas ou okinawanas. Entre 2017 e junho de 2018, de acordo com o proprietário, o *MS Shimbun* suspendeu sua periodicidade por questões pessoais e políticas. Na ocasião desta entrevista (2018), Franco afirmou que foi procurado pelos sócios das entidades representativas dos descendentes e pressionado a retomar as atividades do jornal inclusive com sugestões de matérias e entrevistas. Além de escrever as matérias, Franco era o responsável também por todas as fotografias das edições. O *MS Shimbun*, de acordo com o jornalista, deixou de circular nos últimos anos por questões políticas depois que ele foi

⁴⁰Um pouco mais alto que o tablóide, de baixo custo e grande aproveitamento de área de impressão em equipamentos offset plana. A mancha gráfica é de 43 por 29,7 centímetros, e a área total de papel de cada página fica com 46 por 32 centímetros de largura. Fonte: www.tecnologiadodia.com.br/comunicacao/formato-de-jornais,824.jhtml. Acesso em 16 fev 2017.

⁴¹Medida largamente utilizada pelos jornais de maior circulação nacional, em função do aproveitamento máximo da área de chapa das offset. Fonte: www.tecnologiadodia.com.br/comunicacao/formato-de-jornais,824.jhtml

assessorar um candidato a deputado estadual na campanha de 2006 e, constrangido por ter se envolvido na campanha eleitoral, decidiu não procurar mais as associações.

Posteriormente, em junho de 1999 surgiu o programa de rádio *Voz Nikkey* voltado para a comunidade nipo-brasileira de Campo Grande e veiculado semanalmente, nas manhãs de sábado, pela FM Educativa, 104,7 FM. Idealizado, produzido e apresentado por Marcos Tiguman e Elza Kazue Aratami, o *Voz Nikkey* tinha uma hora de duração e visava recuperar a cultura dos antepassados para as novas gerações, perpetuando a riqueza e o valor histórico dos okinawanos em Mato Grosso do Sul através das músicas de Okinawa, culinária e entrevistas. Elza era a responsável pela locução em japonês e Tiguman em português. Aratami (2019), lembra que o programa recebia várias ligações de ouvintes durante a apresentação e, pela repercussão nos dias seguintes, acredita que o *Voz Nikkey* tinha bastante audiência e representatividade junto à colônia nipo-brasileira. Quando posteriormente foi morar no Japão, era muito comum ser abordada pelos dekaségui⁴² sul mato-grossenses dizendo que os pais ouviam e comentavam muito sobre o programa de rádio em Campo Grande.

Segundo Tiguman, além de informar, o objetivo era unir todas as colônias do Estado e também atender os clubes. Em entrevista sobre o *Voz Nikkey* para o documentário Arigatô, Marcos Tiguman (2005) declarou:

Acho que seria um elo entre manter a cultura, a tradição, isso a gente sabe que é muito difícil, você manter a cultura de um povo, de uma outra localidade, num país que tem uma miscigenação grande. Você vai diluindo o seu poder cultural, então os netos não são como os avós, os netos dos netos como será que vão ser, será que vão cultivar tudo aquilo que os antepassados cultivam? Isso é difícil, então se a gente puder incutir nos jovens um pouquinho dessa cultura milenar japonesa, já estaremos cumprindo a nossa missão, então o objetivo é manter a tradição, manter a cultura japonesa.

O quadro de saúde era rotativo, apresentado em português e japonês para atender especialmente as obaassans e os odiassans (vovós e vovôs) na prevenção de doenças que costumam comprometer a saúde dos idosos. A Rádio Nikkei também mantinha um quadro de informações sobre vagas no mercado de trabalho principalmente para aqueles que acabavam de voltar do Japão. Durante a programação havia dicas e informações para os interessados em montar o seu próprio empreendimento. O programa permaneceu no ar até janeiro de 2007 e durante os oito anos em que foi exibido semanalmente, procurou divulgar a cultura nipo-brasileira em Mato Grosso do Sul e fortalecer o elo entre os admiradores da cultura japonesa e

⁴² É um termo formado pela união dos verbetes na língua japonesa (deru=sair) e (kasegu=para trabalhar), tendo como significado literário “trabalhando distante de casa”, e designando qualquer pessoa que deixa sua terra natal para trabalhar temporariamente em outra região ou país. Fonte: <http://clovisakira.blogspot.com/2012/06/o-que-e-dekassegui.html>

okinawana com a própria comunidade no Estado. Nesse sentido Tiguman (2005), na entrevista concedida para o documentário Arigatô esclareceu:

Não é só o programa, são as associações, as festividades ligadas à colônia japonesa, são os políticos preocupados com o bem-estar da comunidade, são vários fatores e, com certeza, o Voz Nikkey cumpre essa missão.

Além do jornal e programas de rádio, existem os informes mensais das Associações Esportiva e Cultural Nipo-Brasileira e Okinawa de Campo Grande, ambos com 4 páginas A4, como demonstra a figura 16 abaixo. A capa do Informativo Nipo sempre traz uma mensagem do presidente da entidade, os aniversariantes e eventos do mês além de uma matéria de destaque. Nas demais páginas estão entrevistas e a cobertura e divulgação das atividades realizadas nas dependências da Associação. Os valores arrecadados com os anúncios do Informativo servem apenas para cobrir os custos de produção e impressão, sendo que cada um dos dez anunciantes contribui com R\$150,00. Nos informativos da Associação Okinawa observou-se muito mais a divulgação de fotografias do que textos. Os anunciantes dos dois informativos são quase que exclusivamente empresas ou pessoas da comunidade okinawana.

Figura 16. Informativos das associações Okinawa e Nipo de Campo Grande (MS)



Fonte: Acervo Associações Nipo e Okinawa de Campo Grande (MS)

Já o programa televisivo TV NIKKEY, alvo de pesquisa desta dissertação, foi criado em 2007 como um “programa de cultura, informação e entretenimento, especialmente elaborado para comunidade nipo brasileira da cidade de Campo Grande e do estado de Mato Grosso do Sul”, conforme apresentação em sua página no facebook⁴³, e será mais detalhado no capítulo 3.

⁴³<https://www.facebook.com/tvnikkeymsoriginal>

3 TELEVISÃO E O PODER DE COMUNICAÇÃO

A televisão brasileira foi implantada no início dos anos 1950 pelo empresário Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo e colocou o país como o quarto do mundo na radiodifusão de imagens. No início, a televisão ficou centrada no Rio de Janeiro e São Paulo, estados mais desenvolvidos economicamente, expandindo-se posteriormente para as maiores capitais no litoral e só em seguida para o interior:

Tal expansão tem suas raízes na própria expansão do capitalismo brasileiro que vai se localizar em polos formados por estas duas cidades em relação ao Brasil, e das capitais em relação ao interior. Acontecer de outra forma seria muito improvável pelo fato da televisão ter apenas o caminho da rádio, adotando sua forma comercial e utilizando a publicidade, por si só geradora de concentração (CAPARELLI, 1982).

Assim como aconteceu nas emissoras de rádio pelas quais as concessões foram destinadas aos proprietários de jornais, no caso da televisão, as concessões também foram para os grupos que já detinham as empresas de radiodifusão, como observa Lima (2001, p. 29):

Foi dessa maneira que se formaram os maiores grupos de mídia nacionais e regionais no Brasil resultando num sistema de mídia concentrado e controlado por um reduzido grupo de empresas. Os principais exemplos são os Diários e Emissoras Associadas, até a metade do século passado, e as Organizações Globo, a partir da década de 70. Consolidou-se, portanto, entre nós um sistema de mídia concentrado, liderado pela televisão e, em boa parte, controlado por grupos familiares vinculados às oligarquias políticas regionais e locais. Essas características específicas é que fazem com que, no Brasil, o poder da mídia assuma, potencialmente, proporções ainda maiores do que em outros sistemas políticos.

Falar de televisão no Brasil é falar do dia-a-dia de grande parte senão a maioria da população brasileira, telespectadores contumazes dos telejornais, novelas e entretenimentos oferecidos pelas emissoras de televisão aberta e fechada.

Para Raymond Williams (2003), um dos fundadores dos Estudos Culturais, a televisão entrelaça ao mesmo tempo os processos tecnológico, institucional e o cultural. Desta maneira, o autor destaca o estudo da televisão como um aparato sócio-técnico vinculado a inovações tecnológicas e expressão de cultura. Ao associar a televisão enquanto tecnologia e forma cultural, Williams observa que o uso do dispositivo e a produção de conteúdo são determinados pelas demandas sociais, contexto cultural e a audiência. A concepção de mediação é reforçada por Stuart Hall (2003) e Martin-Barbero (2004) quando identificam o

hábito de assistir televisão como um processo de negociação entre o espectador e o texto, envolvendo disputas de poder.

A televisão, desse modo, tem se constituído como uma importante instância em que as práticas culturais da sociedade contemporânea se enredam. Se antes os hábitos consistiam em assistir ao conteúdo televisivo oferecido por emissoras no ambiente familiar e recepção conjunta, atualmente constatamos um consumo individual e personalizado, em qualquer hora ou lugar, que nem sempre está associado a uma emissora ou canal. As práticas construídas pelas audiências têm obrigado a indústria televisiva a se reinventar, evidenciando a ressignificação de noções hegemônicas e contra-hegemônicas do que pode ser considerado “televisão” (BORGES; DIAS, 2015, p.10).

Stuart Hall (2003), representante dos Estudos Culturais Britânicos, argumenta que o costume de assistir televisão, considerado antes lazer e entretenimento, define a produção e a forma de circulação do conteúdo televisivo. O sociólogo defende que a televisão, como meio de comunicação de massa e um canal de ligação entre os acontecimentos e os sujeitos, tem um papel relevante na construção de identidades.

Martín-Barbero (2004), articulador dos estudos culturais na América Latina, constata que o papel da televisão vai muito além de manipulação ideológica ou comercial. Através de sua narrativa de elementos globais, nacionais e regionais, o veículo atua produzindo visões do mundo e reconstruindo identidades individuais e coletivas, assumindo o papel de reconstituição dos sujeitos frente à crise de representação contemporânea. Deste modo, o pesquisador entende que a televisão estabelece padrões de comportamento, consumo e identificação e se constitui em uma das principais fontes de construção identitária uma vez que:

O mercado capitalista pressiona no sentido da valorização de identidades locais e seus aspectos híbridos. A identidade local é levada a se transformar em uma representação da diferença que possa fazê-la comercializável, ou seja, submetida ao turbilhão das colagens e hibridizações que impõe o mercado (BARBERO, 2004, p. 268).

A diversidade e alcance da televisão são lembrados pelo escritor italiano Umberto Eco (1993, p. 331) ao defini-la como “um serviço, um meio técnico de comunicação pelo qual se pode veicular uma série de gêneros (...), além é claro, de sua programação de shows, espetáculos, telejornalismo e comerciais”. Observa-se que os impactos da televisão como veículo de informação de massa vão além do telejornalismo ao ditar moda, trilhas sonoras, estilos de dança, cortes de cabelo e várias outras coisas presentes em suas novelas e outros programas de entretenimento. Desta forma Cancio (2005, p. 28) considera que:

A televisão trouxe para a sociedade o poder de transmitir informação com o fascínio da imagem real, antes apenas imaginada por meio das transmissões radiofônicas. (...) Funciona como uma janela para o mundo. (...) O fascínio causado pelas imagens e mensagens transmitidas torna a TV um veículo versátil, que permite a fácil transposição da fronteira entre ficção e realidade.

No Brasil, mesmo com a ampliação do acesso à internet nos últimos anos, o domínio da televisão pode ser comprovado através da presença dos aparelhos de TV em 97,4% dos domicílios segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referente ao ano de 2016⁴⁴. Números da Kantar Ibope Media⁴⁵ divulgados no início de 2018 revelam que os brasileiros nunca assistiram tanto à televisão no país. O estudo foi feito nas 15 maiores regiões metropolitanas em 2017 no chamado horário comercial, das 7h à 0h, de segunda a domingo, e mostra que o consumo de TV aberta e fechada foi 46,17%.

Em 2016, de acordo com a pesquisa, o percentual dos aparelhos ligados nessa faixa era de 45,78%, sendo 42,70% em 2015 e 41,20% em 2014. Ou seja, o tempo médio que os brasileiros gastaram diante da TV em 2017 foi de 6h25, dez minutos a mais que em 2016, 17 minutos mais que em 2015 e mais de uma hora (5h50) em relação a 2014. Ainda com relação à importância da televisão e da comunicação na vida dos brasileiros, Santos (2001, p.13) defende que a TV alcança todos os lugares em que uma comunidade possa se expressar através dela. Nesse entendimento, Cancio (2011, p. 62) observa que:

Os avanços tecnológicos aumentaram progressivamente a importância da televisão como meio de comunicação de massa. (...) A tecnologia tornou real um processo que permite às populações de diferentes países viverem permanentemente conectadas em um mundo cada vez mais globalizado de informações.

3.1. A Televisão Regional

Uma pesquisa bibliográfica sobre a história da Televisão no Brasil mostra que a primeira emissora do interior da América Latina foi implantada na cidade de Bauru pelo pioneiro do rádio na cidade, João Simonetti. Segundo Valquíria Passos Kneipp (2005), naquele tempo, final da década de 1950 e o início dos anos 1960, a cidade tinha em torno de 53 mil habitantes, mas apenas mil moradores fizeram parte da primeira turma de telespectadores que adquiriram os primeiros aparelhos da Rede Brasileira de Televisão-REBRATEL, vendidos de porta em porta para concretizar o sonho de João Simonetti. A

⁴⁴ Fonte: PNAD, Síntese de indicadores, pág. 79. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>

⁴⁵ A empresa é líder no mercado de pesquisa de mídia na América Latina e faz parte da Kantar Media, líder global em inteligência. Fonte: <https://www.kantaribopemedia.com/quem-somos>. Acesso em 06 Mai 2017.

exigência da comercialização da cota de mil televisores partiu da Rebratel que detinha a tecnologia para implantar uma emissora e foi responsável pela instalação da torre de retransmissão em Bauru.

Oficialmente, a TV Bauru – Canal 2, primeira emissora interiorana da América Latina, entrou em funcionamento no dia 1º de agosto de 1960, mas antes disso a emissora já operava, sem que a Presidência da República tivesse concedido, ainda, a licença em caráter experimental. Algumas transmissões experimentais ocorreram lá pelos meses de junho e julho de 1959, ou até maio, conforme os jornais da época (KNEIPP, 2005, p. 5).

De acordo com a autora, a TV Bauru ficou pouco mais de um ano com Simonetti que, endividado com a aquisição dos equipamentos e a falta de investimentos, vendeu a emissora para as Organizações Victor Costa. Em 1965, o alto custo para a manutenção de uma TV com produção local em uma cidade do interior com um número reduzido de telespectadores, levou as Organizações Victor Costa a venderem a emissora para as Organizações Globo. A mudança de nome para *Rede Globo Oeste Paulista* ocorreu em 1984 quando foram criadas as sucursais em Presidente Prudente, Marília, São José do Rio Preto e mais tarde em Araçatuba.

Para Santos (2001, p.182), a TV regional nasceu junto com a própria televisão, mas a ideia da regionalização da programação foi reforçada somente nos anos 90, considerada a década da diversidade e a descentralização do modelo centralizador:

Por seu lado, as redes nasceram graças à política de desenvolvimento acelerado e concentracionista do pós-guerra – ancorada no capital internacional – e ao surgimento do vídeo-tape e dos satélites. Durante décadas elas contribuíram para a unificação de mercados, de sonhos, de modos de vida e da própria identidade nacional.

Em sua dissertação “Televisão: O Desafio da Regionalização”, Santos enfatiza que foi no governo do presidente Sarney (1985-1990) que se registrou o aumento de emissoras de TV com a distribuição de “centenas de emissoras aos aliados do seu plano de ampliar seu mandato para cinco anos” (2001, p. 57). Além de ampliar as emissoras já existentes, essa política possibilitou a formação de redes regionais, principalmente nos estados do norte e nordeste. O autor verifica que a presença de uma estação de televisão nos lugares mais distantes e adversos sugere

Não só uma aparente democratização do acesso aos dados e saberes, mas também a possibilidade de enunciações individuais ou de coletivos atados às tradições e às processualidades locais [...] essas localidades são espaços singulares onde cada comunidade tenta dar sentido às lógicas desterritorializantes da globalização, em sua busca para se tornarem universais (SANTOS, 2001, p. 59).

Sendo a televisão parte de um processo maior, agindo dentro de um contexto social, cultural, político e econômico, como assegura Sérgio Caparelli (1982), a integração nacional via TV, a partir de 1967, torna-se possível com a expansão das emissoras em todas as capitais brasileiras e a produção de programas e telejornais priorizando a regionalidade:

Até aquela data, apenas Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte poderiam estar interligadas a um só tempo, para a transmissão em cadeia. A partir de então, estações repetidoras, canais de microondas e diversas iniciativas governamentais neste setor, permitiram que as redes fossem marcando presença nos outros Estados e se consolidando onde já existiam (CAPARELLI, 1982, p.33).

Apesar de a pesquisa do autor apontar o crescimento da produção local no Paraná, Ceará, Acre, Rio Grande do Norte, Bahia e Rio Grande do Sul, constata-se um padrão na programação das emissoras onde, segundo Caparelli (1982), não existem alternativas para caracterizações regionais, gerando assim conflitos com a própria realidade cultural do país, marcada por traços acentuadamente regionais.

As emissoras regionais cumprem um papel importante de aproximação com os telespectadores que residem em determinados espaços locais. Distantes dos grandes centros podem transmitir informações e conteúdo que fazem referências aos temas cotidianos desse público. Ao analisar a influência da globalização sobre as identidades nacionais, Cancio cita Hall (2005, p.77) no sentido de alertar que as questões regionais e locais persistem e devem ser observadas e reforçadas juntamente com as identidades nacionais “Assim, ao invés de pensar no global como substituindo o local, seria mais acurado pensar numa nova articulação entre o “global” e o “local” (CANCIO, 2011, p. 63). Nessa lógica, um programa de televisão local como o TV NIKKEY, divulgando os acontecimentos que estão próximos da comunidade regional, pode cumprir o seu papel de reforçar as tradições nipônicas e okinawanas.

Em relação à globalização e a construção de identidades Souza (2014, p. 13) afirma que:

Ao tempo em que se tem um maior acesso ao que é global, tem-se também um novo interesse pelo local, pelas suas particularidades, diferenças, seus aspectos exóticos, comercializáveis. Mas o que se pode afirmar também é que esse “local” não é desvinculado do global e continua sendo influenciado pelo último. O local funcionaria como uma espécie de “segurança”, lugar de familiaridade, ofertado aos sujeitos frente a um mundo globalizado, individualista, instantâneo, inseguro. E a televisão, seguindo os ditames da globalização, atua nesse ambiente, fazendo ponte entre as identidades nacionais e as identidades globais, ofertando ao público, as duas instâncias identitária.

Cancio (2011) entende que as relações locais e a transmissão de informações através dos veículos localizados regionalmente estão se fortalecendo e merecem um estudo mais aprofundado. Distantes de seus países de origem, os okinawanos e seus descendentes tem na comunicação local uma espécie de garantia de acesso às notícias mais detalhadas sobre o que está acontecendo em sua terra natal, bem como, ao que afeta seus familiares e amigos que lá residem. Essa troca de informações, divulgação e fortalecimento da cultura é possível com a cobertura dos eventos tradicionais e praticamente de toda a agenda das três associações representativas da comunidade – Associação Esportiva e Cultural Nipo Brasileira, Associação Okinawa e Clube de Beisebol. Além da circulação de informações, através do programa essas pessoas ficam mais próximas do que acontece em seu país de origem assim como com os seus conterrâneos em várias partes do mundo, exercendo o direito de informar, de se informar e de ser informado como assegura Brito Correa (2000). O direito da informação deve ser considerado como um aspecto da liberdade de expressão do pensamento e da liberdade de comunicação social, defende o autor.

A monopolização das redes de televisão no Brasil e no mundo é, sem dúvida, um dos obstáculos ao acesso às informações regionais e locais que ocupam espaço reduzido na programação voltada para o grande público. Uma alternativa observada por Cancio (2011) seria a revisão dos conceitos utilizados sobre a televisão regional e local, com destaque para a TV de proximidade que está próxima de um público-alvo em algumas localidades e emite produtos televisivos para esse público. Nesta perspectiva o autor ressalta ainda que: “mesmo com todo o processo mundial de globalização, as televisões locais continuam tendo importância e expressão porque constituem veículos de ligação entre a população e os acontecimentos que ocorrem na própria comunidade” (2011, p. 67).

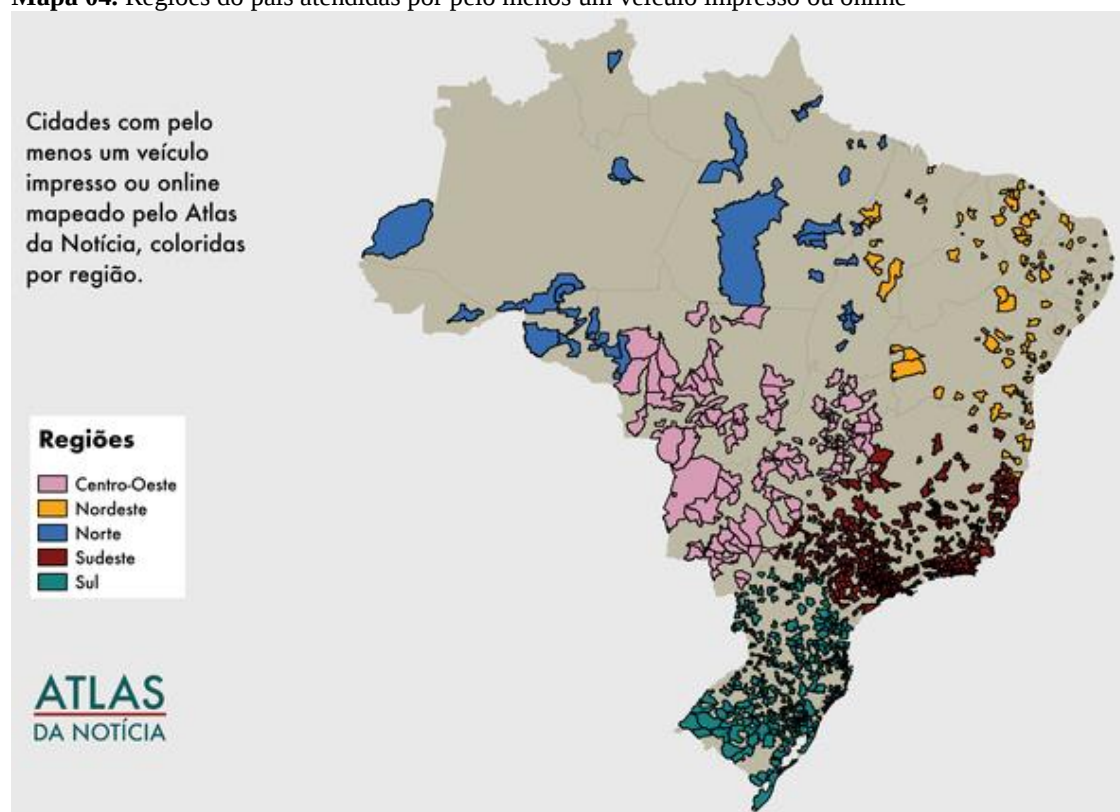
Em plena era digital e maior acesso à internet, observa-se ainda no território brasileiro os desertos de notícia onde 40 milhões de habitantes não tem acesso a jornais, sites de notícias e emissoras de TV ou rádio. Criado em 2017 para mapear a presença ou ausência da imprensa no Brasil, o site www.atlas.jor.br ⁴⁶ identificou 5.354 veículos, entre jornais impressos e sites, em 1.125 cidades dos 27 estados brasileiros na primeira etapa do projeto. Os números representam mais de 60% da população totalizando aproximadamente 130 milhões de pessoas. A pesquisa revela que 4.500 municípios não têm registros de meios noticiosos impressos ou digitais, são os chamados *desertos de notícias* no segmento escrito e digital.

⁴⁶ Criado em 2017 pelo Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo para mapear os veículos produtores de notícias, especialmente de jornalismo local, no Brasil. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/estatisticas/#mapeando-os-desertos-de-noticia>. Fonte: <https://www.atlas.jor.br/sobre/> Acesso em 06 Mai 2017

Um levantamento realizado em julho de 2018 verificou que do total de 11.820 veículos mapeados, incluindo impresso, online, rádio e televisão, 52% dos municípios brasileiros se enquadram nos “desertos de notícias”, somando 70 milhões de brasileiros sem jornalismo local em suas comunidades. De acordo com o *site*, Campo Grande está entre as 30 cidades com mais veículos de notícia entre impresso e online, ocupando a 11ª no ranking ⁴⁷.

O estudo demonstra também que 416 cidades, representando mais de 15 milhões de habitantes, possuem apenas um jornal ou *website* para divulgar assuntos locais. Ainda conforme o levantamento do Atlas da Notícia, 25% da população brasileira vive em municípios sem emissoras locais de rádio e televisão, somando 50 milhões de brasileiros que, mesmo tendo televisor em casa, não tem acesso a informações locais. Finalmente, do total das 5.570 cidades brasileiras, 2.691 possuem algum tipo de veículo de imprensa e mais da metade o equivalente a 2.879 municípios, representando 16% da população geral, estão nesses desertos de notícia sem registro de qualquer tipo de meios noticiosos. Outra constatação é de que as cidades com veículos mapeados apresentam índice de desenvolvimento humano maior que a média nacional, em torno de 0,727 contra 0,659 da média geral.

Mapa 04. Regiões do país atendidas por pelo menos um veículo impresso ou online



Fonte: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/11/08/Como-um-projeto-pretende-mapear-a-presenca-de-jornais-locais-no-Brasil>.

⁴⁷ O comparativo foi realizado em 2017 por tipo de mídia e taxa a cada 100 mil habitantes. Fonte: Atlas da Notícia/Projor)

3.2. A TV e a identidade okinawana

A partir do século XVIII, com a incorporação da ilha de Okinawa pelo Japão em 1869 e a repressão de seus hábitos e costumes, os okinawanos perderam parte de sua identidade que vem sendo reconstruída até hoje, especialmente nos países que receberam o maior número de imigrantes como o Brasil. Nesse cenário, podemos considerar que desde a dominação pelo governo japonês até o centenário da imigração no Brasil em 2008 (até recente), quando houve uma mobilização maior na recuperação de sua cultura, segundo entendimento de Belcavello (2009), este período pode ser interpretado como:

Uma fração da história marcada por reconfigurações das relações de espaço e de tempo que vão impelir os indivíduos à busca dessa inserção social por meio da identificação, em uma intensidade jamais experimentada, valendo-se, inclusive da televisão (BELCAVELO, 2009, p. 4).

Essa emergência, segundo Zygmunt Bauman (2005, p. 4) pode ser equiparada a uma crise de pertencimento “que incita o sujeito em direção à busca pela(s) identidade(s), o que inclui a determinação de seu espaço, sua comunidade e seu lugar na sociedade”. Belcavello (2009) afirma ainda que a construção da identidade indica uma busca constante pelo pertencimento. Ainda a respeito da questão identidade, Hall (2005) detalha que:

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” [...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento (HALL, 2005, p. 38-39).

Considerando que as identidades são processos em permanente construção, a televisão exerce um papel fundamental na produção de identidades ao despertar sentimento de pertença e valorização de identidades locais na exibição de conteúdo globais, como avalia Souza (2014, p. 11):

A televisão narra a identidade nacional como uma maneira de instituir a diferenciação cultural, fazendo com que os sujeitos se identifiquem através da narração do que não são e assim, possam também, se reconhecer através de uma unidade, valorizar suas particularidades. A diferenciação ocorre através da narrativa das peculiaridades nacionais, de reafirmação de tradições que são inventadas para legitimar relações de poder e dominação e fazer com que os indivíduos recorram a sua memória coletiva, na qual aqueles traços estão instituídos como pertencentes à sua subjetividade, como identificatórios.

O potencial da televisão como produtora e fornecedora de representações e laço entre as classes sociais é destacado pelo sociólogo francês Dominique Wolton (2006) que vê o veículo como portador de função referencial e identitária. Ao reunir indivíduos e públicos que tudo tende a separar, oferecendo-lhes a possibilidade de participar individualmente de uma atividade coletiva, Wolton (2006) verifica que a TV estabelece uma aliança bem particular entre o indivíduo e a comunidade fazendo dessa técnica uma atividade constitutiva da sociedade contemporânea. O pesquisador acredita na capacidade de produção simbólica da televisão e dos públicos (julgamento), quando estes são, na maioria das vezes, desvalorizados.

Coutinho e Mata (2010, p.7) observam que a televisão fornece uma espécie de “munição identitária nacional que se opõe a essa vontade de manipulação, num período de modernização poderosa, de identidades e aspirações cambiantes”. Essa forma de pensamento era expressada por Wolton (2006) há mais de 20 anos ao abordar a utilização das emissoras de TV nas questões das identidades regionais:

As televisões dos diversos Estados não hesitam em se inspirar nas suas tradições regionais em seus programas. Evidentemente, trata-se de “identidades regionais arranjadas”, onde as leis do comércio são muitas vezes mais fortes do que a inspiração etnológica. O que não impede, no entanto, que alguma coisa da ordem das identidades se comunique com esses intercâmbios. (WOLTON, 2006, p.157)

Em Mato Grosso do Sul existem atualmente onze emissoras de televisão de canal aberto: a TV Morena (afiliada da Rede Globo), TV Morena Corumbá (afiliada Rede Globo), TV Morena Ponta Porã (afiliada da Rede Globo), TV Campo Grande (afiliada do SBT), TV Record MS, TV Interativa (afiliada da Rede Bandeirantes), TV Educativa/MS, TV RIT Dourados, TV Concórdia em Três Lagoas, TV Imaculada Conceição e RBTv em Campo Grande. De todas as emissoras, a TV Morena é a que tem a maior programação regional e local, em torno de 5%, mas que ainda assim deixa a desejar tanto em quantidade como em abrangência no estado. Nesse segmento, nos últimos anos a internet e as TVs fechadas têm suprido a demanda por programas e informações locais voltados para assuntos/temas e comunidades específicas, como é o caso do TV NIKKEY de iniciativa de Armando Tibana, produtor e apresentador, para divulgar as principais notícias da comunidade nipo-brasileira de Campo Grande (MS).

Nesse contexto, fazendo um paralelo com a regionalização da televisão, o TV NIKKEY contribui com uma programação local, mesmo que seja gerando conteúdos específicos de uma comunidade, mas estabelecendo uma audiência, anunciantes e fortalecendo o regional e o local. Exibido na TV Imaculada Conceição, o programa segue

uma tendência das redes com baixa audiência de abrir seus espaços para os locais, melhorando o seu faturamento e viabilizando uma maior participação local e regional tanto na programação como no número de telespectadores. No caso do TV NIKKEY, trata-se da exibição de um programa único incluído nas brechas da programação nacional.

A apropriação do passado através das matérias veiculadas no programa de televisão procura construir a memória com o aroma, som e sabor do passado que se quer preservar. A necessidade de criar mitos e monumentos de preservação do passado é destacada por Néstor Canclini (2000) ao identificá-los como “marcos fundamentais de construção de identidades e lugares de memória cuja função é exatamente manter ativo o pertencimento a determinado vínculo identificatório”.

3.3. TV NIKKEY: história e identidade

Bem antes do programa de televisão paulistano estreiar, em 1988 foi criado o programa Rádio Nikkey na cidade de São Paulo. Há mais de 30 anos, transmitido ao vivo de segunda a quarta, das 22 às 23 horas na rádio Imprensa FM – 102,5 Mhz, é um dos programas mais antigos do rádio e referência no setor. A apresentação é de Paulo Miyagui e Mieko Senaha com a participação de Junji Yokochi e o foco é a comunidade japonesa e okinawa no Brasil. A Rádio Nikkey mescla os dois idiomas com notícias, entrevistas e música (figura 17).

Figura 17: Logomarca da RTV Nikkey de São Paulo



Fonte: <https://pt-br.facebook.com/tvnikkey/>

A programação apresenta lançamentos da música pop japonesa, clássicos que figuraram em animes ou J-Dramas e o segmento "J Pops". A grade está dividida da seguinte forma: Espaço do Ouvinte; A Dança das Palavras (quadro em que Paulo e Mieko ensinam o vocabulário japonês), A Música de Todo o Mundo (músicas japonesas em ritmo variado), Memória - Nos Tempos do Vinil (músicas antigas) e J Pops (sucessos do gênero JPop). Além

da FM 102,5 mhz, o programa rádio Nikkey também está disponível na Web Rádio (www.radioetvnikkey.com.br). Em uma pesquisa realizada pelo IBOPE⁴⁸ de junho a agosto de 2017, a rádio Nikkey registrou uma média de ouvintes de 31.998 por minuto na FM e 80.000 na Web onde a transmissão é de 24 horas com alcance mundial.

A ideia de produção de um programa de televisão voltado para a cultura japonesa e okinawana surgiu primeiramente na cidade de São Paulo em 2003. Na época, Paulo Miyagui, diretor do projeto, trabalhava como apresentador do programa de rádio Nikkey e quis ampliar a abrangência das notícias e divulgação da cultura japonesa e okinawana através da televisão. Segundo Miyagui (2018), “poderia interagir e combinar forças com os diferentes veículos e desenvolver projetos de comunicação que possibilitam mais divulgação e visibilidade aos produtos e serviços das empresas e entidades.”

O programa nasceu de uma tradição familiar com os Irmãos Okurara, primos de Miyagui, denominado “Imagem do Japão” onde Paulo começou como office boy e, logo após a morte dos primos, criou o TV Nikkey. As parcerias incluem o Jornal Shimbun, a Toyota, Honda, Bradesco e Sakura, além das editoras que mantêm os estandes culturais da TV onde são gravadas as entrevistas ao vivo durante os eventos.

O “TV Nikkey de São Paulo” completou 15 anos no ar em 2018 com a produção focada nas relações Brasil-Japão e eventos da comunidade em parceria com a JICA⁴⁹ – órgão de cooperação do governo japonês. Os apresentadores Paulo Miyagui e Mieko Senaha são os responsáveis pela produção, direção e exibição do programa. Além de cobrir os principais eventos da comunidade com foco na cultura e eventos educativos e beneficentes, o TV Nikkey paulistano em coparticipação com a Fundação Japão exibe a série “Best Of Japan” com os grandes sucessos das TV’s japonesas em várias áreas como o turismo, culinária, novelas, animes, entre outros. As séries estão sendo exibidas por um período de 3 anos no Brasil. Outra prioridade na programação é a cobertura dos projetos da cooperação econômica Brasil – Japão e exibição de documentários culturais em parceria com o Consulado Geral do Japão e São Paulo. A grade é dividida ainda nos segmentos: Momento Sakura, Espaço Beleza e Japan Vídeo Topics.

O programa tem 30 minutos de duração e é transmitido semanalmente pela NET São Paulo através do canal 9 e VIVO TV, canal 8 – fibra/186 – digital, aos domingos, das 20h30 às 21h com reprise aos sábados, das 20h às 20h30. Nestes canais, segundo os responsáveis, o

⁴⁸ Rádio e TV Nikkey de São Paulo. Fonte: <http://tvaberta.tv.br/programacao/110/tv-nikkey>. Acesso em jan 2018.

⁴⁹ Agência independente de cooperação internacional do Japão que coordena Assistência Oficial ao Desenvolvimento em nome do governo do Japão (AECNB, 2005).

programa mantém uma audiência em potencial de 1.500.000 a 3.000.000 de pessoas. Na TV Guarulhos, NET canal 3, o TV Nikkey é exibido às terças-feiras às 8h30, às sextas-feiras às 10h e aos sábados às 21h30, totalizando 280 mil assinantes. Já na TV Osasco, NET - canal 3, Cabonnet- canal 22 e VIVO TV fibra – canal 8, a veiculação é nas segundas-feiras às 9h e também às 21 horas, sendo 580 mil assinantes. Já no *Youtube* a TV Nikkey atinge 1,4 milhão de acessos ([Youtube.com/tvnikkey](https://www.youtube.com/tvnikkey)) e canal 8shinji7898 – RTV Nikkey. São mais de 1.500 vídeos disponibilizados, focalizando os festivais, os karaokês, a parceria cultural Brasil-Japão, eventos beneficentes e educativos. No *Facebook* (www.facebook.com/tv.nikkey) são 1.500 seguidores só na página da TV e 5 mil na página do programa de rádio e TV (www.facebook.com/rtv.nikkey).

A programação da TV Nikkey não se resume à mídia eletrônica, mas também na presença nos grandes eventos da comunidade. Nestes locais, denominado “Espaço Cultural Rádio e TV Nikkey”, são disponibilizados ao público os Best Sellers da literatura japonesa e okinawana, em parceria com várias editoras onde a estimativa de público chega a 700 mil pessoas.

No total a empresa tem onze funcionários, sendo 5 fixos e 6 terceirizados, podendo chegar a 15 pessoas conforme a necessidade de cobertura. Na equipe de externa estão Paulo Miyagui e Mieko Senaha, um cinegrafista que também é o editor de imagens e um auxiliar. Paulo é um faz tudo: produz as pautas, grava as entrevistas, apresenta e dirige os programas e também é o dono da empresa e, junto com Mieko, também é o responsável pelo setor comercial. As coberturas são de 10 a 15 eventos por semana com o predomínio cultural. A maioria dos eventos é repassado pelas associações e outras entidades diretamente aos responsáveis pelo TV Nikkey que não precisam se preocupar em “ir atrás” de pautas.

A apresentadora Mieko Senaha, primeira embaixatriz de Okinawa no Brasil, nomeada pelo governo da província, nasceu em Gushikawa em Okinawa e veio para São Paulo em 1971. Segundo ela, cabe aos embaixadores fazerem a integração de Okinawa com o mundo todo, tornando-a global. No programa de rádio há 27 anos e 15 anos à frente do programa de TV, Senaha (2018) constata que 70% do público é nikkey, embora o conteúdo não seja só para descendentes e existem muitos brasileiros interessados na música e língua okinawanas. Ainda segundo ela, muitos ouvintes também poderão se tornar intérpretes do idioma. Tradutora de formação na Universidade de Okinawa, nos programas Senaha faz papel de intérprete dos entrevistados japoneses e okinawanos. Quanto ao uchinaaguchi, ela considera que é uma língua parecida com o tupi-guarani, mas a fala okinawana é diferente em cada região.

Apesar de trabalhar com um nicho, Miyagui (2018) calcula um público alvo de 600 mil pessoas na grande São Paulo e 300 mil no interior do Estado, resultando em um público potencial de um milhão de pessoas. Segundo os apresentadores, sete mídias integradas comprovam esta audiência. Miyagui (2018) acredita que hoje a programação atinge mais brasileiros de outras nacionalidades e de 10% a 15% da população okinawana no estado de São Paulo.

Entre os eventos produzidos e apresentados pela Rádio e TV Nikkey⁵⁰ estão vários shows e eventos da comunidade, como a Expo Aflord Arujá, Miss Kimono Brasil, Miss Primavera Nikkey, Festival do Japão, Tanabata Matsuri (Festival das Estrelas), Toyo Matsuri (Festival Oriental, no bairro da Liberdade), Festival Brasil – Japão (Círculo Militar de São Paulo) e Gran Kouhaku The Friends. Desde 2013 é exibido o TV Nikkey Jovem, uma versão para os jovens com temas relacionados à cultura pop japonesa e okinawana no Brasil.

3.3.1. TV NIKKEY MS

O programa TV NIKKEY de Mato Grosso do Sul foi criado em 2007 pelo jornalista Armando Tibana, descendente de okinawanos, para divulgar as atividades da colônia nipônica em Campo Grande, bem como contribuir na integração da comunidade em todo o Estado. O programa apresenta entrevistas, cobertura de eventos da comunidade e matérias especiais sobre a chegada dos primeiros imigrantes, principais colônias em Campo Grande, bem como destaque para a arte e a culinária okinawanas principalmente.

Armando Kosuke Tibana (Figura 18), natural de Campo Grande (MS), era filho do okinawano Koson Tibana e da nissei campo-grandense Toyoko, de família humilde, cujo pai, já falecido, de profissão tintureiro e chapeleiro, além de Armando, criou mais 10 filhos. Os avós maternos trabalhavam na feira central e foram os primeiros comerciantes de espetinhos de carne no local. Já os avós paternos moravam em Okinawa e, por isso, a tradição okinawana sempre foi muito forte e presente na família. Casado com Itsuko Tibana, Armando teve dois filhos: o engenheiro Luís Armando Tibana, atualmente trabalhando na empresa Mitsubishi e a jornalista Andreza, ambos residentes em São Paulo.

⁵⁰Rádio Nikkey – 102,5 Mhz., Imprensa FM. Horário: 2ª, 3ª e 4ª feiras, das 22:00 às 23:00 horas. www.radioimprensa.com.br / www.radioetvnikkey.com.br. TV Nikkey - TV Aberta São Paulo. Canal 9 NET e 186 VIVO. Horário: Domingos, às 20:30 horas. Retransmissões: TV Guarulhos, TV Osasco, TV Mogi das Cruzes. Disponível em: www.tvaberta.tv.br / www.radioetvnikkey.com.br. Acesso em jan 2018.

Figura 18. Armando Tibana na apresentação TV Nikkey MS



Fonte: <http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2013/09/13>

Tibana era bacharel em Ciências Econômicas pela Faculdade de Ciências Econômicas de Marília (SP), onde residiu por quatro anos, trabalhando nas rádios Dirceu e Club de Marília como locutor e radialista, arcando desta forma com o seu próprio sustento na formação escolar superior. De volta a Campo Grande, durante 19 anos foi economista da Secretaria de Fazenda do então Mato Grosso e posteriormente Mato Grosso do Sul. Como radialista, foi locutor nas rádios Difusora, Cultura e Educação Rural de Campo Grande (MS). Foi apresentador do Telejornal MS TV, exibido pela TV Morena, afiliada da Rede Globo, durante 11 anos, de 1977 a 1988, e também dos telejornais locais da TV Manchete e TV Campo Grande – SBT. Na época era o único apresentador de televisão nikkey em todo o país. Empresário na atividade hoteleira, foi proprietário do Hotel Lago Azul na cidade de Bonito (MS). Na área política foi vereador (1976) por dois mandatos intercalados em Campo Grande (MS) durante dez anos, suplente de deputado estadual e diretor-administrativo e financeiro do extinto Previsul – Instituto de Previdência Social de Mato Grosso do Sul no governo de Wilson Barbosa Martins (1983-1986).

No final da década de 1970, aos 30 anos, o jornalista e radialista se tornou o presidente mais jovem da Associação Esportiva e Cultural Nipo Brasileira na capital sul mato-grossense. Neste período e início da década de 1980, ou seja, de 1977 a 1985, através de quatro mandatos consecutivos, Armando Kosuke Tibana destacou-se como presidente da entidade, onde foi responsável e é lembrado até hoje por várias obras em benefício da colônia nipo brasileira. Um dos eventos marcantes em sua gestão foi a comemoração em 1978 dos 70 anos da imigração japonesa no Brasil com a inauguração do ginásio poliesportivo. Ainda como

presidente da AECNB⁵¹, em sua gestão foi construído o clube de campo da Associação na saída para Três Lagoas com piscinas, quadras, campos de *Gate Ball*, entre outras obras. A sede recreativa, conhecida como Clube da Nipo, foi denominada Poliesportivo Armando Kosuke Tibana está entre as melhores entidades nipônicas do Brasil. No local até hoje são realizadas as principais festividades da associação, como o Bon Odori e o Undokai, gincana poliesportiva com a participação de toda a família.

Gerson Miyasato (2019) foi membro da diretoria da Nipo juntamente com Tibana desde 1977 até a última gestão em 1985, sempre ocupando o cargo de tesoureiro e recorda que a primeira coisa que fizeram foi a perfuração do poço artesiano de 100 metros de profundidade que abastece a sede de campo da associação até hoje: “na época tudo foi feito com o nosso próprio trabalho e muito esforço, não havia ajuda de políticos e emendas parlamentares como hoje para auxiliar o clube”. Myasato (2019) destacou que na década de 1980 era muito comum ocorrer invasões de terrenos na cidade e por isso era preciso garantir a propriedade: “Não tínhamos alternativa, tínhamos que construir, fazer alguma coisa, cercar a área senão ela poderia ser invadida, como aconteceu, mas conseguimos retomar a maior parte”, revelou Myasato (2019). O ex-tesoureiro da AECNB recordou o trabalho incansável de Tibana para a construção do clube de campo, das duas piscinas e do ginásio de esportes: “Quando o prédio ficou pronto, compramos dez vacas e fizemos uma grande festa de inauguração com churrasco para toda a colônia”, finaliza Myasato (2019), lembrando também que na administração de Tibana toda a estrutura do telhado de madeira da sede centro da Nipo foi trocada por uma sustentação metálica, além de inúmeras outras melhorias.

A partir de 2007 Armando Tibana dedicou-se à produção e apresentação do programa TV NIKKEY MS, exibido inicialmente na TV Record e posteriormente na TV Bandeirantes (local) nas manhãs de domingo (9h30), apresentando reportagens da cultura japonesa e okinawana e divulgando acontecimentos da comunidade com o propósito de promover a preservação da cultura nipo brasileira em Campo Grande e Mato Grosso do Sul. Para Tibana, além de meio de vida, o trabalho possibilitava o fortalecimento da tradição e dos valores dos antepassados.

No programa, Tibana fazia um pouco de tudo: produzia, apresentava e cuidava também da parte comercial, captando recursos entre a comunidade japonesa e okinawana, familiares e amigos, para viabilizar o programa. Bancado principalmente por um primo, o patrocínio incluía também as empresas Discautol, Laboratório Bioclínico, Comercial Daiji e

⁵¹ Associação Esportiva e Cultural Nipo Brasileira de Campo Grande (AECNB, 2005).

Grupo Shiraishi. Desde o início, Tibana trabalhou com a terceirização de equipamentos para as gravações, edição, finalização e outros serviços. Os apresentadores e repórteres, entre eles Cássia Tamashiro, Silvio Mori e posteriormente Paola Goya e Shunji Hisa, sempre trabalharam como voluntários. Para os quadros de saúde, Armando contava com a colaboração do médico e ex-presidente da Nipo, Marcos Tiguman, com dicas de saúde. Mas o TV NIKKEY também viveu uma fase de prestígio quando a Caixa Econômica Federal e o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) patrocinaram o programa em virtude do movimento de *dekasseguis*⁵², brasileiros que foram trabalhar no Japão.

O jornalista e empresário Armando Kosuke Tibana morreu em casa no dia 13 de setembro de 2013, aos 66 anos, vítima de um ataque cardíaco, deixando um legado na comunicação e na comunidade nipo-brasileira.

Para o amigo, ex-colega de profissão na TV Morena e ex-funcionário de Tibana na AECNB, Jesus Pedro Assunção Por Deus (2019) que durante muito tempo foi editor de imagens na TV Morena de Campo Grande e acompanhou a trajetória do jornalista: “na apresentação de televisão ele era um dos melhores tanto pela desenvoltura e firmeza como pelo trato com as pessoas”. Por Deus (2019) lembra que como não havia *teleprompter*⁵³ naquela época, Tibana improvisou um teletexto com garrafas *pet* onde pudesse ler as notícias em uma espécie de tela. O amigo lembra também de Tibana andando pelos corredores decorando os textos que seriam divulgados durante a apresentação do jornal na TV Morena (figura 19) e enfatiza as qualidades do apresentador “ele era humano, uma pessoa íntegra, um excelente patrão, amigo e o melhor presidente que a Associação Nipo já teve” e reintera:

Na década de 80 a Nipo passava por dificuldades financeiras e o Armando decidiu criar uma discoteca lá e me convidou para ser o DJ - disco jôquei. A iniciativa foi um sucesso, com dinheiro arrecadado ele construiu a quadra de futebol da sede da associação no centro da cidade e ainda deu início à construção da associação de campo na saída para Três Lagoas. Não fosse por ele, a Nipo não estaria como está hoje. Como administrador, amigo e chefe, nunca mais encontrei pessoa igual” (POR DEUS, 2019).

⁵²Palavra japonesa que designa pessoas que saem temporariamente de sua terra natal para trabalharem em outro país/região em busca de acúmulo de capital (AOKB, 1998).

⁵³ Um teleprompter ou teleprompter é um equipamento acoplado às câmeras de vídeo que exibe o texto a ser lido pelo apresentador. É a forma mais eficiente de exibir textos para apresentadores, especialmente em segmentos longos. Fonte: <http://www.casadosfocas.com.br/o-que-e-e-como-funciona-o-teleprompter/> Acesso em 09 set 2018.

Figura 19. Apresentação de Armando Tibana telejornal da TV Morena (MS)



Fonte: <http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2013/09/13>

As dificuldades de Tibana na condução do TV NIKKEY/MS são rememoradas pelo comerciante e amigo pessoal José Evaristo Viana (2019) que, desde o início, foi um dos incentivadores e anunciantes do programa. “Tanto como político como diretor do TV NIKKEY, o Tibana era uma pessoa injustiçada”, declara Viana (2019), afirmando ainda que:

A política não era para ele porque era uma pessoa muito íntegra e humana. Quanto ao TV NIKKEY ninguém ajuda e penso que a colônia okinawana e japonesa deveria apoiar mais. O Armando fazia reuniões nas associações e as diretorias prometiam ajudar, mas ele virava as costas e não repassavam nenhum recurso para manter o programa. Digo o mesmo em relação aos políticos que sempre participam de vários eventos promovidos pelas associações e também não ajudam em nada.

Depois da morte do apresentador, o irmão Bernardo Yukishige Tibana (2018), que sempre acompanhou e auxiliou Armando nos programas de rádio⁵⁴ e de televisão, inclusive substituindo-o quando necessário, assumiu totalmente o controle do TV NIKKEY, atendendo pedidos da própria família e comunidade japonesa e okinawana. Na decisão de manter o programa, Bernardo (2018) considerou também o esforço e a dedicação de Armando que fazia tudo pelo TV NIKKEY e não podia deixar o projeto idealizado pelo irmão acabar simplesmente: “É um espaço importante que o Armando conquistou e vinha mantendo e até

⁵⁴ Programas de rádio “Círculo Católico Estrela da Manhã” na rádio Cultura de Campo Grande onde Armando foi locutor e sua voz ficou bastante conhecida e foi convidado para trabalhar em outras rádios (TIBANA, 2017).

por consideração e respeito por ele temos que mostrar união e manter o que ele tanto lutou para conseguir”.

Além de Tibana, o TV NIKKEY conta com o trabalho voluntário dos apresentadores Paola Goya e Shunji Hisaeda e da repórter Issel Chaia. O cinegrafista Nelson Mandu e o editor de imagem Elias Moraes são remunerados, totalizando seis pessoas. As cabeças, assim como todos os textos dos programas, são redigidas por Bernardo Tibana e gravadas sempre no início da semana. Sem *teleprompter*, Paola tem que decorar todo o texto das cabeças, passagens de bloco, notas, abertura e encerramento.

Na reportagem desde 2016, Issel Chaia é acadêmica de jornalismo e acredita que o programa deu suporte e a ajudou a aperfeiçoar a maneira de comunicar: “Me deu mais segurança para fazer dessa minha profissão”. Sobre o papel do TV NIKKEY na comunicação entre os descendentes de Okinawa e do Japão em Campo Grande, a acadêmica assegura que

É muito bom participar um pouco do registro da história dos descendentes okinawanos e japoneses. Aqui é a terceira comunidade no país e eles são organizados para conservar a sua cultura e isso é muito bonito. Temos uma equipe de profissionais da área muito dinâmica e acredito que o programa cumpre seu papel pois estamos sempre envolvidos com as promoções das três associações que reúnem os descendentes além de envolver a sociedade em geral, mostrando que a cultura okinawana no Brasil continua perpetuada por meio da dança, da música e da linguagem (CHAIA, 2019)

Posteriormente Bernardo repassa o conteúdo para o editor de imagens que finaliza o trabalho até a sexta-feira, quando o programa tem de ser entregue na emissora para exibição. As edições são realizadas na residência do editor responsável pelo programa, sendo Bernardo responsável pela edição de texto e Elias Moraes, pela edição das imagens e finalização geral.

A sede da empresa funciona na própria residência de Tibana que, igualmente ao irmão Armando, produz as pautas, redige o roteiro/*script*, edita o texto e também capta recursos para a viabilização do programa. Cabe ao editor de imagens inserir as matérias no *youtube*, possibilitando o acesso as matérias exibidas: “Por problemas de direitos autorais, infelizmente não podemos inserir os programas inteiros em função das músicas e sabemos que muitas pessoas assistem o TV NIKKEY justamente para ouvir as melodias de Okinawa”, justifica Tibana (2018).

Exibido semanalmente na TV Imaculada Conceição (canal 15), o programa também foi exibido na TV Interativa, afiliada da TV Bandeirantes (canal 13) durante dois anos e veiculado até março de 2018. O TV NIKKEY tem a duração de 30 minutos incluindo os intervalos comerciais, divididos em quadros sobre saúde, gastronomia, música, turismo e a divulgação de toda a agenda das três principais entidades da comunidade: Associação

Esportiva e Cultural Nipo Brasileira de Campo Grande, Associação Okinawa de Campo Grande e Associação Campo-grandense de Beisebol.

Além das matérias produzidas pela equipe em Campo Grande, Bernardo conta também com imagens cedidas pelos telespectadores de eventos realizados em outras cidades e que são exibidas no programa. Toda a produção é feita pelo próprio Bernardo conforme a agenda das entidades, datas comemorativas, visitantes ilustres, competições esportivas e sugestões dos envolvidos nos eventos de interesse da comunidade. A apresentação nos últimos dois anos vinha sendo feita por Paola Goya e Shunji Hisayeda, conforme a figura 20, mas atualmente apenas Paola Goya vem apresentando o programa porque Hisayeda se encontra fora do estado.

Figura 20. Apresentação TV Nikkey com Paola Goya e Shunji Hisayeda



Fonte: <https://www.facebook.com/tvnikkeymsoriginal/>

Para Paola Goya, estudante de Artes Visuais na Universidade Federal de Mato Grosso, filha e neta de okinawanos, trabalhar no programa foi uma forma de manter a ligação com a cultura dos seus antepassados e manter vivos os rituais que sua família sempre praticou e ela pretende preservar: “muitas tradições são mantidas pelas pessoas mais velhas e esquecidas pelos mais jovens como o idioma uchinaguchi, rituais em aniversários e funerais e várias comemorações importantes” (GOYA, 2019). A apresentadora lembra que foi convidada por Armando Tibana para participar do TV NIKKEY em 2010, assim que Cássia Tamashiro deixou a apresentação do programa:

O Armando foi um professor, sempre atencioso e gentil, me ensinou tudo, desde as dicas de locução, postura, o olhar, foi tudo natural. Ele ainda apresentava o programa, mas desde o primeiro dia já fui para a frente da câmera fazendo entrevistas, reportagens e também na apresentação, mas depois fiquei só como apresentadora onde me sinto mais segura. Vejo o TV Nikkey como consolidado, com um público cativo, principalmente de obassans e odissans. Todos os meus familiares assistem o programa, é o momento em que temos um pouco da nossa cultura e também ficamos a par do que está acontecendo na agenda da nossa comunidade (GOYA, 2019)

Além da emissora local, o TV NIKKEY de Mato Grosso do Sul também está disponível no *Youtube* e na página do programa no *Facebook*. Pela veiculação na TV Imaculada, através de um convênio entre as partes, o custo é de R\$ 1.400,00 mensais. A divulgação dos programas é feita através dos informativos internos e também pelo *Whatsaap* dos associados e amigos na véspera da exibição.

Em outros períodos, o TV NIKKEY produziu reportagens importantes para a integração e fortalecimento da identidade como o centenário da Imigração, a visita do príncipe Akishino e da princesa Kiko, a visita do governador de Okinawa, Takeshi Onaga e a concessão de títulos honoríficos a todos os cônsules que visitaram Mato Grosso do Sul. Um dos destaques na programação foi a matéria especial sobre Hiroo Onoda, oficial do Exército Imperial japonês que passou quase 30 anos escondido nas Filipinas e foi o último soldado do Japão a se render após o fim da Segunda Guerra Mundial, apenas em 1974. Hiroo Onoda morou durante 40 anos na Colônia Jamic em Terenos, Mato Grosso do Sul. O ex-tenente recebeu honrarias no Japão e morreu aos 91 anos em Tóquio onde viveu nos últimos anos (Figura 21).

Figura 21: Ex-tenente do exército japonês Hiroo Onoda na Segunda Guerra



Fonte: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011>

Apesar de ter sido veiculado durante dez anos por duas emissoras de canal aberto de Campo Grande e por uma emissora a partir de 2018, o programa “TV NIKKEY”⁵⁵ nunca foi

⁵⁵TVNIKKEY – MS Canal 15 e NET canal 21. Horário: Domingos, às 9 horas. Reprise às segundas às 21 h. Fonte: <https://tvnikkey.wordpress.com/> <https://pt-br.facebook.com/tvnikkeymsoriginal/> Acesso em 22 set 2017.

alvo de um estudo acadêmico em projetos de pós-graduação. Considera-se que se trata de um produto importante para a comunidade okinawana e possui também muita relevância do ponto de vista de uma pesquisa de mestrado. A integração proporcionada pelo programa justifica uma investigação mais ampla sobre esse objeto de pesquisa.

Desde que foi criado em 2007, o TV NIKKEY MS não se trata de um noticiário ou um telejornal, é um programa de variedades que tenta mostrar a cultura e a identidade dos okinawanos e japoneses e a sua influência no dia a dia dos sul-mato-grossenses, bem como no desenvolvimento do estado. Semanalmente, o programa apresenta entrevistas e matérias especiais sobre a vida dos imigrantes em Campo Grande, datas comemorativas no Japão e Okinawa, torneios de Karaokê, tênis, gate-ball e várias festividades, como o Bon Odori, Undokai, festival do sobá, entre outros eventos.

A informação dirigida para a população de okinawanos e japoneses que residem em Campo Grande é de fundamental importância para esses imigrantes que, no passado foram vítimas da desinformação e violência dos próprios patrícios que se recusavam a acreditar que o Japão havia sido derrotado na Segunda Guerra Mundial, movimento que ficou conhecido como Shindo Renmei⁵⁶. Enquanto durou o conflito, o governo brasileiro proibiu o uso do idioma e a publicação de jornais, manifestos ou qualquer divulgação de notícias dirigidas aos imigrantes okinawanos e japoneses. Nesse período, todos os jornais e rádios nikkeys foram fechados e houve ainda muitas perseguições e prisões, deixando os imigrantes isolados e sem saber exatamente o que acontecia no Japão durante a guerra.

⁵⁶Shindo Renmei (Liga do Caminho dos Súditos), organização terrorista de imigrantes japoneses que assassinou um número expressivo de seus conterrâneos considerados traidores por difundirem a informação correta da derrota do Japão na Segunda Guerra (MORAIS, 2000).

4 METODOLOGIA, PESQUISA E ANÁLISE

Nesse capítulo é desenvolvida toda estrutura metodológica, assim como a análise sistemática da pesquisa. Utilizou-se o acompanhamento e todo o processo de produção, edição e gravação dos programas. Como processo metodológico, foram gravados e decupados oito programas exibidos em um período de dois meses (julho e agosto de 2018) possibilitando uma abrangência maior do conteúdo e a análise dos quadros apresentados.

Também se investigou os formatos do programa, os principais temas exibidos nas reportagens, o tempo destinado a cada assunto, as fontes utilizadas e como as questões de identidade e valores culturais foram abordadas. Foram realizadas entrevistas com os produtores e demais responsáveis pelo programa e acompanhamento da produção e roteiros. Todas as respostas obtidas foram tabuladas. Os dados conseguidos no trabalho foram investigados para que possam oferecer informações importantes a serem reveladas na análise de conteúdo da pesquisa. Foram investigadas ainda questões referentes à identidade okinawana, a contribuição do programa para a preservação e resgate dos costumes de Okinawa, se os temas se relacionam com a cultura e as tradições okinawanas e se relata a história dos okinawanos no Brasil e em Mato Grosso do Sul.

Para um melhor embasamento teórico desse projeto buscou-se alguns autores referenciais que tratam de temas que ajudam a construir esse trabalho, ou seja, a imigração, a identidade, a comunicação e a televisão. Na análise do conteúdo do programa foram utilizadas como base metodológica os estudos da pesquisadora francesa Laurence Bardin, professora de Psicologia da Universidade de Paris V Descartes que já construiu um referencial teórico importante. Em sua obra *Análise de Conteúdo* (2011), a autora apresenta um conjunto de técnicas de análise das comunicações com o objetivo de obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens (BARDIN, 2011). Dessa forma, além de uma ferramenta de estudo, a *Análise de Conteúdo* constitui:

Um bom instrumento de indução para se investigarem as causas (variáveis inferidas) a partir dos efeitos (variáveis de inferência ou indicadores), embora o inverso, prever os efeitos a partir de factores conhecidos, ainda não esteja ao alcance de nossas capacidades (BARDIN, s/d, p.167).

A *Análise de Conteúdo*, de inspiração positivista, foi proposta entre 1948 e 1952 por Bernard Berelson e Paul Felix Lazarsfeld nos Estados Unidos como “técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação, atuando sobre as formas simbólicas e expressivas da comunicação de massa” (JORGE, 2015,

p. 11). Na época, a ideia era intervir nas relações entre a Comunicação de Massa, a Psicologia Social, a Ciência Política, a Antropologia, a propaganda de guerra, constituindo-se na fórmula da teoria matemática da comunicação, dentro de uma filosofia funcionalista da informação sistêmica (JORGE, 2015).

O método (da Análise de Conteúdo) foi escolhido por ser o mais adequado às características e propósito deste trabalho pelo qual pretende-se analisar a comunicação entre os okinawanos e seus descendentes em Campo Grande por meio dos conteúdos das mensagens transmitidas no programa TV Nikkey. A técnica, amplamente utilizada nos aspectos qualitativos (inferencial) e quantitativos (estatísticos), permite que sejam analisados com precisão o que é dito sobre determinado tema, num determinado lugar, num determinado espaço (BARDIN, 2011). No caso do TV Nikkey a metodologia possibilitou investigar os enquadramentos propostos pela pesquisa em relação à frequência e relevância dos temas, bem como formato, fontes e maneira de apresentação. Na continuação dessa linha de pensamento a pesquisadora Taís Jorge acrescenta que:

A AC constitui-se num instrumental rico, versátil e multifacetado, que pode ser combinado com outras técnicas sem prejuízo de nenhuma delas, ao contrário, só ganha na troca de saberes. Do mapeamento de tendências ao exame de materiais efêmero (...) a Análise de Conteúdo clássica agrega nos tempos atuais a vantagem da digitalização, possibilitando a realização de testes e repetição de medidas para confirmação, e organizando o conteúdo. Permite ainda fazer análises quantitativas e qualitativas num marco teórico mais amplo e diversificado, onde essas duas técnicas se complementam e geram inferências valiosas (JORGE, 2015, p. 273).

Bardin (2011) atesta que o aspecto exato e bem delimitado do corte proposto na Análise de Conteúdo tranquiliza o analista no processo de tomar uma mensagem, seccioná-la e estabelecer categorias. De acordo com Jorge (2015, p. 20) “não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos” onde as mensagens constituem objeto de exame sofisticado e acurado. A autora (2015, p. 21) assegura ainda, que não existe uma regra fixa na Análise de Conteúdo e “a metodologia pode ser adequada ao objetivo do pesquisador” e aplicada virtualmente a qualquer forma de comunicação.

A técnica, como menciona Jorge (2015), é um dos métodos mais utilizados nas Ciências Sociais, na Psicologia, Antropologia e Comunicação, pela “possibilidade de separar para juntar: picar, cortar o conteúdo em pequenas unidades, marca-las ou etiquetá-las, para depois reuni-las num todo que faça sentido” (JORGE, 2015, p. 20)

O professor Mario Luiz Fernandes (2015, p. 85) entende que a Análise de Conteúdo serve “como a base para o desenvolvimento de qualquer análise de natureza discursiva... e

possui expressiva autonomia analítico-qualitativa no campo das inferências ou deduções lógicas”. Além de esmiuçar uma mensagem nos componentes linguísticos e discursivos, Fernandes (2015) sugere que para compreender efetivamente o seu efeito, deve-se avaliar também a frequência com que essa mensagem é emitida, o espaço/tempo que ela ocupa e os recursos estéticos, entre outros elementos. Assim sendo, destaca a eficiência do método:

Como definiu Bardin (2011), a AC é uma técnica de investigação de matiz semiológica que objetiva ler, descrever, compreender, inferir e interpretar o conteúdo das comunicações e analisar a influência cultural dessas comunicações na sociedade. Sua origem está na linguística, porém com métodos e pressupostos teóricos completamente distintos. O campo de investigação situa-se entre a Semiótica e a Semântica (FERNANDES, 2015, p. 85).

Para Herscovitz (2007), a Análise de Conteúdo apresenta um modelo para entender o produtor da notícia, o receptor, a organização que coordena o veículo, o processo produtivo e aspectos culturais nele implícitos sendo que todas as informações podem ser reduzidas a categorias baseadas em regras explícitas. Outro ponto a favor da metodologia é que “ela não se encerra em si na construção de questionamentos, ao contrário, a cada descrição detalhada, a cada descoberto do sentido disperso, suscita outras perguntas, sugere novas abordagens” (BUENO; MAGALHÃES, 2015, p. 105).

A proposta de análise de Bardin na qual este trabalho foi embasado, está organizada em três diferentes etapas: a pré-análise com o tratamento descritivo do objeto; a exploração do material com o estabelecimento de categorias; o tratamento dos resultados, inferência e a interpretação.

Nessa pesquisa a primeira fase de pré-análise consistiu em estabelecer contato com os programas, analisar e conhecer o texto e o modo de produção. Além da escolha dos programas submetidos à análise, esta etapa compreendeu também a formulação das hipóteses e objetivos e a elaboração de indicadores que respaldem a interpretação final. Após a organização do conteúdo, partiu-se para a questão norteadora deste estudo: se os assuntos abordados no programa TV NIKKEY estão diretamente relacionados com a preservação da cultura e identidade okinawanas por meio da língua, manifestações culturais e comunicação.

Na exploração do material, a divisão do conteúdo dos programas em formatos, temas, assuntos, tipo de notícia e tempo de exibição, permitiu analisar com mais critérios a quantidade de matérias, assim como a profundidade sobre determinados temas, o tempo e o tratamento dedicado aos assuntos, as fontes, entrevistados específicos, além de avaliar a estrutura do programa. Para tanto foi feita a decupagem dos programas com a categorização das matérias, bem como o tempo de exibição de cada uma.

Neste estudo, a Análise de Conteúdo foi utilizada para mapear o panorama dos temas e assuntos veiculados de forma que pudessem ser agrupados e analisados adequadamente. Assim, na questão dos formatos identificou-se quando se tratava de abertura, passagem de bloco, reportagem, nota coberta, nota retorno, agenda, entrevistas e *clip* musical. A classificação das fontes utilizadas foi dividida em oficiais, pessoais e institucionais para averiguar quem de forma direta ou indiretamente pauta o TV NIKKEY.

A organização da codificação, no caso de uma análise quantitativa e categorial, segundo Bardin (2011), compreende o recorte com a escolha das unidades, a enumeração onde são definidas as regras de contagem e a classificação e agregação com a escolha das categorias. Enquanto a unidade de registro é o que se conta, a regra de enumeração (modo de contagem) utiliza diversos tipos de enumerações como a presença ou ausência de um termo; a frequência e a intensidade de aparição de um elemento; a direção (ponderação da frequência); a ordem de aparição e a concorrência com a presença simultânea de duas ou mais unidades de registro em uma unidade de contexto, como categoriza (BARDIN, 2011).

A unidade de registro é a unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial. Entre as unidades de registro mais utilizadas a autora destaca a palavra, o tema, o objeto ou referente, o personagem, o acontecimento e o documento (BARDIN 2011, p. 134). Por sua vez, a unidade de contexto serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, como indica Bardin (2011, p. 137), destacando como exemplos a frase para a palavra e o parágrafo para o tema.

Bardin (2011) esclarece a distinção entre a unidade de registro (o que se conta) e a regra de enumeração (modo de contagem), utilizando diversos tipos de enumerações: a presença (ou ausência) de um termo; a frequência de aparição; a frequência ponderada ou relativa; a intensidade na aparição de um elemento; a direção (ponderação da frequência; a ordem de aparição das unidades de registro e a concorrência com a presença simultânea de duas ou mais unidades de registro em uma unidade de contexto (2011, p.138-142).

Na terceira fase da metodologia proposta por Bardin (2011), foi feita a interpretação analítica com o tratamento dos resultados brutos onde procurou-se saber quando e com que frequência as matérias veiculadas apresentavam questões referentes a identidade, reapropriação e manutenção dos costumes de Okinawa. Na interpretação procuramos investigar também a presença ou ausência de matérias relacionadas à determinados temas, associações e o enfoque e profundidade dedicados ao assunto

Os resultados obtidos demonstram que a Análise do Conteúdo é uma ferramenta importante porque permite repensar a importância da preservação dos costumes de uma comunidade que, mesmo vivendo tão distante do seu país de origem, preocupa-se em manter viva a memória dos seus antepassados. Outra vantagem verificada nos estudos norteados pela metodologia, segundo Bardin (2011), é que de cada material analisado pode surgir um novo sentido, suplementar ao já conhecido, contribuindo para refletir e repensar as significações da vida humana.

Após a tabulação dos dados e dos resultados obtidos foram feitas as análises do material selecionado.

4.1. Programas analisados

Os programas selecionados para análise foram os números 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542 e 543, exibidos pelo TV NIKKEY no período de julho a agosto de 2018. Na análise constatou-se que cada programa tem 30 minutos de exibição, incluindo os intervalos comerciais, divididos em quadros sobre saúde, gastronomia, música, turismo e a divulgação de toda a agenda das três principais entidades da comunidade: Associação Esportiva e Cultural Nipo Brasileira de Campo Grande, Associação Okinawa de Campo Grande e Associação Campo-Grandense de Beisebol.

No programa 536, o primeiro dos oito analisados, exibido no dia 08 de julho de 2018, verificou-se a predominância de matérias relacionadas à cultura okinawana e japonesa com a cobertura de apresentação de dança e festividades como os 100 anos da Escola Visconde de Cairu, a escolha da Miss Nikkey de Mato Grosso do Sul e clips musicais com cantores e grupos de Okinawa. No quadro 2 que segue abaixo pode-se observar melhor a descrição do programa:

Quadro 02. Programa TV Nikkey nº 536

TV NIKKEY: PROGRAMA 536			DATA: 08/07/2018	
Formato	Editoria	Assunto	Identificação (classificação)	Tempo
Vinheta	Abertura	Geral	Vinheta produzida para abertura do programa	
Nota		Escalada	Destaque dos vts	1'23"
Nota	Agenda	Agenda cultural	Relação dos eventos que serão realizados na semana	2'58"

<i>Clip</i>	Cultura	Música	<i>Clip</i> musical dedicado aos membros da AECNB pela assembleia ordinária	2'00''
Passagem de bloco	Intervalo	Anúncio		
VT/reportagem	Cultura	Dança	Apresentação do grupo de dança Sakura (imagens e entrevistas)	5'00''
<i>Clip</i>	Cultura	música	<i>Clip</i> musical destinado aos aniversariantes da semana	2'50''
VT/reportagem	Cultura	Escolha Miss MS	Eleição da <i>Miss Nikkey MS</i> , Natália, eleita posteriormente <i>Miss Nikkey Brasil</i>	2'40''
<i>Clip</i>	Cultura	Música	<i>Clip</i> musical oferecido ao Centro de Convivência da Nipo	2'30
VT/reportagem	Cultura	Festa junina	Melhores momentos da festa junina da Escola Visconde de Cairu e 100 anos da escola	3'69''
Nota	Encerramento	Agradecimentos	Apresentadora agradece e “chama” as atrações do próximo programa	0'42''

Fonte: Autora, 2019

O grupo de dança Sakura da Associação Esportiva e Cultural Nipo Brasileira é formado por 50 crianças e adolescentes e foi criado em 2008 com o intuito de preservar a cultura de Okinawa através da dança e da música. A matéria com 5 minutos de exibição mostra trechos das várias coreografias apresentadas no Shopping Norte-Sul em Campo Grande e entrevistas dos participantes e do público em geral. As dançarinas, sob a coordenação da professora Andrea Miti Okamura, já ganharam vários prêmios em festivais de dança em Mato Grosso do Sul e outros estados brasileiros. As aulas são gratuitas, ministradas de forma voluntária e acontecem na sede da Nipo da Rua Antonio Maria Coelho.

A reportagem sobre o centenário da Escola Visconde de Cairu, considerada uma referência educacional em Campo Grande e símbolo de resistência durante a Segunda Guerra Mundial, tem menos de 4 minutos e concentrou-se na festa junina realizada como parte das comemorações e pouco se falou sobre a importância da instituição na educação dos japoneses e okinawanos e seus descendentes. A escola, criada em 1918 para atender os filhos dos

imigrantes, durante o período de guerra só não foi confiscada pelos militares porque o professor de língua portuguesa na época, Luís Alexandre de Oliveira assumiu a direção e transferiu o prédio para o seu nome. Durante a ditadura do governo de Getúlio Vargas e a Segunda Guerra todos os documentos e registros históricos do colégio foram queimados pelo governo brasileiro que via os descendentes como inimigos já que o Japão não era aliado do Brasil. Posteriormente Luís Alexandre foi diretor da escola e devolveu o prédio, demonstrado na figura 22, para a Associação Esportiva e Cultural Nipo Brasileira da capital, mantenedora do estabelecimento.

Figura 22. Fachada atual da escola Visconde de Cairu, Campo Grande (MS)



Fonte: Acervo AECNB/CG (MS)

Já o tempo destinado à matéria sobre a escolha da nova *Miss Nikkey MS* considerou-se relevante uma vez que a vencedora, Nathália Monteiro de Carvalho Tanaka, foi eleita posteriormente a *Miss Nikkey Brasil 2018*, em evento realizado durante o Festival do Japão Brasil em São Paulo, com a participação de 24 candidatas e representaria o país no concurso mundial.

Nesse programa, constatou-se que todas as matérias exibidas estão relacionadas à cultura nipônica com a apresentação de músicas, danças e as comemorações do centenário da escola voltada para a comunidade nipo brasileira em Campo Grande. As entrevistas e fontes foram de pessoas informais, sendo a maioria de descendentes okinawanos e familiares dos dançarinos, das candidatas à *Miss*, pais de alunos e convidados dos eventos. Também apurou-

se que em um programa de 30 minutos, quase 5 min são dedicados aos clips musicais de cantores e grupos de Okinawa.

Conforme relatado anteriormente, verificou-se a ausência de uma matéria mais completa sobre a escola Visconde de Cairu (figura 20) que completou 100 anos de existência em 2018 e foi motivo de muitas festividades, sendo produzido um documentário sobre a mesma e relatos de ex-alunos nos impressos quinzenais da Associação Nipo. Neste caso, em entrevista o diretor do TV Nikkey, Bernardo Tibana (2018) alegou falta de recursos financeiros e estruturais para viabilizar uma cobertura mais abrangente e por este motivo as reportagens sobre a escola Visconde de Cairu foram centradas mais nas festividades realizadas pelo colégio como parte do calendário das comemorações do centenário.

Em relação ao propósito da pesquisa observou-se que o programa 536 cumpriu seu objetivo de divulgar e preservar a cultura de Okinawa e do Japão com as matérias exibidas. Quanto às fontes verificou-se a influência das associações e do calendário de eventos na produção das pautas, predominando a agenda das entidades nipônicas. Neste o caso, cabe esclarecer que o grupo de dança Sakurá pertence à Associação Nipo ao mesmo tempo que a escola Visconde de Cairu também faz parte da instituição, sendo estas duas matérias as de maior tempo de exibição, totalizando quase 9 minutos. Dois dos três *clips* musicais foram dedicados aos membros da Nipo pela participação em uma assembléia ordinária e o outro oferecido ao Centro de Convivência da associação.

O programa 537 do dia 15 de julho de 2018 apresentou matérias com temas sobre cultura, culinária, música, serviços com a divulgação de cursos e clips com músicas de Okinawa. O conteúdo pode ser melhor observado conforme o quadro 3 abaixo:

Quadro 03. Programa TV Nikkey nº 537

TV NIKKEY: PROGRAMA: 537			DATA: 15/07/2018	
Formato	Editoria	Assunto	Identificação (classificação)	Tempo
Nota		Escalada	Destaque dos vts	
Nota Coberta	Agenda	Agenda cultural	Agenda cultural	2'58"
Clip	Música Okinawa	Vídeo musical	Clip musical dedicado aos grupos Rossokai e Funjinkai	2'00"
VT/reportagem	Serviço	Centro Convivência	Cursos centro convivência: bonecas de pano, capuz, próximos investimentos	2'98"

Clip	Cultura	Música	Clip musical destinado aos aniversariantes da semana	2'47''
Nota coberta	Anúncio	Publicidade	Aromatizantes	0'63''
VT reportagem	Cultura	Grupo dança Seijun	Reportagem em prol viagem integração do grupo Seijun	2'68''
Comercial	Anúncio	Publicidade	Laboratório Bioclínico	
Clip	Cultura	Música	Clip musical dedicado ao pessoal do karaokê que participou do Brasileirão 2018	3'62''
Comercial	Anúncio	Publicidade	Eletrônica Monte Líbano	
VT reportagem	Culinária	Sukiyaki	Exibição dos melhores momentos do 3º sukiyaki/2018 da Nipo	6'52''
Nota	Encerramento	Agradecimentos	Apresentadora agradece e “chama” para a Feijoada promovida pelo deptº Tênis da NIPO	0'44''

Fonte: Autora, 2019

Neste programa, o TV NIKKEY apresentou uma reportagem sobre as atividades do Centro de Convivência da Associação Nipo de Campo Grande onde são oferecidos diversos cursos e projetos sociais para a comunidade nipônica da capital. Além das oficinas artesanais como a confecção de capuz, toucas e bonecas de pano, são ofertados cursos de culinária com formação profissional na produção de sushi por exemplo. No Centro de Convivência também são oferecidos atendimentos médicos e odontológicos e outras atividades para os aposentados e pessoas mais velhas.

Outro vídeo traz a cobertura de um almoço promovido pelo Seinenkai, departamento de jovens da AECNB, em prol da integração e próxima viagem do grupo de dança Seishun. As entrevistas com o professor e participantes destacam a importância da atuação dos jovens na divulgação da cultura okinawana, bem como da participação do departamento em eventos realizados em outros estados. Nesta reportagem, especificamente, o grupo visava angariar recursos para a apresentação em São Paulo (SP) nas festividades em comemoração ao aniversário do Japão.

Os três *clips* musicais foram dedicados aos aniversariantes da semana e grupos que irão se reunir ou se apresentar nos próximos dias como o Rosokai, Fujinkai e Seinenkai, além do pessoal do karaokê que participará do Brasileirão 2018 em Maringá (PR).

O último VT, com 6'52", exibiu através de imagens e entrevistas, os melhores momentos do 3º Suki-yaki de 2018, evento promovido pelas senhoras do Fujinkai e que sempre conta com a presença maciça dos associados e é considerado um sucesso pela comunidade. Observa-se, tanto na cobertura como na divulgação dos eventos, uma preocupação tanto dos responsáveis pelas associações como do programa, com o fortalecimento dos departamentos existentes nas entidades e, consequentemente, com as atividades desenvolvidas em prol da manutenção da cultura okinawana e japonesa.

Neste programa, do total do tempo de exibição de 30 minutos, observou-se que metade foi dedicada aos clips musicais e matérias relacionadas à cultura okinawana e na outra metade foram apresentadas reportagens de serviço (cursos no Centro de convivência) e a culinária típica de Okinawa. As entrevistas contemplam de forma geral fontes primárias, ouvindo os participantes do curso, os jovens do grupo de dança e o público presente no Suki-yaki. Dois diretores da Associação Nipo são ouvidos na agenda cultural e na cobertura do almoço.

Em todos os blocos, incluindo a escalada, ficou evidente a divulgação e cobertura de eventos promovidos e realizados exclusivamente pela Associação Esportiva e Cultural Nipo Brasileira, excluindo as participações da Associação Okinawa e Clube de Beisebol de Campo Grande.

O programa 538 foi praticamente voltado para a apresentação de matérias relacionadas à cultura uchinanchu com a exibição de uma reportagem especial sobre o intercâmbio da campo-grandense Sarita Sayuri Shirado Michels, danças e músicas típicas de Okinawa, como demonstra o quadro 4:

Quadro 04. Programa TV Nikkey nº 538

TV NIKKEY: PROGRAMA 538			DATA: 22/07/2018	
Formato	Editoria	Assunto	Tipo de notícia (classificação)	Tempo
Vinheta			Vinheta anunciantes programa	
Nota coberta	Abertura	Escalada	Grupo de dança Sakura e entrevista com Sarita Sayuri	1'23"
Vinheta	Passagem		Imagens de Taikô e cerejeiras	
Nota coberta	Cultura	Agenda cultural	torneio de tênis de mesa, Bon Odori (com chamada em vt)	2'58"

<i>Clip</i>	Cultura	Música de Okinawa	<i>Clip</i> musical dedicado aos participantes do grupo de karaokê no Concurso em Maringá (PR)	2'00"
Intervalo		Passagem de bloco	Anunciantes (2)	
VT/reportagem	Cultura	Dança	Apresentação do grupo de dança Sakura no Festival <i>Kids</i> de dança	2'09"
Nota coberta	Anúncio	Propaganda	VT restaurante Tako	
<i>Clip</i>	Cultura	Música de Okinawa	<i>Clip</i> musical destinado aos aniversariantes da semana	2'47"
Nota coberta	Anúncio	Propaganda	VT sobre aromatizantes	
VT/reportagem	Cultura	Intercâmbio Sarita para Okinawa	Exibição matéria da TV okinawana com Sarita Sayuri sobre o intercâmbio para confeccionar o shanshin	9'20"
Intervalo		Passagem	Vinheta anunciante: Eletrônica Monte Líbano	
<i>Clip</i>	Cultura	Dança	Dedicado ao grupo Sakura pelo sucesso em suas apresentações	3'02"
Nota	Encerramento	Agradecimentos	Apresentadora agradece e “chama” as atrações do próximo programa	0'45"

Fonte: Autora, 2019

Neste programa, verificou-se o destaque para a matéria sobre o intercâmbio de Sarita Sayuri Shirado Michels (figura 23), com exibição no próprio VT da reportagem da TV okinawana que veio a Campo Grande especialmente para entrevistar a intercambista que, através de uma bolsa da Prefeitura de Naha, permaneceu um ano em Okinawa para aprender a confeccionar e consertar o sanshin⁵⁷ no Brasil, instrumento musical típico em Okinawa, precursor do shamisen. O vídeo, exibido no quarto e último bloco do programa, tem 9'20" de duração e mostra a estudante na capital de Okinawa treinando para ser a primeira fabricante de sanshin na América do Sul. Em julho de 2018 uma equipe da TV RBC The News de Okinawa passou alguns dias na capital sul-mato-grossense entrevistando e acompanhando o

⁵⁷ Frequentemente comparado ao banjo, tem um corpo feito de couro de cobra e de um braço com três cordas, as nakajiru, mijuru e uujiuru.

dia a dia de Sarita. A matéria completa mostra a apresentação desde a chegada em Naha, as aulas e oficinas para a confecção do instrumento até a participação da musicista no Dia do Sanshin, comemorado em 04 de março na província. Na oportunidade, Sarita tocou com todos os participantes representando o Brasil, sendo que o instrumento usado na ocasião foi fabricado por ela.

Figura 23. Sarita Sayuri Shirado, fabricante de shanshin em Campo Grande (MS)



Fonte: Thaís Pimenta, 2018. Campo Grande News

Sarita aprendeu a tocar e fabricar o sanshin com o avô Paulo Shirado, já falecido e pretende manter viva a tradição de seus ancestrais passando adiante seus ensinamentos, seja tocando, cantando, consertando ou fabricando os instrumentos. A reportagem traz ainda a comemoração dos 27 anos da estudante que foi homenageada pelos professores e demais alunos do curso. Durante sua estadia na capital okinawana, Sarita disse que entendeu o verdadeiro significado da frase “Ichariba Choode”, traduzida por ela como amizade incondicional: “foi através do sanshin que pude reconhecer a verdadeira cultura e tradições de Okinawana”, revela a estudante. Em Naha, Sarita ficou hospedada em uma cooperativa de fabricantes de sanshin onde pode dedicar-se integralmente ao curso.

Nas entrevistas exibidas pela TV okinawana, os professores destacam o shansin não só como um apetrecho musical, mas como um instrumento que expressa o coração dos okinawanos. O primeiro instrumento fabricado por Sarita foi premiado em Okinawa e ficou em exposição no *Plaza House* em Naha. A visita da equipe de reportagem okinawana ao Brasil foi para complementar a matéria iniciada em Naha, demonstrando a importância do intercâmbio para a preservação da cultura de Okinawa entre os descendentes que vivem em outros países como o Brasil. O TV NIKKEY produziu uma matéria sobre o intercâmbio e também as atividades desenvolvidas por Sarita em Campo Grande, onde ela segue reformando sanshins para moradores de Mato Grosso do Sul e também vindos de São Paulo.

A escalada foi feita através de dois VTs de pouco mais de um minuto com chamadas para a apresentação do grupo de dança Sakurá no teatro Glaucê Rocha em Campo Grande (MS) e a reportagem exibida pela TV de Okinawa. Com duração de quase dez minutos, a matéria sobre o intercâmbio de Sarita Sayuri ocupou todo o espaço do 4º bloco. A agenda cultural, convocando para o torneio de tênis de mesa e o Bon Odori, também foi apresentada em forma de VT com quase três minutos. Neste TV NIKKEY foram exibidos dois *clips* musicais, sendo um destinado aos aniversariantes da semana e o outro aos participantes do grupo de karaokê no Brasileirão em Maringá (PR). Nota-se que os *clips*, além dos aniversariantes, são sempre dedicados como forma de homenagear quem trabalha nos eventos promovidos pelas associações e também como estímulo aos atletas, dançarinos e cantores que já se apresentaram ou vão participar de alguma competição.

O 3º bloco foi reservado para o VT com a participação do Grupo de dança Sakura no Festival *Kids* de Dança realizado em 8 de julho em Campo Grande, sendo que as dançarinas conquistaram o 1º lugar na categoria Danças Populares sob a coordenação da professora Andréa Miti Okamura Miyashita da Associação Nipo. O Grupo, formado por cerca de 50 crianças e adolescentes que dançam e cantam músicas okinawanas, foi criado pela AECNB em 2008 para valorizar a cultura de Okinawa em Campo Grande. Percebe-se aqui a preocupação e disposição da professora de dança, bem como dos pais dos bailarinos e dos próprios alunos com a manutenção da cultura de Okinawa.

A vinda da TV RBC *The News* também veio reforçar o valor que os okinawanos e descendentes dão na preservação da identidade através da música e da dança como instrumentos de resgate e perpetuação dos costumes dos seus antepassados. Por meio do intercâmbio, a estudante tornou-se referência no Brasil e até na América do Sul, da confecção e restauração do sanshin. Nesse segmento, o TV NIKKEY contribuiu na divulgação deste

serviço disponível em Campo Grande, ao mesmo tempo em que mostrou a necessidade que os descendentes têm em se manterem ligados às suas origens.

Desde o programa 539, exibido em 29 de julho de 2018, o TV NIKKEY passou a apresentar, além da escalada e agenda cultural, chamadas com entrevistas para o Bon Odori que seria realizado nos dias 17 e 18 de agosto. Foram exibidas a cobertura de um evento promovido pelo Departamento de Tênis da Nipo, sendo a matéria da sessão de homenagem à Mahikari⁵⁸ em Campo Grande a que contou com um tempo significativo com sete minutos de duração. Além dos dois vídeos com músicas de Okinawa, também foi veiculado um VT sobre os produtos *Anew* na Expogrande. Os detalhes podem ser verificados no quadro 5 abaixo:

Quadro 05. Programa TV Nikkey nº 539

TV NIKKEY: PROGRAMA 539			DATA: 29/07/2018	
Formato	Editoria	Assunto	Tipo de notícia (classificação)	Tempo
Nota	Entretenimento	Escalada	Destaque dos vts	1'23"
Nota Coberta	Agenda	Agenda cultural	Agenda cultural	2'58"
<i>Clip</i>	Música Okinawa	Vídeo musical	<i>Clip</i> musical dedicado aos participantes do Concurso Brasileiro de karaokê	2'00"
VT/divulgação	Anúncio	Produtos Anew	Participação da <i>Anew</i> na Expogrande com a apresentação dos produtos <i>Vitality Anew</i>	12'14"
<i>Clip</i>	Música	VT musical	<i>Clip</i> musical destinado aos aniversariantes da semana	2'47"
VT/reportagem	Esporte	Evento deptº de Tênis da Nipo	Cobertura da feijoada realizada pelo Dep. Tênis/Nipo para angariar fundos para investir na realização de novos eventos	3'47"

⁵⁸ Movimento religioso fundado em 1958 por Kōtama Okada que tem por objetivo a renovação espiritual de toda a humanidade, fundamentada por revelações divinas que Deus teria revelado para seu fundador Yoshikazu Okada. Possui sede em 75 países, com cerca de um milhão de membros ativos. Fonte: <http://sukyomahikari.org.br>

Clip	Música	Vídeo Musical	Clip musical oferecido à nova Miss Nikkey de MS vencedora do Miss Brasil Nikkey	3'66"
VT/reportagem	Religião	Homenagem sessão solene As. Legislativa	Sessão na As.Leg./MS com a Comenda ao Mestre Okada da Mahikari	7'00"
Nota	Encerramento	Agradecimentos	Apresentadora agradece e “chama” as atrações do próximo programa	0'44"

Fonte: Autora, 2019

Este TV NIKKEY foi considerado especial, tanto para os produtores do programa como pela comunidade nipônica em Campo Grande (MS), por exibir uma matéria completa sobre a cobertura da sessão solene de entrega da Comenda Mahikari na Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, como mostra a figura 24.

Figura 24. Sessão solene em homenagem ao Grão Mestre Koo Okada Líder da Sukyo Mahikari



Fonte: <https://al.ms.gov.br/Noticias/89680/>

Prova disso foi a grande lotação nas dependências da Assembleia Legislativa na noite do evento e, posteriormente, a quantidade de acessos ao vídeo do programa disponibilizado no Youtube pelo TV NIKKEY e também pela Assembleia Legislativa em seu site institucional, o maior número de acesso desde a criação do site legislativo, segundo os responsáveis pela

mídia. O VT da sessão solene com a entrega da comenda ao Mestre Koo Okada, líder espiritual da Sukyo Mahikari teve a duração de sete minutos e contou também com várias entrevistas dos homenageados e outras pessoas presentes.

O Dia Estadual da Sukyo Mahikari é celebrado anualmente em 27 de fevereiro e foi instituído pela Lei Estadual 4.535/2014, de autoria do então deputado George Takimoto. A data integra o Calendário Oficial de Eventos de Mato Grosso do Sul, que segundo a direção da organização, conta com 1.500 seguidores no estado, sendo 1.100 só em Campo Grande. A Lei Municipal 5.335/2014, também instituiu o Dia da Sukio Mahikari em Campo Grande.

O movimento religioso fundado em 1959 pelo mestre Kotama Okada no Japão, chegou ao Brasil em 1974 com o propósito de disseminar a comunhão com Deus e a reforma íntima, independente de crenças, raça e nacionalidade. Presente em todos os estados brasileiros, em Campo Grande a sede da Sukyo Mahikari está localizada na rua Camisão nº 232, bairro Amambai e tem como diretor Rui Harada Nichioka.

O programa contou ainda com a exibição da matéria sobre a feijoada realizada anualmente há mais de 10 anos pelo Departamento de Tênis da Nipo, para arrecadar fundos e investir na realização de novos eventos. A diretoria ressalta que a feijoada é um almoço dançante já tradicional no clube e com grande adesão dos associados. No tema sobre serviços foi apresentado um vídeo sobre a participação da *Anew* na Expogrande com a divulgação dos produtos *Vitality Anew*. A empresa possui um complexo agroindustrial e hoteleiro no município de Corguinho (MS) onde é engarrafada a água mineral da própria fonte e é responsável pela produção de vários suplementos nutricionais como o *Floranew* e a *Chlorella*, entre outros, consumidos pela comunidade.

Constata-se na produção do programa a preocupação em valorizar os costumes okinawanos seja nos aspectos religiosos e culturais como esportivos. As matérias praticamente seguem a agendas das três associações, mas também os ensinamentos okinawanos que tem como princípio básico o culto aos antepassados.

No programa 540 (quadro 06) a agenda cultural foi apresentada através de uma nota coberta de mais de um minuto com as chamadas para o festival de prêmios durante almoço na Associação Okinawa. A cultura, a religiosidade e o esporte estiveram presentes nas reportagens sobre o Obon 2018 da Sociedade Budista de Campo Grande, o Bon Odori e a Copa de tênis, sendo o Bon Odori a de maior destaque. Constata-se, a partir deste programa, que o TV NIKKEY conta com imagens cedidas por telespectadores ou participantes dos eventos que enviam suas imagens para a veiculação de algumas matérias, como é o caso do 33º Concurso Brasileiro de Karaokê realizado em Maringá (PR).

Quadro 06. Programa TV Nikkey nº 540

TV NIKKEY: PROGRAMA 540			DATA: 05/08/2018	
Formato	Editoria	Assunto	Tipo de notícia (classificação)	Tempo
Nota	Abertura	Escalada	Destaque dos VT's	1'23"
Nota coberta	Agenda	Agenda cultural	Agenda cultural	2'58"
VT/reportagem	Esporte	Concurso Karaokê	Cobertura do Brasileirão de Karaokê em Maringá (PR)	2'13"
Clip	Cultura	VT musical	Clip musical dedicado aos voluntários do Bon Odori	2'47"
VT/reportagem		VT comemoração	Cobertura aniversário 85 anos Maurício Tibana	12'00"
Clip	Cultura	Vídeo Musical	Clip musical oferecido aos aniversariantes da semana	2'03"
VT/reportagem	Religião	Missa	Cobertura Missa tradicional mensal do Círculo Católico Estrela da Manhã	4'00"
Nota	Encerramento	Agradecimentos	Apresentadora agradece e “chama” as atrações do próximo programa	0'42"

Fonte: Autora, 2019

O Brasileirão de Karaokê reúne milhares de participantes todos os anos e é dividido em 20 categorias musicais definidas por idade que vão desde as infantis até acima de 76 anos. Nesta competição em Maringá (PR), as imagens foram cedidas por Meiri Yassuda, integrante do Departamento de Karaokê da Nipo de Campo Grande (MS). O representante de Nova Andradina (MS) ficou em 4º lugar na categoria adulto. A competição de canto, promovida entre os dias 20 a 22 de julho, é considerada o evento mais importante do gênero no país e teve a participação de vários cantores de Mato Grosso do Sul:

O Concurso Brasileiro da Canção Japonesa (Brasileirão) é promovido todos os anos pela Associação Brasileira de Canção (ABRAC) e tem participação de entidades filiadas que representam várias regiões do país. No total, cerca de 850 cantores participam da competição, que é reconhecida internacionalmente pelo alto nível dos participantes e pelo rigor com que os jurados avaliam as apresentações (AKIO, 2018).

Outras reportagens somando 16 minutos exibiram a comemoração do aniversário de Maurício Tibana e a tradicional missa mensal do Círculo Católico Estrela do Amanhã,

movimento nipo-brasileiro organizado em Campo Grande (MS) pelo Padre Tomaz Ghirardelli, que deu origem a associação formada em sua maioria por okinawanos. A sede da igreja que é vinculada a Arquidiocese de Campo Grande está localizada na Rua 18 de Setembro, nº 56, Vila Carvalho, sob a coordenação de Adélia Guenka.

O TV NIKKEY do dia 12 de agosto de 2018 destacou matérias sobre esporte, cultura e serviço na edição de número 541 (quadro 07), sendo a Copa NIPAC de Tênis de Mesa, a participação dos grupos de Campo Grande no Festival do Japão em São Paulo e o curso de sushi no Centro de Convivência e Cidadania da Nipo. Este programa também contou com imagens cedidas por telespectadores e dançarinos participantes do festival realizado na capital paulistana.

Quadro 07. Programa TV Nikkey nº 541

TV NIKKEY: PROGRAMA 541			DATA: 12/08/2018	
Formato	Editoria	Assunto	Tipo de notícia (classificação)	Tempo
Nota	Entretenimento	Escalada	Destaque dos vts	1'23"
Nota	Agenda	Agenda cultural	Agenda cultural	2'58"
VT/reportagem	Cultura	110 anos imigração okinawana	apresentação dos grupos artísticos de CG na comemoração dos 110 anos de imigração no Japão Festival/ SP	5'38"
Clip	Cultura	Música	Clip musical dedicado aos patrocinadores do Bon Odori	2'47"
VT/reportagem	Esporte	Tênis de mesa	Torneio Interestadual de Tênis de mesa com participação de atletas de outros estados + Bolívia e Paraguai	4'00"
Clip	Música	Vídeo Musical	Clip musical oferecido aos aniversariantes da semana	2'54"
VT/reportagem	Culinária	Curso sushi	Curso sushi no Centro Convivência NIPO	5'00"
Nota	Encerramento	Agradecimentos	Apresentadora agradece e “chama” as atrações do próximo programa	0'46"

Fonte: Autora, 2019

A matéria com os melhores momentos das apresentações artísticas na comemoração dos 110 anos da Imigração Okinawana no Brasil contou com mais de cinco minutos de exibição graças às imagens cedidas pelos participantes do Festival em São Paulo. O estado de Mato Grosso do Sul foi representado pelos grupos de dança Ryukyu koku Matsuri Daiko da Associação Nipo e o Seishun Yosakoi Soran, formado por jovens da Associação Okinawa. O evento reuniu descendentes okinawanos e japoneses de todos os estados brasileiros onde foram apresentadas coreografias individuais e coletivas, principalmente ao som de tambores baseadas no Eisá, dança típica de Okinawa com mais de 400 anos, com o objetivo de preservar e divulgar a cultura e o espírito uchinanchu através de apresentações artísticas.

O vídeo do Torneio Interestadual de Tênis de Mesa realizado durante dois dias na sede da Nipo em Campo Grande, além de outros estados, registrou a participação das delegações de atletas da Bolívia e do Paraguai, bem como de mesatenistas da Seleção Brasileira. O evento faz parte do calendário do Departamento de Tênis da Nipo de Campo Grande com a finalidade de incentivar o esporte e ao mesmo tempo proporcionar o contato com participantes de outros estados e países vizinhos. A equipe de Mato Grosso do Sul foi campeã geral neste último torneio.

O curso de sushi promovido pelo Centro de Convivência do Idoso “Dr. Konjun Yamaki” da Nipo, faz parte de várias atividades promovidas para integrar e também profissionalizar os associados. Os cursos de gastronomia têm por finalidade ensinar e aprimorar receitas adicionais de Okinawa utilizando peixes, mandioca e outros produtos da culinária de Mato Grosso do Sul. Assim, além de resgatar a tradição e os pratos típicos, as oficinas possibilitam a formação de obra e aprimoramento da comida okinawana.

Mais uma vez observou-se o resgate da identidade uchinanchu com a predominância da arte, culinária, músicas e esporte, característicos de Okinawa no TV NIKKEY 541.

Já no programa 542 (quadro 08), assim como os anteriores 540 e 541, a agenda cultural foi apresentada em formato de nota coberta. Em destaque foram exibidas as matérias sobre a celebração do Obon, espécie de finados budista e a visita da comitiva de Nagô, capital de Okinawa aos descendentes de Campo Grande (MS). Um VT sobre um almoço na Nipo demonstrou a importância da escola Visconde de Cairu na educação dos okinawanos e japoneses em Mato Grosso do Sul.

Quadro 08. Programa TV Nikkey nº 542

TV NIKKEY: PROGRAMA 542			DATA: 19/08/2018	
Formato	Editoria	Assunto	Tipo de notícia (classificação)	Tempo
Nota	Abertura	Escalada	Destaque dos vts	1'23"
Nota coberta	Agenda	Agenda cultural	Almoço Nipo em comemoração aos 100 anos da Escola Visconde Cairu	2'38"
<i>Clip</i>	Cultura	VT musical	<i>Clip</i> musical dedicado aos participantes do Bon Odori	2'86"
VT/reportagem	Religião	OBON= festa das lanternas	Celebração budista de culto aos antepassados com presença 5 monjes de outros estados	5'08"
<i>Clip</i>	Cultura	VT musical	<i>Clip</i> musical dedicado aos aniversariantes da semana	3'48"
VT/reportagem	Cultura	Intercâmbio cultural	Visita comitiva de Nagô/Okinawa e homenagem às pessoas com mais de 85 anos	11'00"
Nota	Encerramento	Agradecimentos	Apresentadora agradece e “chama” as atrações do próximo programa	0'43"

Fonte: Autora, 2019

O vídeo, com 2'38" de duração, mostra um almoço realizado pela Nipo em comemoração aos 100 anos da escola Visconde de Cairu onde houve a apresentação dos alunos e muitas homenagens aos pais. No VT, além de ressaltar a importância da família e a sua participação nas atividades da escola, o texto e as entrevistas falam também sobre a necessidade da demonstração de amor e gratidão aos pais e antepassados.

As outras duas matérias veiculadas divulgam o OBON, considerado o finados budista e o jantar oferecido pela Associação Okinawa à comitiva de Nagô, capital de Okinawa em visita a Campo Grande (MS). O Obon, promovido pela Sociedade Budista de Campo Grande (MS) é a celebração pelos jovens e pessoas mais velhas de culto aos antepassados. A

cerimônia apresenta danças, palestras e rituais como a festa das lanternas. Para os okinawanos, a data é bastante significativa porque, de acordo com as crenças budistas, representa o retorno dos espíritos dos antepassados às suas casas. A data, comemorada entre os dias 13 e 15 de agosto, é um dos principais feriados no Japão e é lembrada com muitas festas e rituais em todo o país.

Em Campo Grande o rito do Obon contou com a presença de missionários budistas de outros estados que vieram conhecer outras formas de ensino do Dharma⁵⁹, os princípios budistas para a pessoa alcançar a verdade e a compreensão da vida. Cinco monges de diferentes regiões também participaram das comemorações para o aprimoramento dos rituais do Budismo que vão desde o ornamento do altar, as danças, músicas e outras informações que nem sempre são repassadas pelos pais já que o principal foco da religião está na prática e não na crença de nenhum deus.

A cobertura do jantar oferecido pela Associação Okinawa à comitiva de Nagô (Okinawa) teve a duração de onze minutos com entrevistas e a entrega de diplomas para vários homenageados. Na oportunidade, além de estreitar amizades com os okinawanos visitantes, também houve a condecoração dos sócios com mais de 85 anos, prática mantida anualmente tanto pela Associação Okinawa como pela Nipo.

Na entrevista ao programa o prefeito Toguchi Taketoyo disse que estava surpreso diante do grande número de pessoas presentes no evento e se sentindo feliz por constatar como os okinawanos e seus descendentes vivem bem em Campo Grande e no Brasil e destacou ainda o carinho que estes descendentes têm com as pessoas idosas. A presidente da Câmara Municipal de Nagô, Miyagi Hiroko, ressaltou o fato de que muito tempo atrás os okinawanos saíram de perto de seus pais e familiares, mas continuaram com a tradição de Okinawa de cultivar e homenagear os mais velhos em Campo Grande (figura 25).

⁵⁹ Dharma, ou darma, é uma palavra em sânscrito que significa aquilo que mantém elevado. Também é entendido como a missão de vida, o que a pessoa veio para fazer no mundo. "lei natural" ou "lei cósmica". Fonte: <https://www.significados.com.br/dharma/>

Figura 25. Bernardo Tibana entrevista Toguchi Taketoyo, prefeito de Nagô (Okinawa)



Fonte: Tv NIKKEY programa 542

A visita da comitiva okinawana tem uma dupla finalidade: o fortalecimento dos vínculos com a cultura da província e ao mesmo tempo intensificar o intercâmbio realizado todos os anos quando dois estudantes campo-grandenses recebem uma bolsa de estudos e vão para a capital okinawana fazer estágio e conhecer de perto os costumes dos seus antepassados. Desta forma, os responsáveis pelo intercâmbio acreditam que as gerações mais jovens estão cada vez mais interessadas na música, danças, esportes e na preservação das tradições de seus ancestrais.

Na exibição das matérias descritas acima, o TV NIKKEY mostra a predominância das práticas religiosas, educacionais e culturais pela comunidade okinawana residente em Campo Grande e confirma mais uma vez a importância da divulgação destes costumes em sua programação.

E por fim, o TV NIKKEY 543 trouxe uma edição especial do programa pelo qual toda a apresentação e gravação das matérias foram feitas durante a festa do Bon Odori na sede de campo da Associação Nipo em Campo Grande. Foram veiculados três grandes vídeos/vts, divididos nos três blocos com imagens do evento e várias sonoras. Trata-se da 34ª edição da festa já tradicional não só para a comunidade nipo-brasileira, mas para os campo-grandenses em geral que habitualmente prestigiam a comemoração dançando as coreografias típicas de

Okinawa. O evento faz parte do calendário oficial da prefeitura e está incluído nas comemorações do aniversário da cidade.

Quadro 09. Programa TV Nikkey nº 543

TV NIKKEY: PROGRAMA 543			DATA: 26/08/2018	
Formato	Editoria	Assunto	Tipo de notícia (classificação)	Tempo
Nota	Abertura	Escalada	Destaque dos vts	1'23"
Nota coberta	Agenda	Agenda cultural	Melhores momentos do 34º Bon Odori na Associação Nipo CG	8'42"
VT/ reportagem	Cultura	Bon Odori	Apresentação das danças, música, comida e entrevistas	5'00"
Clip	Cultura	VT musical	Clip musical dedicado aos aniversariantes da semana	3'10"
VT/reportagem	Cultura	Bon Odori	Cobertura do 34º Bon Odori promovida pela Nipo-CG	5'72"
Nota	Encerramento	Agradecimentos	Apresentadora agradece e “chama” as atrações do próximo programa	0'44"

Fonte: Autora, 2019

Bon Odori significa agradecimentos pela boa colheita e aos antepassados. A dança para expressar esta gratidão consiste em cinco movimentos básicos: colher, ceifar, semear, agradecer e festejar. Todos os anos são realizados três dias de festa com música e comidas típicas de Okinawa e do Japão como sobá, sushi, care rice, caraguê, guiu udon, tempurá, pastel, espetinho e até sorvete de tempura. As coreografias são abertas ao público e sempre contam com grande número de participantes que tentam acompanhar os movimentos dos dançarinos tradicionais, como se verifica na figura 26:

Figura 26. Dança durante o Bon Odori 2018 na As. Nipo em Campo Grande (MS)



Fonte: acervo AECNB

No 1º bloco do programa, gravado excepcionalmente durante a festa, foi apresentado um vídeo de 8'42" com os melhores momentos do 34º Bon Odori. O 1º *clip* musical foi dedicado à todas as pessoas que prestigiaram a festa. O 2º bloco tem 5'00 e chama para o trabalho e dedicação das pessoas na realização do evento com imagens e entrevistas destes trabalhadores. No último bloco, o segundo *clip* foi dedicado aos aniversariantes da semana e a matéria de encerramento constatou, em 5'72" de imagens e entrevistas, a importância da festa para os descendentes de Okinawa. A reportagem mostrou ainda a grande participação de autoridades e da classe política no evento, prática muito comum observada em anos de eleição. Nas sonoras, os entrevistados em geral destacam a festa como a reunião de uma grande família e oportunidade de reencontros com amigos de infância. Nas entrevistas houve até o registro de casais que se conheceram durante a festa em Campo Grande e comprovou-se a integração das três associações na promoção da festividade.

Assim como o Bon Odori, nos últimos anos o programa TV Nikkey tem feito suas gravações como se fosse “ao vivo” durante o Undo Kai e o carnaval, realizado anualmente nas dependências da sede da Nipo na Rua Antonio Maria Coelho. Nestas ocasiões, constatou-

se um aumento significativo na quantidade de entrevistados, bem como na presença e participação de membros da diretoria das associações nos eventos.

Depois da análise geral dos oito programas selecionados, pode-se observar a perpetuação da identidade okinawana em Campo Grande onde, mesmo após mais de 100 anos de imigração e da maioria dos descendentes nunca terem visitado a província japonesa, não por falta de vontade, mas de recursos financeiros para tal, os okinawanos procuram manter as tradições dos seus antepassados. O programa mostra-se um instrumento capaz de reunir as culturas de Okinawa, Japão e Mato Grosso do Sul em um só espaço ao divulgar festividades, receitas e costumes okinawanos e japoneses mas que já fazem parte das tradições campo-grandenses como o Festival do Sobá, Festival do Peixe, atividades esportivas (*gate ball*, tênis de mesa, beisebol) e culturais (Bon-Odori, Undo kai, concursos de karaokê). Dessa forma, constatou-se a integração das associações Okinawa, Nipo e Clube de Beisebol na maioria dos eventos promovidos e matérias realizadas tendo, porém, a associação Nipo maior participação no material veiculado.

Em todos os programas analisados constatou-se a veiculação de uma vinheta criada especialmente em comemoração aos 10 anos de criação do TV NIKKEY nas passagens de blocos. Nos temas e assuntos, observou-se maior frequência de matérias relativas à cultura, serviços e gastronomia, com destaques para a música, dança e outras festividades tradicionais de Okinawa.

Verificou-se que em alguns casos o tempo destinado à cobertura de alguns assuntos foi maior devido à importância das datas festivas como a comemoração do Dia da Imigração Okinawana e Japonesa, o Bon Odori e o Undo Kai e a entrega de comendas pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul. Cada programa é estruturado normalmente em quatro blocos sendo: vinheta de abertura, escalada, agenda cultural, um vídeo musical em cada bloco, vinhetas de passagem, reportagens, notas cobertas, entrevistas e encerramento. Entre as principais coberturas estão o intercâmbio da campo-grandense Sarita Sayuri que foi estudar em Okinawa, a visita da comitiva de Nagô, capital de Okinawa, o Bon Odori, o Undo Kai e a entrega da Comenda ao Mestre Koo Okada, líder espiritual da Sukyo Mahikari.

A divisão do conteúdo dos programas em formatos, temas, assuntos e o tipo de notícia, permitiu analisar com mais critérios a quantidade de matérias, assim como a profundidade sobre determinados temas, o tempo e o tratamento dedicado aos assuntos, as fontes, entrevistados específicos, além de avaliar a estrutura do programa.

A atividade de classificação proposta por Bardin (2011) implica na categorização e é regida pelos princípios da exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade e

fidelidade e produtividade. Assim, para maior clareza elaboramos a tabela 1 (abaixo), identificando a quantidade de VTS exibidos nas cinco categorias de classificação conforme os formatos estabelecidos neste estudo:

Tabela 1. Classificação dos programas conforme a quantidade e formatos dos VTS

Programas	Reportagem	Nota	Nota Coberta	Clip
536	3	3		3
537	3	2	1	2
538	2	3	2	3
539	2	2		3
540	3	2		2
541	3	2		2
542	2	2	1	2
543	2	2	1	1
Total	20	18	5	18

Fonte: Autora, 2019

Com base na tabela 1 acima, é possível afirmar que nos dois meses de programas analisados, a quantidade de reportagens sobressai em relação aos demais formatos e, diante das dificuldades e estrutura do TV Nikkey, o resultado é considerado satisfatório ainda mais se somados com os números das notas cobertas e matérias de serviço, totalizando vinte e oito VTS produzidos nesse período.

Na tabela 2 (abaixo), foram indicados todos os formatos adotados pelos programas, a quantidade e o tempo destinados aos temas. Desta forma podemos apontar que, dependendo da cobertura, uma única matéria tem até o triplo do tempo das outras. Nesta perspectiva podemos avaliar que o formato “reportagem” sobre o tema cultura é predominante em relação aos demais, esclarecendo que, com exceção das reportagens gerais, o assunto detém o maior tempo de exibição em relação aos demais. Neste quesito destacam-se as festas e datas comemorativas da comunidade nipo brasileira que normalmente reúnem os membros das três associações tanto na promoção como na participação dos eventos.

O tema “música” com a exibição de *clips* musicais de Okinawa vem em segundo lugar e, conforme os depoimentos colhidos, o conteúdo tem bastante relevância para os okinawanos que tem na música um elo com a história de seus antepassados. A maioria das

músicas relata a trajetória de luta, resistência e o trabalho dos uchinanchus na preservação de sua identidade. Segundo relato de Tibana (2017), alguns telespectadores dizem que assistem o programa especialmente para ouvir as músicas.

Tabela 2. Classificação dos programas conforme os formatos, temas e tempo.

Formatos	Temas	Assuntos	Total	Tempo
Nota	Cultura	Agenda cultural	8	24'00
Clip	Cultura	<i>Clips</i> com músicas de Okinawa	18	47'43"
VT/Reportagens	Cultura	Eventos/dança/festas	10	53'42"
VT/Reportagens	Serviços	Cursos, agenda	3	20'14"
VT/Reportagens	Religião	Budismo/catolicismo/mahikari	3	16'08"
VT/Reportagens	Esportes	Tênis e tênis de mesa	2	04'00
VT/Reportagens	Outros	Cobertura aniversário/escolha Miss Nikkey	2	14'40"
Nota coberta	Anúncios	Aromatizantes e produtos <i>Anew</i>	2	02'14"

Fonte: Autora, 2019

De acordo com a tabela 2, o item “religião” comprova a devoção dos okinawanos e japoneses aos seus antepassados através da prática do budismo, mahikari, catolicismo e da seicho-no-iê que, mesmo sem ter sido mencionada aqui anteriormente, tem uma relevante parcela de descendentes okinawanos e japoneses entre seus adeptos em Campo Grande (MS). Mas apesar da adesão dos okinawanos a vários movimentos religiosos no Brasil, Pires (2016, p. 9) esclarece que a religiosidade okinawana está centrada na família e na comunidade:

Mais do que uma questão religiosa, o culto aos ancestrais está diretamente vinculado, na perspectiva da comunidade, à preservação da própria identidade okinawana. [...] o culto aos ancestrais é mais algo “cultural” do que propriamente religioso. [...] a religiosidade okinawana possui dois aspectos centrais: a família e a comunidade, ou seja, público e privado, individual e coletivo. A ausência de uma instituição social para regular ou organizar essa prática religiosa não impede que ela seja vista como essencial para a transmissão dos “valores” e para a manutenção da identidade okinawana especialmente no contexto diaspórico. [...] Mais do que a manutenção de uma tradição familiar, a permanência do culto aos ancestrais significaria uma forma de se conectar com a história única de Ryûkyû, criando, dessa forma, uma forte identidade étnica para o grupo ao diferenciá-los dos descendentes das demais regiões do Japão.

Em relação às matérias de “serviço”, apesar de mostrar apenas dois cursos e uma demonstração de produtos da *Anew* em prol da saúde, observou-se uma boa cobertura do TV NIKKEY quando estes foram realizados totalizando mais de 20 minutos de exibição em apenas três acontecimentos.

Uma observação é o quesito “esporte” que, apesar de relevante para os okinawanos, tendo inclusive sido criados o Clube de Beisebol e o Departamento de Tênis próprios, apenas dois eventos foram merecedores de cobertura pelo TV NIKKEY nos programas analisados. Questionado, o diretor do programa afirmou que, devido à realização do Undokai (que também pode ser incluído na classificação esporte) e do Bon Odori, as respectivas associações decidiram não promover competições esportivas nesse período.

Na categoria “outros”, incluímos a escolha da *Miss Nikkey* de Mato Grosso do Sul e a comemoração do aniversário de Maurício Tibana que também poderiam fazer parte da sessão de “cultura/entretenimento”. Para o concurso da nova Miss que representaria o estado na competição nacional, foi promovido um dia todo de eventos no Shopping Norte-Sul em Campo Grande (MS), com a apresentação de grupos de dança, música e cantores de karaokê. Esse quesito também poderia ser incluído na classificação de “cultura”.

De um modo geral, em se tratando de temas e tempos, observa-se conforme a tabela 2 que, além da quantidade, as reportagens sobre a cultura okinawana também são determinantes em relação ao tempo total de cada TV NIKKEY. Somando-se a duração dos oito programas analisados, tendo cada um o tempo de 30 minutos, temos quatro horas de gravação, sendo quase uma hora de exibição de matérias exclusivamente sobre cultura, totalizando 53 minutos e 42 segundos.

Em relação às fontes das matérias veiculadas nos programas, elaboramos uma nova tabela para melhor embasamento, sendo que a maioria das reportagens foi pautada pelas associações Nipo, Okinawa e Associação Clube de Beisebol de Campo Grande (MS), como se verifica na tabela 3 abaixo:

Tabela 03. Classificação dos programas conforme as fontes utilizadas

Programas									
Fontes	536	537	538	539	540	541	542	543	Total
Oficiais	2	3	1	2		2	2	3	15
Pessoais	1	1	1		3		1		7
Institucionais				1		1			2

Fonte: Autora, 2019

Sendo assim, cabe mais uma vez destacar que as fontes oficiais são as pautas sugeridas ou agendadas pelas três associações representativas da comunidade nipônica, com predominância das atividades promovidas pela Associação Esportiva e Cultural Nipo Brasileira de Campo Grande (MS). Uma análise preliminar revela que o fato é decorrente desta entidade ter sido a maior promotora de eventos neste período ao mesmo tempo em que o programa TV NIKKEY também mantém uma sala na respectiva associação, o que poderia facilitar o agendamento das matérias. Resta examinar se realmente a Associação Nipo promove mais eventos que as demais associações, bem como divulga os mesmos com maior frequência e visibilidade. Outra constatação foi a ausência total de uma agenda específica divulgando as competições do Clube de Beisebol.

Nesse mesmo seguimento percebemos que os membros das diretorias das associações são as pessoas que mais falam nos programas em estudo, seguidos por pessoas informais ou envolvidas direta ou indiretamente nos assuntos abordados, sendo a maior parte de descendentes de Okinawa. Com relação à produção de matérias mais abrangentes e históricas, o produtor alega que não tem condições técnicas, pessoais e financeiras de atender à demanda, mesmo considerando de fundamental importância para o conteúdo do programa.

Tibana (2017) cita alguns exemplos como o caso da cobertura do centenário da escola Visconde de Cairu onde ele gostaria de ter produzido um documentário e matérias especiais sobre a instituição, o que não foi feito por falta de apoio financeiro. Outra carência diz respeito às dificuldades de deslocamento para outras cidades do interior e outros estados para cobrir eventos de interesse dos okinawanos, fato que vem tentando suprir com o uso de imagens cedidas por terceiros.

Nesse sentido lembramos que, segundo Tibana (2017), o programa está com número reduzido de anunciantes/patrocínio para viabilizar os deslocamentos e coberturas mais abrangentes e ainda conta apenas com cinco pessoas, sendo somente o editor de imagens e o cinegrafista são remunerados e as demais trabalham como voluntárias. A seguir (abaixo) um registro da entrevista feita pela repórter Issel Chaia do TV NIKKEY com Gerson Miyasato, gravada pelo cinegrafista Nelson Mandu e dirigida por Bernardo Tibana durante a realização da gincana Undokai no dia 05 de maio de 2019, conforme a Figura 27.

Figura 27. Equipe TV NIKKEY MS durante entrevista no Undokai em Campo Grande (MS)



Fonte: Mariângela Yule de Queiroz, 2019.

Para o historiador campograndense Celso Higa (2019), filho de pai e mãe okinawanos, o TV NIKKEY mantém um elo de comunicação entre os okinawanos e toda a comunidade japonesa de Mato Grosso do Sul, atualizando os assuntos de interesse da coletividade. Enquanto curador da Mostra do Cinema Japonês no Museu da Imagem e do Sul em Campo Grande (MS), que ocorre sempre em junho quando se comemora o aniversário da imigração nipônica no Brasil, Higa (2019) disse que sempre contou com o programa para divulgar a Mostra: “Na oportunidade o TV NIKKEY grava entrevistas para a difusão do rol de filmes para eventual interesse dos telespectadores”, acrescenta o curador. Outro aspecto importante do programa segundo o historiador, é que “o canal apresenta assuntos históricos, também da culinária japonesa, esportes, arranjos florais, enfim, mantém a colônia atendida. Acredito que a equipe cumpre bem seu trabalho”, finaliza Higa (2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O CURSO DO TEMPO⁶⁰

Depois da China

O Japão dita

Depois do Japão

América dita

Por mais que se mude,

Mas Uchina é nossa!

Nessa dissertação buscou-se responder se o programa TV NIKKEY cumpre seu objetivo que é o de resgatar e preservar a identidade okinawana e integrar a comunidade nipo brasileira em Campo Grande (MS). O estudo torna-se relevante em se tratando de uma população significativa em Mato Grosso do Sul seja nos aspectos econômicos, culturais e históricos. A pesquisa teve como foco um programa regional de televisão dirigido à grande parcela de imigrantes e seus descendentes que residem no estado sul-mato-grossense.

Este trabalho propôs-se a analisar o conteúdo das matérias veiculadas nos programas selecionados, detectando os principais temas divulgados, procurando identificar se os assuntos estão diretamente ligados à cultura de Okinawa. A finalidade também foi conhecer os costumes e entender a maneira como eles são apresentados, identificando uma forma mais eficiente para a divulgação e fixação do conteúdo das mensagens propostas.

A partir da Análise de Conteúdo e de enquadramentos, foi possível observar a relevância dos temas, os critérios de noticiabilidade e agendamentos, assim como o posicionamento tanto da direção do programa, como das associações representativas e da própria comunidade okinawana campo-grandense.

Verifica-se que o conteúdo produzido pelo TV NIKKEY procura difundir e preservar a identidade okinawana e muito do que foi escrito nos capítulos I e II sobre a história, idioma, atividades culturais, esportivas, sociais e religiosas aparece semanalmente nas pautas do programa, contribuindo para a manutenção das tradições e comunhão não só dos uchinanchus como dos japoneses em geral.

Dessa forma, constatou-se que os dois programas, de São Paulo e Mato Grosso do Sul, dão prioridade à cobertura das principais agendas da comunidade, especialmente os eventos culturais e esportivos e estão empenhados em divulgar e fortalecer os costumes okinawanos e japoneses bem como na integração dos descendentes em todo o país.

⁶⁰Música do okinawano Rinsho Kadekaru (1920-1999), expressando em poucas linhas a história de subalternização dos okinawanos (UEHARA, 2015, p 191).

O programa TV NIKKEY de Campo Grande, assim como o paulistano, ao cobrir os eventos da comunidade e produzir reportagens sobre a cultura de Okinawa, atua como um instrumento de construção da memória e potencialização dos laços de pertencimento e identificação dos okinawanos, além de aproximar e reunir os descendentes.

Neste caso, poderíamos incluir o TV NIKKEY, tanto de São Paulo como de Mato Grosso do Sul, como o lugar e o “laço” entre as comunidades japonesas e okinawanas ao compartilhar as tradições dos seus antepassados espalhadas nestes estados. Assim sendo, os programas ajudam na preservação dos ideais e identidade desses indivíduos, ao mesmo tempo em que estimulam a participação e a convivência entre estas comunidades, independentemente de todas as informações transmitidas diariamente pelos veículos de comunicação de massa.

A primeira conclusão deste trabalho foi que o TV NIKKEY atua como instrumento de fortalecimento da cultura e da identidade okinawana no Brasil com a divulgação das manifestações e eventos das associações e, portanto, é uma referência na área de comunicação entre a comunidade nipo brasileira em Mato Grosso do Sul por destacar periodicamente os valores, tradições e a contribuição dessa cultura ao estado e país.

Embora não tenha uma grande produção, observa-se que o programa apresenta para a questão que se propõe uma mostra representativa da sociedade okinawana na TV, como observa Nilson Agüena (2019), presidente da Associação Nipo de Campo Grande (MS): “O TV NIKKEY é o único veículo de comunicação que divulga as atividades da colônia nipo brasileira em Mato Grosso do Sul e por isso exerce um papel muito importante na integração da nossa comunidade e preservação da cultura okinawana”.

Em termos de formatos, o que se apresenta é uma exibição considerável de reportagens e notas cobertas o que sabemos demandam produção, deslocamento, gravação e edição, demonstrando um esforço de toda a equipe para apresentar o maior número de cobertura dos eventos realizados pelas três associações: Nipo, Okinawa e Clube de Beisebol. Dentre as reportagens e notas cobertas verificou-se o destaque do tema cultura, comprovando os ideais do programa que é divulgar e preservar a cultura e identidade uchinanchu e ao mesmo tempo integrar a comunidade nipo brasileira em Mato Grosso do Sul.

A segunda conclusão proporcionada pela pesquisa refere-se ao público e estrutura do programa. Nas entrevistas realizadas, constatou-se que a maioria dos telespectadores do TV NIKKEY é composta por pessoas mais velhas que fazem questão de assistirem ao programa para acompanhar os eventos da comunidade, uma vez que, segundo Shirado (2018), “o programa é o único que noticia os eventos da comunidade e cobre toda a agenda das nossas

associações. Em vista disso, entendo que o TV NIKKEY cumpre o seu papel na preservação da cultura okinawana”. Membro da diretoria das duas associações, Nipo e Okinawa, Nilton Shirado (2018), acrescenta: “eu não tenho muito tempo nos finais de semana porque estou trabalhando nos eventos das associações, mas minha mãe Emiko Shirado, 83 anos, não perde nenhum programa” (Shirado, 2018).

A jornalista Neiba Ota (2018) confirma esse público cativo do programa ao afirmar que a mãe dela não perde um programa sequer: “ela tem 70 anos e adora o programa, acha tudo maravilhoso! As mães do grupo de dança Sakura também assistem todos!”. Como descendente de okinawanos, Ota (2018) disse que “o TV NIKKEY é bacana, tem o seu propósito e é atingido. A comunidade se vê e mantém viva a tradição”. Sobre a produção e execução do programa, a jornalista declarou que “eles fazem na raça, sem grandes lucros e a comunidade gosta!”

Em Campo Grande, o TV NIKKEY ao contrário de São Paulo, trabalha com uma estrutura mínima de pessoal, equipamentos e poucos anunciantes. O diretor Bernardo Tibana é um faz tudo: produz, filma quando necessário, edita e também grava as entrevistas, além de fazer a parte de captação de recursos e patrocinadores para o programa. Muitos temas, segundo Tibana (2017), não foram desenvolvidos como deveriam por falta de estrutura e recursos, por exemplo, uma maior cobertura dos centenários da Colônia Mata do Segredo e escola Visconde de Cairu que, posteriormente, se transformariam em documentários. Nesse ponto de vista, o diretor considera que a comunidade, principalmente as associações representativas, os empresários e profissionais liberais okinawanos poderiam contribuir mais financeiramente através de anúncios e até mesmo doações de equipamentos ao programa. Destaca-se que o TV NIKKEY não dispõe de um departamento comercial ou um profissional responsável pela captação de recursos e publicidade. Nos oito programas analisados, observou-se a inserção de três anúncios através de notas cobertas, sendo os vídeos do restaurante Tako e as apresentações dos aromatizantes, caracterizando assim a presença de propagandas dentro do TV NIKKEY.

Contudo, os dados coletados mostram a dinâmica e o esforço da pequena equipe em cobrir todas as festividades e reuniões realizadas em Campo Grande (MS) e exibir matérias de interesse da comunidade, utilizando imagens dos próprios participantes ou telespectadores que fazem questão de registrar os acontecimentos em outros estados e colaborar com o programa. Essa cooperação, além de garantir a ampliação das coberturas, reforça o espírito de união e cordialidade, característico dos habitantes da ilha de Okinawa.

O TV NIKKEY é, portanto, uma referência na área de comunicação entre a comunidade nipo brasileira em Mato Grosso do Sul por destacar periodicamente os valores, tradições e a contribuição dessa cultura ao estado e país. Embora não tenha uma grande produção, observa-se que o programa apresenta para a questão que se propõe uma mostra da sociedade okinawana na TV.

Quanto às questões técnicas, estruturais e de pessoal, observou-se no acompanhamento das externas do programa, a falta de pautas e de uma produção prévia para as gravações, sendo o próprio Bernardo Tibana quem tem todas “as informações na cabeça” ao gravar as entrevistas e também orientar a repórter. Em relação à edição das matérias, muitas vezes, por falta de tempo, tanto a edição de imagens como a de texto são feitas apenas pelo editor de imagem. A gravação das reportagens externas, além dos próprios entrevistados, datas e locais, depende ainda da disponibilidade do cinegrafista e da repórter, assim como a gravação das cabeças também é realizada de acordo com a agenda da apresentadora, Paola Goya, lembrando que, com exceção do cinegrafista e do editor de imagem, os demais realizam os trabalhos de forma voluntária.

A produção de pautas e o agendamento das entrevistas estão totalmente atrelados à agenda das três associações que promovem eventos e reuniões toda semana. Instalado em uma sala cedida pela Associação Nipo em Campo Grande (MS), além de entrevistar, produzir, dirigir e editar todo o programa, atualmente Tibana também é o responsável pelo informativo interno da Associação. Sempre presente nos acontecimentos que envolvem a comunidade, ele fica à par da programação ou ainda é contatado pelos membros das associações Nipo, Okinawa e Clube de Beisebol. Também é comum o TV NIKKEY ser acionado diretamente pelos promotores das festividades e reuniões, membros ou não da diretoria das entidades. Pelo que foi observado neste período de pesquisa, a presença do TV NIKKEY é bastante solicitada por toda a comunidade na cobertura dos eventos, sendo impossível em alguns casos, estar em todos os lugares.

Outra constatação foi de que no início deste estudo, ao comentar sobre o tema e realizar as entrevistas, percebemos que muitos descendentes, principalmente os mais jovens, não sabiam que Okinawa foi um reino independente até ser anexado ao Japão em 1879, incorporada aos Estados Unidos durante 25 anos e “devolvida” ao Japão em 1972. Ignoravam que muitos okinawanos, desde o final da Segunda Grande Guerra se rebelaram contra a (re)integração à soberania japonesa e criaram um movimento para a independência de Okinawa que resiste até hoje. Algumas famílias descontentes com a volta do controle do Japão sobre a ilha foram para a China como refugiados.

Já as pessoas mais velhas, afirmam que ouviram falar da guerra e da imposição do governo japonês no controle de Okinawa, mas preferem não falar sobre o assunto. Talvez por isso seus descendentes ignorem a história do arquipélago que já foi independente, o massacre dos okinawanos na “Batalha de Okinawa” e a indução ao suicídio dos uchinanchus pelos próprios japoneses, como destaca Pires (2016). O autor acredita que a pouca visibilidade do que realmente aconteceu em Okinawa e a omissão da narrativa oficial (escrita) que omite ou subestima as particularidades dos okinawanos no Brasil contribuem para construir falsamente “uma história, heroica, única e homogênea dos imigrantes japoneses” (PIRES, 2016, p.1).

Nesse ponto de vista, verificamos as potencialidades de um programa de televisão como o TV NIKKEY na reapropriação da cultura e no resgate da identidade uchinanchu, ao divulgar as particularidades culturais dos okinawanos e seus descendentes no Brasil. Tal importância pode ser observada através da exibição das músicas, danças, os provérbios e a língua okinawana, a religiosidade, as histórias de Okinawa e da imigração. Por este viés, Pires (2016) ressalta a importância da disseminação da cultura okinawana como “fundamental para o (re)conhecimento social desse grupo, contribuindo para se refletir sobre a diversidade cultural brasileira (...) ao valorizar experiências e trajetórias individuais e coletivas” (2016, p.1).

As demais conclusões estão relacionadas com o questionamento inicial feito por esta pesquisa que é o de saber se o TV NIKKEY cumpre o seu papel como meio de comunicação em divulgar a cultura okinawana, agregar os descendentes em Campo Grande e transmitir uma programação que permite o resgate da identidade e a preservação das tradições uchinanchus. De uma maneira geral, verificamos que o programa veicula tão somente matérias relacionadas à cultura okinawana e japonesa, ao mesmo tempo em que une pessoas ao divulgar todas as agendas e eventos das associações e assim resgata os costumes, crenças, idioma e a comunhão praticada entre os uchinanchus.

Dessa forma, constatou-se a importância do programa de televisão voltado para os descendentes okinawanos e japoneses em Campo Grande onde a prioridade é a preservação da cultura e o resgate da identidade nipônica através da música, dança, religiosidade e culinária apresentados semanalmente no TV NIKKEY. Assim sendo, ao divulgar matérias sobre a cultura okinawana, o TV NIKKEY garante um espaço essencial para os descendentes vivificarem as tradições uchinanchus mantendo uma ligação com os costumes de seus antepassados e se reapropriarem da identidade surrupiada violentamente.

Nesse ponto, o programa, ainda que de forma subjetiva, é visto pelos descendentes como uma intermediação de sua história desde a emigração aos dias atuais como prevê

Candau (2011): “A grande vantagem da história oral é o seu poder de mediação entre as experiências subjetivas e os processos de construção de memórias e identidades coletivas”.

Ressalto que cabe esclarecer o motivo da omissão da denominação “japoneses” na maior parte deste trabalho onde foi destacada a individualidade okinawana ao invés da japonesa e priorizado os *uchinanchus* e não os japoneses e *nisseis*, Okinawa e não o Japão. Durante a pesquisa averiguou-se a predominância dos imigrantes e descendentes da ilha de Okinawa em Campo Grande (MS) e consequentemente a influência dessa cultura na capital sul-mato-grossense. De acordo com Tibana (2017), proporcionalmente, Campo Grande (MS) tem a maior população de okinawanos no Brasil, em relação à concentração em um único lugar, seguida pela cidade de São Paulo onde os imigrantes e descendentes de Okinawa estão espalhados por vários bairros distantes entre si e na Grande São Paulo.

Outro fator apurado foi de que grande parte dos costumes, esportes, danças, música e culinária, só para citar algumas tradições tidas como japonesas, na realidade se originaram em Okinawa e foram incorporadas pelos japoneses desde 1879 quando o reino de Ryukyu foi anexado pelo Império do Japão e transformado em Província de Okinawa.

Nas conversas e entrevistas realizadas, certificou-se que muitos okinawanos de Campo Grande se diziam japoneses porque desconhecem a verdadeira história de Okinawa ou porque se habituaram à situação ou ainda não veem mais possibilidade da independência de Okinawa, além de desejarem apaziguar os conflitos do passado, conforme declara Shirado (2019):

Hoje tudo o que queremos é a harmonia entre os japoneses e okinawanos e esquecer esta parte triste da história onde, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial, acredito que os japoneses sofreram tanto quanto os okinawanos. O desejo da paz predominou durante os 31 anos do imperador Akihito, que encerrou a era “Heisei”, que significa realização da paz e o seu filho Akihito, novo imperador do Japão, iniciou após três décadas a nova era imperial Reiwa “bela harmonia” (Shirado, 2019).

Percebe-se ainda que outro fator para a aceitação da identidade japonesa tem relação direta com a questão econômica: enquanto o Japão destaca-se entre as maiores potências econômicas do planeta, a ilha de Okinawa depende basicamente do turismo, da pesca e da plantação de frutas. Durante esta pesquisa ouvimos vários descendentes okinawanos se declararem orgulhosos dos investimentos tecnológicos, da modernidade e educação proporcionados pelo governo japonês.

Exatamente nessa perspectiva, um aspecto a se considerar no TV NIKKEY é a divulgação do idioma *uchinaaguchi* e a utilização de termos okinawanos e *uchinanchus* com mais frequência, maior divulgação das belezas naturais e talentos da província, ressaltando a influência da cultura okinawana entre os próprios japoneses no Japão e no Brasil e dos

símbolos de Okinawa como a bandeira, o hino, o shisá e outras datas comemorativas importantes na província. Por este ângulo, entendemos que o TV NIKKEY pode ser o canal para o despertar dos okinawanos para a sua própria história e preservação da cultura uchinanchu.

Sob todos estes aspectos, considera-se que o programa poderia inserir em seus quadros um espaço fixo destinado às reportagens e depoimentos intitulado “Memórias” onde os imigrantes e descendentes pudessem relatar a história de suas famílias desde a vida em Okinawa até a imigração e a fixação em Campo Grande (MS). Diante da riqueza da história de todas essas famílias, consideramos que essas entrevistas dariam excelentes matérias que poderiam ser transformadas em quadros especiais e documentários, além de servirem de base para a publicação de livros sobre a trajetória dos seus antepassados.

Outrossim, verificamos que o TV NIKKEY ao retratar a identidade uchinanchu pode contribuir para a conscientização dos okinawanos e também dos japoneses sobre a importância da mobilização conjunta para que as ações dos militares japoneses durante a Segunda Grande Guerra (história de usurpação e genocídio) não seja retirada dos livros didáticos, conforme proposta do governo japonês de excluir a parte da indução ao suicídio dos okinawanos pelos soldados japoneses durante a Batalha de Okinawa. Consideramos que boa ou ruim, a história não se altera ou se reescreve porque, mesmo excluída dos livros didáticos nas escolas do Japão, quem viveu esta tragédia jamais conseguirá apagá-la de sua memória, tratando-se de consideração e respeito por quem sofreu todos os impactos da guerra, miséria, separação e morte de seus familiares.

Nesse panorama, como já anunciou Hall (2005), a identidade torna-se um processo de construção permanente onde se faz necessário recorrer à memória para que o sujeito possa constituir-se diante do outro e posicionar-se dentro de um grupo, conforme declara Michael Pollak (1989):

É preciso revolver o passado para narrar-se, para construir uma identidade, (...) Esse, portanto, é o ponto que liga a identidade à memória e torna possível a afirmação de Candau de que “a memória é a identidade em ação” Assim também, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos. O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do “não-dito” à contestação e à reivindicação (POLLAK, 1989, p. 8-9).

O autor destaca os riscos da falta de credibilidade e aceitação do enquadramento de uma memória oficial quando esta é organizada através de uma montagem ideológica para atender os interesses dos dominantes e faz um alerta sobre o silêncio e o esquecimento:

“eles podem, por vezes, constituir estratégias de resistência à imposição de versões oficiais ou dominantes acerca de um passado. O silêncio simulando o esquecimento é um modo de não se curvar às pretensas manipulações memoriais, pois tal simulação traz outro silêncio: a silenciosa transmissão das “lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade” (POLLAK, 1989, p. 5).

Sob esta ótica percebe-se que no caso dos okinawanos, omitir parte da história pode ser uma estratégia para estabelecer uma convivência pacífica com os japoneses e amenizar os possíveis sentimentos perdas, falta de pertencimento e discriminação. E para os japoneses poderia funcionar como o reconhecimento do apoderamento de uma identidade e o pedido de perdão nunca admitidos e expressados.

No caso do TV NIKKEY, o programa exerce um papel preponderante ao divulgar as memórias das famílias dos imigrantes, os costumes e tradições dos antepassados, resgatados através das reportagens exibidas e, não menos importante, integrar a comunidade nipo brasileira em Campo Grande (MS). Assim, destaca-se o cuidado do diretor Bernardo Tibana na combinação das coberturas e harmonização dos textos das matérias possibilitando a inclusão de toda a comunidade uchinanchu e nissei de Mato Grosso do Sul.

Entre os projetos futuros do TV NIKKEY, constam a criação de vários quadros destinados à saúde, outro especificamente sobre a cultura okinawana divulgando tradições pouco lembradas e o idioma uchinanchu. Também fazem parte dos planos de Tibana (2017), resgatar mais profundamente os pratos típicos e a religiosidade de forma sistemática no programa, além de difundir as “Curiosidades de Okinawa e do Japão”.

Depois de analisar os programas exibidos nos meses de julho e agosto de 2018, esta pesquisa sugere que o TV NIKKEY necessita obter mais recursos financeiros através de patrocínios e anúncios que possam garantir a aquisição de todos os equipamentos necessários para as gravações e edição, bem como de um veículo próprio e a contratação de uma equipe fixa e remunerada que possa se dedicar mais à produção, filmagens, entrevistas e edição dos programas. Outra questão é que tendo condições estruturais e financeiras, o TV Nikkey poderia produzir os documentários almejados por Bernardo Tibana no sentido de resgatar a história das colônias e dos imigrantes em Mato Grosso do Sul.

Portanto, considerando que o TV NIKKEY cobre regularmente a agenda das três associações, seria recomendável que as instituições patrocinassem o programa de forma

permanente com a destinação de verbas fixas mensais para a manutenção e melhoria deste meio de comunicação que nada mais faz do que cobrir os eventos e produzir matérias que retratam a cultura okinawana e japonesa em Mato Grosso do Sul.

Outra sugestão é em relação à veiculação do TV NIKKEY hoje restrito à TV Imaculada (Canal 15 e Net Canal 21) quando o mesmo já foi exibido em outra emissora de televisão aberta, no caso a TV Bandeirantes local. É certo que a disponibilidade dos programas no *Youtube* garante maior acessibilidade e rapidez no acesso às matérias já que os mesmos não podem ser exibidos na íntegra em função dos direitos musicais. Ainda assim sugerimos que, para facilitar a localização dos programas através dos temas e datas, seria recomendável que os mesmos fossem disponibilizados de forma cronológica e permanente em uma página ou *site* criado especialmente para hospedar todas as produções do TV NIKKEY, facilitando a divulgação e disponibilidade ao mesmo tempo.

Além disso, o programa poderia estar disponível, de forma sistemática, nos *sites* e *Facebook* das Associações Nipo, Okinawa e Clube de Beisebol de forma a dar mais visibilidade a uma produção totalmente voltada para divulgar os acontecimentos e tradições de Okinawa. Também seria oportuno que a veiculação ocorresse em outras emissoras abertas e fechadas de Campo Grande (MS) através de recursos obtidos com os anúncios e patrocínios.

Este trabalho se encerra com a certeza de que o tema não se esgota aqui e a questão da identidade okinawana e as relações entre os imigrantes japoneses e okinawanos em Campo Grande (MS) poderiam ser exploradas ainda na comunicação assim como na antropologia, linguagem e psicologia. O estudo mostrou uma infinidade de questionamentos e análises que merecem ser desvendados em várias áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKAMINE, Sonoko. **Kasato-Maru, uma viagem de esperança**. Campo Grande: Gráfica Progresso, 2016.

_____. **Saga dos pioneiros**. Revista Mina San. Campo Grande, MS. 18 jul de 2008

AKIO, Rick. Blog enkamania. Disponível em: <http://enkamania.blogspot.com/2018/07/evento-33-concurso-brasileiro-da-cancao.html>. Acesso em: 06 fev. 2018

ALVES, Ozias Deodato. **Parlons uchinaaguchi (Okinawa-gô): langue Du Japonqui ne survit qu'au Brésil**. Paris: L'Harmattan, 2016.

ARAÚJO, R. Gesiel. **A fronteira ignorada: cooperação e conflito na imprensa fronteiriça online**. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Comunicação. UFMS. 2018.

ARCA, 1991. Número 2. **A Ferrovia Noroeste do Brasil – Colonização japonesa e alemã**. Publicação do Arquivo Histórico de Campo Grande: Prefeitura de Campo Grande (MS)

ARIGATÔ. **Documentário sobre a Imigração japonesa em Campo Grande**. Direção e Produção da jornalista Maristela Yule. Campo Grande, 2005.

ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA E CULTURAL NIPO-BRASILEIRA (AECNB). **Ayumi: A Saga da Colônia Japonesa em Campo Grande**. Campo Grande: 2008.

ASSOCIAÇÃO OKINAWA DE CAMPO GRANDE-MS. **100 anos da Imigração Japonesa de Okinawa em Campo Grande 1914 – 2014**. Campo Grande – MS, 2014.

ASSOCIAÇÃO OKINAWA DE CAMPO GRANDE. **Terra de Esperança Kibo no Daitsi**. Campo Grande, MS. Life Editora, 2014.

_____. **História da Associação Okinawa de Campo Grande**. Disponível em <<http://www.okinawacgms.com.br/a-associacao/historia>> Acesso em: 02 agos 2017

ASSOCIAÇÃO OKINAWA KENJIN DO BRASIL. **Imigração Okinawana no Brasil: 90 anos desde Kasato-Maru**. São Paulo: Imprensa Oficial, 1998.

ATLAS DA NOTÍCIA. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br>. Acesso em 12 set. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BARBERO, Martin Jesus. **Ofício do Cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2004.

BARDIN, Laurence. 1977. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BELCAVELO, Frederico. **A representação da identidade juizforana na TV Industrial**. VII Encontro Nacional de História da Mídia: Mídia alternativa e alternativas midiáticas. 19 a 21 de agosto de 2009. Fortaleza, CE.

BORGES, Felipe; DIAS, Emmanuelle. Estudos Culturais e a televisão contemporânea em discussão. **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciência e Comunicação**. Rio de Janeiro, RJ. 2015.

BRASIL. Ministério de Relações Exteriores. Divisão de Atos Internacionais. **Tratado de Amizade, de Comércio e de Navegação: firmado em Paris a 5 de novembro de 1895**. 2002. Disponível em: <www2.mre.gov.br/dai/b_japa_01_2881.htm> Acesso em: 06 abr 2017

BRITO CORREIA, Luis. **Direito de Comunicação Social**. Coimbra: Almedina, 2000.

BRUM, Eron. **Uchinanchu, Cidadãos do Mundo. Sonhos e Ilusões de um Visionário e uma Heroína**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. 2014.

BUENO, Eva Paulino. **Revista Espaço Acadêmico**. n.51 agosto 2005: ISSN 1519.6186 <<https://www.espacoacademico.com.br/051/51ebueno.htm>> Acesso em 12 abr 2017

CANCIAN, Raguzzoni Juliana. **O contexto da diáspora na construção da identidade cultural**: a experiência do personagem José Viana, do romance Sem Nome, de Helder Macedo. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/cancian-juliana-contexto-da-diaspora.pdf> Acesso em 11 mar 2017.

CANCIO, Marcelo. **Telejornalismo Descoberto: a origem da notícia no jornalismo televisivo regional**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005.

_____. Marcelo. **Televisão Fronteiriça: TV e Jornalismo na fronteira Brasil e Paraguai**. Campo Grande, MS. Ed. UFMS, 2011.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Volume II. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra

CORREIO DO ESTADO. MinaSan: 100 anos da Imigração Japonesa. **Saga dos Pioneiros**. 18 jun 2008. Pág. 4.

COUTINHO, Iluska. MATA, Jhonatan. Uma programação para chamar de sua: televisão, narrativa e participação popular. **Contemporânea**, vol. 8, nº2. Dez. 2010

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

ENNE, Ana Lucia S. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. vol. 2: 101-116, jul - dez 2004.

FERNANDES, Mario Luiz. **O Correio Braziliense e as representações da família real portuguesa no Brasil**. Notícias em Fragmentos: Análise de Conteúdo no Jornalismo. Florianópolis: Insular, 2015.

GIBO, Lucila Etsuko. O contato linguístico na comunidade okinawana do Brasil e o português falado pelos okinawanos. **Encontros Lusófonos**, (16), 2014. Disponível em: <<http://repository.cc.sophia.ac.jp/dspace/handle/123456789/36256>> Acesso em 11 mar 2017

GOLDMAN, Roger. Making Majority Culture. In: ROBERTSON, Jennifer (ed.). **A Companion to the Anthropology of Japan**. Malden, USA: Blackwell, 2005, p. 59-72.

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV. 2004

GOMES, Laura A. dos Santos. **Territorialização Okinawa – Utinanchú a partir do sobá em Campo Grande**. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Desenvolvimento local Mestrado.UCDB. 2012

GELLNER, Ernest. **Nações e nacionalismo: trajectos**. Lisboa: Gradiva, 1983.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... letall. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

_____. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Editora: Dp&A. 10 ed. Rio de Janeiro: 2005.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. D. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HANDA, T. **O Imigrante Japonês. História de sua vida no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. 1987.

HERSCOVITZ, H.G. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, C. e BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

JBFOCO. Jornal Biguaçu em Foco. **Entrevista com Ozias Alves**. Fev. 2016. Disponível em: <www.jbfoco.com.br> Acesso em 20 mar 2017

JORGE, Thaís de Mendonça (org). **Notícias em Fragmentos: Análise de Conteúdo no Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015.

_____. BUENO, Thaísa. MAGALHÃES, Jorge. **VC no Imirante: conteúdo colaborativo no portal mais antigo do Maranhão**. Florianópolis: Insular, 2015.

_____. FERNANDES, Mario Luiz. **O Correio Braziliense e as representações da família real portuguesa no Brasil**. Notícias em Fragmentos: Análise de Conteúdo no Jornalismo. Florianópolis: Insular, 2015.

JORNAL MS. Shimbun. **Edição 23**. Campo Grande (MS), março de 2008

JORNAL Utiná Press. Disponível em: <http://www.utinapress.com.br/dialetos_7.html>2017
Acesso em 02 abril 2017

JOURTAD, Phillippe. **História Oral, desafios para o século XX**. Org .Ferreira, Marieta de Moraes; Fernandes, Tania Maria; Alberti, Verena. Rio de Janeiro (RJ). Editora FIOCRUZ. 2000.

KAJIWARA, Robert. **Notícias e Atualizações** do RobKajiwara.com. Disponível em:
<http://www.robkajiwara.com/blog>. Acesso em 17 maio 2019.

_____. **Beautiful coral reef in Okinawa about to be DESTROYED**. Publicado em 08/12/2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=r_MC5XhhlXs&t=13s
Acesso em 17 de maio 2019.

KANASHIRO, Yukihide. Adaptação dos imigrantes à nova terra. In: Yssamu Yamashiro (org). **Imigração Okinawana no Brasil**. São Paulo: Associação Okinawa Kenjin do Brasil, 2000

KNEIPP, Valquíria A Passos. **A primeira emissora de TV do interior da América Latina**. UFRGS. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/3o-encontro-2005->>. Acesso em 08 jun 2018

KUBOTA, Nádia Fujiko Luna. **Bon Odori e sobá: as obassan na transmissão das tradições japonesas em Campo Grande** – MS. 2008. 210f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UNESP, Marília, SP, 2009.

_____. **Okinawanos e não-okinawanos em Campo Grande: relações de parentesco e famílias**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos: UFSCar, 2015.

_____. **Relatos de chegada: imigrantes japoneses em Campo Grande**. Artigo publicado em Aurora, ano II número 2 – Jun de 2008. Págs. 57 a 68.

LACLAU, Ernesto. **Novas reflexões sobre a revolução nosso tempo**. Routledge, Chapman & Hall, Incorporated. Publicado por Verso Books (1990)

LESSER, Jeffrey. **A Negociação da Identidade Nacional**. Editora UNESP, 2001.

LIMA, V. A de. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

MARQUES, Heitor Romero; MACIEL, Josemar Campos; LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. **Migração e Desenvolvimento Local em Escala Humana: Campo Grande como foco**. Campo Grande, MS: Gráfica Mundial, 2014.

MATSUMOTO, Karina S. **Blog okinawando, conheça um outro lado de Okinawa**. Disponível em: <<https://okinawando.wordpress.com/2015/06/22/o-pai-da-imigracao-okinawana>>. Acesso em 22 mar 2017

MCCORMAC, Gavan; NORIMATSU, Satoko Oka. **Resistant islands: Okinawa confronts Japan and the United States**. Lanham (USA): Rowman & Littlefield Publishers, 2012.

MINA SAN. **100 anos da Imigração japonesa**. Correio do Estado. Campo Grande, MS, jun, 2008.

MORAIS, Fernando. **Corações Sujos, a história da Shindo Renmei**. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.

MORI, Koichi. Identity transformations among Okinawans and their descendants in Brazil. *In: LESSER, Jeffrey (ed.). Searching for home abroad: Japanese Brazilians and transnationalism*. Durham (US): Duke University Press, 2003

MOTOYAMA, Shozo. **Sob o Signo do Sol Levante – Uma História da Imigração Japonesa no Brasil – Volume I (1908-1941)**, coedição do Instituto Brasil-Japão de Integração Cultural e Social, da Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil e da Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 2012.

NISHIMOTO, Miriam Mity. **Herança cultural e trajetórias sociais nas memórias de professoras aposentadas de origem japonesa**. Dissertação (mestrado) – UFMS: CME. Centro de Ciências Humanas e Sociais Campo Grande, MS, 2011. P. 48.

OTA, Masahide. **This was the Battle of Okinawa**. Naha: Naha PublishingCo, 1981.

PIRES, Ricardo Sorgon. **Uma “ilha descontente”: disputas e conflitos em torno da memória sobre a batalha de Okinawa**. Revista contemporânea – dossiê regimes Autoritários e sociedades. Ano 3, nº 3. 2013, p.186 a 205

PIRES, Ricardo Sorgon. **Os outros japoneses: festivais e construção identitária da comunidade okinawana na cidade de São Paulo**. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Universidade de São Paulo (USP). 2016

PIRES, Ricardo Sorgon. **O que é ser uchinanchu? as (re)construções da identidade. Okinawana no periódico Utiná Press**. Disponível em<<http://www.academia.edu/9374711/>> Acesso em 21 mar 2017

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RAJAGOPALAN, K. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil. Por uma política prudente e propositiva. *In: LACOSTE, Y. [org.] RAJAGOPALAN, K. A Geopolítica do Inglês*. São Paulo: Parábola, 2005.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Sumus, 2000.

RODRIGUES, Luana. **Mato Grosso do Sul já recebeu 71,7 mil imigrantes neste ano**. Correio do Estado, Campo Grande (MS), 8/9 set. 2018. Cidades, p.9

SAKIMA, Tatsuo. Breve história de Okinawa. *In: Imigração Okinawana no Brasil. YssamuYamashiro (org.)*. São Paulo: Associação Okinawa Kenjin do Brasil, 2000.p.27-32.

SANTOS, Natanael B. dos. **Televisão: o desafio da Regionalização**. Dissertação de mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

SASAKI, Marcel. **Língua de okinawa, um idioma próprio e culturalmente bem diferente do resto do Japão.** 15 agosto, 2012. Disponível em: <<http://marusasaki.blogspot.com.br/2012/08/lingua-de-okinawa-um-idioma-proprio-e.html>> Acesso em 26 de abr 2017

SILVA, K. A.; SANTOS, L. I. S.; JUSTINA, O. D. Entrevista com Kanavillil Rajagopalan: ponderações sobre linguística aplicada, política linguística e ensino-aprendizagem. **Revista de Letras Norte@mentos – Revista de Estudos Linguísticos e Literários.** Edição 08 – Estudos Linguísticos 2011/02. Disponível em: <http://projetos.unemat-net.br/revistas_eletronicas/index.php/norteamentos> Acesso em 06 maio 2017

SOUYRI, Pierre François. A colonização japonesa: Um colonialismo moderno, mas não ocidental”. In: FERRO, Marc (Org.). **O livro negro do colonialismo.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

SOUZA, Yoko Nitahara. **A comunidade Uchinanchu na era da globalização – Contrastando “okinawanos” e “japoneses”.** Dissertação de mestrado em antropologia Social. Universidade de Brasília. Brasília – DF, 2009.

SOUZA, Leila Lima. **Televisão, cultura e identidade: uma análise contemporânea sob o prisma dos estudos culturais.** Artigo para ALAIC, Peru, 2014. PUCP.

TIGUMAN, Marcos. In: **Arigatô.** Documentário sobre a Imigração japonesa em Campo Grande. Direção e Produção da jornalista Maristela Yule. Campo Grande, 2005.

TOMODACHI. Publicação bimestral da AECNB. Edições de 1998 a 2000.

DANTAS, Aline Chianca; KUHLMANN, Paulo Roberto Loyolla. **Okinawa: Uma Análise de Segurança Humana em Meio às Abordagens Estratégico-Militar e Nacional.** Revista Espaço Acadêmico, 2005. Disponível em <www.espacoacademico.com.br/052rea.htm> Acesso em 28 out 2016.

UEHARA, Victor Kanashiro. **Cantos da Memória Diaspórica: representações, (des)identificações e performances de Mishima a Okinawa.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas. 2015, p.17, p. 156.

UEMA, Akira. **A guerra continua, por outros meios em Okinawa.** Disponível em: <<https://www.espacoacademico.com.br/051/51ebueno.htm>>. Acesso em 26 abr 2017

UEMA, Akira. **O dialeto de Okinawa.** Disponível em: <<http://linguasderyukyu.blogspot.com.br/2015/07>> Acesso em 26 abr 2017

UEMA, Akira. **É “mensoore” ou “mensooree?”** “Disponível em: <<http://linguasderyukyu.blogspot.com.br/2016/02>> Acesso em 26 abr 2017

UMI, Laís Miwa Higa. **Umi nu Kanata- Do outro lado do mar: história e diferença na comunidade okinawana brasileira.** Tese mestrado em Ciência Social. USP: 2015

WILLIAMS, R. **Televisão: tecnologia e forma cultural.** Trad. Márcio Serelle; Mário F. I. Viggiano. 1a ed. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte, PUCMinas, 2016.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ed. Ática, 2006.

YAMADUCI, Yaemi. **Música, mídia e memória na diáspora okinawana em Cuiabá**. Trabalho apresentado no Intercom, – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville – SC: 2018.

YAMASHIRO, José. **História dos Samurais**. São Paulo: Editora Ibrasa. 3ª Ed. 1993

YAMASHIRO, José. **Okinawa: uma ponte para o mundo**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1997.

ENTREVISTAS

ADANIA, Cristina. *Entrevista pessoal sobre a Colônia Mata do Segredo em Campo Grande (MS)*. Gravada em 29 jan 2018 em Campo Grande, MS.

ADANIA, Leny. *Entrevista pessoal sobre a Colônia Mata do Segredo em Campo Grande (MS)*. Gravada em 29 jan 2018 em Campo Grande, MS.

AGUENA, Nilson. *Entrevista pessoal sobre o TV Nikkey*. Realizada em 05 de maio 2019 em Campo Grande, MS.

ALVES, Deodato Júnior Ozias. *Entrevista pessoal sobre o livro “Parlons Uchinaguchi”*. Gravada em 30 mar. 2017 em Biguaçu, SC.

ARAKAKI, Toshiko. *Entrevista pessoal sobre a Colônia Mata do Segredo em Campo Grande (MS)*. Gravada em 29 jan 2018 em Campo Grande, MS

ARATAMI, Elza Kazue. *Entrevista pessoal sobre o programa Voz Nikkey*. Realizada em 05 de maio 2019 em Campo Grande, MS.

CHAIA, Issel. *Entrevista pessoal sobre o programa TV Nikkey*. Realizada em 11 de abr 2019 em Campo Grande, MS.

ESAKI, Alex Heijiro. *Entrevista pessoal sobre a Casa De Estudante Jamic*. Gravada em 17 set 2018 em Campo Grande, MS.

FRANCO, Cléverson Palmir. *Entrevista pessoal sobre jornal impresso “MS Shimbun”*. Gravada em 03 de jul de 2018, em Campo Grande, MS

GOYA, Paola. *Entrevista pessoal sobre o programa TV Nikkey*. Realizada em 02 de abr 2019 em Campo Grande, MS.

HIGA, Celso. *Entrevista pessoal sobre o programa TV Nikkey MS*. Realizada em 07 de abr 2019 em Campo Grande, MS.

MIYAGUI, Paulo. *Entrevista pessoal sobre o programa TV Nikkey de São Paulo*. Gravada em 31 jan. 2018, em São Paulo, SP.

MIYASATO, Gerson. *Entrevista pessoal sobre Armando Tibana*. Realizada em 05 de maio 2019 em Campo Grande, MS.

OTA, Neiba. *Entrevista pessoal sobre o informativo Tomodachi da AECNB de Campo Grande e o programa TV Nikkey MS*. Realizada em 26 jul.2018 em Campo Grande, MS.

POR DEUS, Jesus Pedro. *Entrevista pessoal sobre o programa TV Nikkey MS e Armando Tibana*. Gravada em abr 2019 em Campo Grande, MS.

SENAHA, Mieko. *Entrevista pessoal sobre o programa TV Nikkey de São Paulo*. Gravada em 31 jan. 2018 em São Paulo, SP.

SHIRADO, Nilton. *Entrevista pessoal sobre a imigração okinawana em Mato Grosso do Sul*. Gravada em 29 jan 2018 em Campo Grande, MS.

TIBANA, Bernardo. *Entrevista pessoal sobre o programa TV Nikkey MS e Armando Tibana*. Gravada em fev. 2017 em Campo Grande, MS.

TIGUMAN, Marcos. *Entrevista sobre o programa Voz Nikkey e a Imigração japonesa em Campo Grande*. Realizada em jan 2018 em Campo Grande, MS.

TIBANA, Kaeko. *Entrevista pessoal sobre o fujinkai e a família Uehara*. Realizada em jan 2019. Em Campo Grande, MS.

UEHARA, Lúcia. *Entrevista pessoal sobre a emigração da família Uehara*. Realizada em jan. 2019 em Campo Grande, MS.

VIANA, José Evaristo. *Entrevista pessoal sobre Armando Tibana*. Realizada em 12 de abril 2019 em Campo Grande, MS.

ANEXO 1

Descrição dos programas analisados.

PROGRAMA 536 exibido no dia 08/07/2018

- //////////////////////////////////COMERCIAIS: ótica Vida, Daiji, Laboratório Bioclínico////////////////////////////////////

- ABERTURA: Paola Goya (1'23")

- ESCALADA:

* 10º aniversário Grupo de dança Sakura

* Eleição da Mis Nikkey MS 2018

*Melhores momentos da Festa Junina da Escola Visconde de Cairu

////////////////////////////////VINHETA DE PASSAGEM////////////////////////////////////

- AGENDA CULTURAL:

* Chamada do presidente da Nipo para o Sukiyaki (1'00)

*Bon Odori 2018: chamada com o diretor Cláudio Oikawa

- 1º VT MUSICAL: dedicado aos membros da As. Nipo pela realização de sua assembleia ordinária

//////////////////////////////// COMERCIAL: Daiji e Bioclínico //////////////////////////////////

-2º Bloco: apresentação do Grupo de dança Sakura (5'00") – vt + entrevistas

//////////////////////////////// VT COMERCIAL: Tako restaurante //////////////////////////////////

- 2º VT MUSICAL: dedicado aos aniversariantes da semana

- Volta apresentadora + VT eleição Mis Nikkey MS: Natália, eleita posteriormente Mis Nikkey Brasil (2'40")

//////////////////////////////// COMERCIAL: Laboratório Bioclínico //////////////////////////////////

- Clip Musical oferecido ao Centro de Convivência NIPO

////////////////////////////////COMERCIAL: Eletrônica Monte Líbano //////////////////////////////////

- VT Melhores momentos da festa junina da Escola Visconde de Cairu: imagens e entrevistas com alunos, diretora, pais + 100 anos da Escola! (3'69")

- Encerramento com apresentadora: agradecendo e chamando para as atrações do próximo programa

//////////////////////////////// VINHETA + Comerciais dos patrocinadores/anunciantes //////////////////////////////////

PROGRAMA 537 – 15/07/2018

- VINHETA Abertura com anunciantes

- VT ABERTURA com apresentação de Paola Goya sempre dizendo: “o programa que leva muita música, informação e cultura....

- ESCALADA:

* Atividades sócio educativas do Centro de Convivência da Nipo

* Promoção do almoço do grupo jovem de dança “Seishun”, da AECNB (Associação Esportiva e Cultural Nipo Brasileira), de Campo Grande;

* Sukiyaki

//////////////////////////////////VINHETA + agenda cultural//////////////////////////////////

- AGENDA CULTURAL:

* feijoada Nipo,

* Torneio Tênis de mesa na Nipo

* Próximo Bon Odori com entrevista do Cláudio, vice-presidente da Nipo convidando a população.

- 1º Vídeo Musical: dedicado aos grupos Rosokai e Funjinkai que se reúnem às 5ªs e 6ªs feiras

////////////////////////////////// VINHETA ANÚNCIOS: Daiji e Bioclínico //////////////////////////////////

- 1º BLOCO

- Matéria apresentando o trabalho oferecido pelo Centro de Convivência da Nipo (projeto social da Nipo), com atividades oferecidas pelo centro como cursos artesanais de bonecas de pano, capuz com profissionais e artesãs. Há previsão de instalar um consultório dentário e equipamentos de fisioterapia **(2’98”)**

//////////////////////////////////VT COMERCIAL: Restaurante Tako//////////////////////////////////

- APRESENTADORA chama o 2º VT MUSICAL homenageando os aniversariantes da semana

//////////////////////////////////VT ANÚNCIO: AROMATIZANTES//////////////////////////////////

- Apresentadora chama VT sobre o almoço do grupo de dança Seishun na sede da Nipo. Reportagem em prol da viagem de integração do grupo. Os integrantes fazem parte de SENENKAI. **(2’68”)**

. Entrevista com professor e participantes chamando para a importância do SENEKAI e a importância de se divulgar mais a cultura okinawana; entrevista com os integrantes sobre a arrecadação de fundos para as viagens como a comemoração do aniversário do Japão e para a apresentação do grupo em São Paulo.

//////////////////////////////////VT – COMERCIAL Laboratório Bioclínico //////////////////////////////////

- Apresentadora Paola Goya chama o clip musical dedicado ao pessoal do Karaokê que participará do Brasileirão 2018 que será em Maringá.

////////////////////////////////VT COMERCIAL: Eletrônica Monte Líbano //////////////////////////////////

- VT com a exibição dos melhores momentos do 3º Sukiyaiki de 2018 com imagens e entrevistas (6'52")

O evento é considerado sempre um sucesso. Ent. Maria Leny – vice-presidente Nipo agradecendo as senhoras do Funjinkai: várias entrevistas!

- Entrevista com Sarita Sayuri, especialista em shansin que esteve em Naha, Okinawa em um intercâmbio com duração de um ano para aprender a fabricar o instrumento okinawano;
- Sonoras destacando a importância de se preservar a cultura okinawana
- Simpatizantes da cultura

- VT/ ENCERRAMENTO: Apresentadora se despede e chama para a “Feijoadá”, próximo evento do Grupo que será realizado no próximo domingo na sede Nipo campo pelo Departamento de tênis da Nipo.

PROGRAMA 538 22/07/2018 (Intercâmbio Sarita Sayuri)

//////////////////////////////// VINHETA COM OS ANUNCIANTES //////////////////////////////////

- VT Apresentação + abertura: “um programa que leva cultura e informação...”

- ESCALADA:

- VT com apresentação do grupo de dança Sakura no teatro Glauce Rocha
- VT com reportagem da Sarita Sayuri, especialista em sanshin

////////////////////////////////VINHETA: Imagens de taikô e cerejeiras////////////////////////////////

- AGENDA CULTURAL

* Torneio de tênis de mesa que será realizado na próxima semana na Nipo

* Bon Odori com chamada em vt do vice-presidente da Nipo

- 1º VT Musical dedicado aos participantes do Grupo de Karaokê que participará do concurso em Maringá (Brasileirão)

////////////////////////////////VINHETA ANUNCIANTES (2) //////////////////////////////////

- 1º Bloco:

- VT com a participação do Grupo de dança Sakura no Concurso de Dança Kids realizado em 08/07 no Festival Kids de dança em Campo Grande. Entrevista com alunas/dançarinas e a professora Miti; (2'09")

- VT restaurante Tako (anunciante)

- VT MUSICAL: dedicado aos aniversariantes da semana (Begin)

- VT Anúncio aromatizantes

- VT com Sayuri e exibição na própria matéria da reportagem da tv okinawana que veio à Campo Grande para entrevistar Sarita, intercambista através de uma bolsa da Prefeitura de Naha para aprender a confeccionar e consertar o sanshin no Brasil. A matéria mostra Sarita em Naha treinando para ser a primeira fabricante de sanshin na América do Sul!

Uma equipe da TV RBC The News, de Okinawa, veio a Campo Grande para fazer a matéria em julho de 2018. A matéria mostra a apresentação da sul matogrossense no dia do sanshin na cidade de Naha no dia 04/03/2018. Sayuri aprendeu a tocar e fabricar o sanshin com o avô Paulo Shirado e pretende passar adiante esses ensinamentos, por isso, além de tocar e cantar, decidiu aprender a fabricar o instrumento. Saryta comemorou seus 27 anos em Okinawa onde foi homenageada pelos professores e demais participantes do curso. Kokyu e Taikô. A matéria inclui as aulas e a apresentação no dia 04 de março, dia do sanshin, onde ela tocou com todos, representando o Brasil. Na oportunidade Sarita tocou um instrumento feito por ela mesma.

Em Naha, Sarita disse que entendeu o verdadeiro significado da frase “Ichariba Choode”.

Entrevista com **professores** que afirmam: “...o sanshin não pe só um instrumento musical, mas um instrumento que expressa o coração dos okinawanos...”

Sayuri: “através do sanshin pude reconhecer e cultura e tradições de Okinawa....”

O primeiro sanshin fabricado por Sarita foi premiado em Okinawa e ficou em exposição no Plaza House em Naha. A visita da equipe de reportagem okinawana aqui foi para complementar a matéria de lá. (9’20”)

* O TV NIKKEY produziu uma matéria em Campo Grande sobre o intercâmbio e as atividades de Sayuri aqui. Em Naha, ela ficou hospedada em uma Cooperativa de fabricantes de sanshin. Atualmente, Sayuri reforma sanshins de Campo Grande e também vindos de São Paulo.

////////////////////////////////VT ANÚNCIO: Eletrônica Monte Líbano////////////////////////////////

- VT Clip musical dedicado ao grupo Sakura pelo sucesso alcançado em suas apresentações....

- VT ENCERRAMENTO: Lembrando a realização da feijoada que será promovida pelo Departamento de Tênis da Nipo

PROGRAMA 539: 29/07/2018

////////////////////////////////VINHETA - anunciantes////////////////////////////////

- ABERTURA com Paola Goya

- ESCALADA:

. Matéria especial sobre a Comenda de Mérito Mahikari na Assembléia Legislativa;

. Feijoada na As. Nipo.

////////////////////////////////VINHETA PASSAGEM////////////////////////////////

- AGENDA CULTURAL:

* Torneio Tênis de mesa que está sendo realizado;

* Churrasco do Departamento de Karaokê na Associação Okinawa;

* Bon Odori com chamada gravada pelo vice-presidente da Nipo nos dias 17 e 18 de agosto

- VT: 1º número musical dedicado aos participantes do Campeonato de Karaokê realizado no final de semana = Brasileirão de Karaokê

////////////////////////////////COMERCIAL – DAIJI-ANUNCIANTE////////////////////////////////

1º bloco- Apresentadora chama VT da ANEW participando da Expogrande e apresentando seus produtos ao público do Agronegócio – Vitality Anew (2’14’’))

////////////////////////////////////COMERCIAL////////////////////////////////////

- 2ª MÚSICA dedicada aos aniversariantes da semana

- VT com os produtos aromatizantes

- Apresentadora chama VT da feijoada realizada anualmente há mais de 10 anos pelo Departamento de Tênis em prol dos eventos para angariar fundos e investir na realização de novos eventos. (3’47’’))

Repórter voluntária Issel Chaia grava entrevistas. A feijoada é tradicional com o baile.

////////////////////////////////////COMERCIAL //////////////////////////////////

- APRESENTADORA chama mais um vídeo MUSICAL “... oferecido à nova Mis Nikkey Natália Tanaka que conquistou o título nacional no último final de semana....”

- VINHETA + VT da sessão solene realizada na Assembleia com a entrega da Comenda ao Mestre Okada da Mahikari. Entrevistas com o presidente da Mahikari de MS; Grão –Mestre Koo Okada, líder espiritual da Sukyo Mahikari. (7’00’’))

A matéria pela assessoria da AL foi a que gerou até hoje o maior número de acesso no site da Assembleia.

- ENCERRAMENTO com a apresentadora

PROGRAMA 540: 05/08/2018

////////////////////////////////////VT ANUNCIANTES////////////////////////////////////

- Apresentação com ESCALADA

- VT Concurso música japonesa em Maringá;

. Missa Círculo Católico Estrela da Manhã;

. Comemoração 85 anos de Maurício Tibana

////////////////////////////////////VINHETA PASSAGEM //////////////////////////////////

- AGENDA CULTURAL (1’01’’))

* Festival de prêmios com almoço da Associação Okinawa;

* Obon 2018 da Sociedade Budista de Campo Grande

* Copa de Tênis dia 10/08;

* Chamada do Bon Odori 2018 com vt

- VOLTA Apresentadora Paola Goya com VT do Concurso Brasileirão de Karaokê realizado em Maringá (PR) com participação dos sul matogrossenses. (2’13’’))

Imagens cedidas por Meiri Yassuda, integrante do Departamento de Karaokê da Nipo. O representante de Nova Andradina ficou em 4º lugar!

//////////////////////////////////// COMERCIAL////////////////////////////////////

- 1º VT MUSICAL: dedicado aos voluntários do Bon Odori 2018

////////////////////////////////////COMERCIAL////////////////////////////////////

- PAOLA GOYA chama VT sobre o Aniversário do Sr. Maurício Tibana em Campo Grande (12'00")

////////////////////////////////////VT COMERCIAL////////////////////////////////////

- VT MUSICAL: dedicado aos aniversariantes da semana = saudações em português e japonês

- VT Exibição da tradicional missa mensal do Círculo Católico Estrela da Manhã (4'00")

- ENCERRAMENTO chamando para o almoço especial no mesmo dia/domingo com o festival de prêmios na Associação Okinawa.

PROGRAMA 541 – 12/08/2018

////////////////////////////////////VINHETA ABERTURA + vinheta anunciantes////////////////////////////////////

- ABERTURA E ESCALADA
 . VT grupos musicais de São Paulo

////////////////////////////////////VINHETA////////////////////////////////////

- Agenda Cultural:
 * almoço na Nipo;
 * Copa Nipac de Tênis de mesa;
 * Bon Odori (chamada VT com o vice-diretor) dias 17 e 18/08

- APRESENTADORA chama VT com os melhores momentos dos grupos artísticos de Campo Grande na comemoração dos 110 anos da Imigração Okinawana no Japão Festival em São Paulo. Mato Grosso do Sul esteve representado por dois grupos de dança: Ryukyu e Seichun (5'38")

*Imagens cedidas pelo consultor Aguinaldo.

////////////////////////////////////VINHETA Comercial DAIJI////////////////////////////////////

- 1º número musical destinado aos patrocinadores do Bon Odori

////////////////////////////////////Comercial Bioclínico////////////////////////////////////

- Apresentadora chama VT do Tênis de mesa, torneio Interestadual com a participação de delegações do Paraguai, Bolívia, Ms, SP e Paraná. Participaram também mesatenistas, representantes da Seleção Brasileira. O evento é importante por proporcionar o contato com participantes de outros países e estados vizinhos. A equipe de Campo Grande foi campeã geral do torneio de 2 dias! (4'00")

////////////////////////////////COMERCIAL Eletrônica Monte Líbano////////////////////////////////

- VT MUSICAL: dedicado aos aniversariantes da semana

////////////////////////////////COMERCIAL - Bioclínico////////////////////////////////

- APRESENTADORA chama vt do curso de sushi promovido pelo Centro de Convivência da Nipo com vários participantes. É a culinária tradicional de Okinawa com receitas utilizando peixes, mandioca, desde a estória dos pratos assim como a técnica utilizada pelos antepassados. Além de resgatar os pratos típicos, o curso possibilita a formação de mão de obra. (5'00")

////////////////////////////////COMERCIAL – restaurante Tako////////////////////////////////

- 2º VT MUSICAL

- ENCERRAMENTO (chamando a reprise do programa!)

PROGRAMA 542 – 19/08/2018

////////////////////////////////VINHETA ABERTURA + Anunciantes////////////////////////////////

- APRESENTAÇÃO COM ESCALADA:

. Reportagem da visita do Prefeito de Nagô e comitiva de Okinawa na Associação Okinawa.

////////////////////////////////VINHETA PASSAGEM////////////////////////////////

- AGENDA CULTURAL

* VT Almoço Nipo e os 100 anos da escola Visconde de Cairu com apresentação dos alunos e homenagem aos pais; destaque para a importância da família e a sua participação na escola. Demonstração de amor e gratidão aos pais. (2'38")

////////////////////////////////COMERCIAL – Daiji //////////////////////////////////

- 1º VT MUSICAL: oferecido aos participantes do Bon Odori 2018

////////////////////////////////COMERCIAL – Laboratório Bioclínico////////////////////////////////

- VT OBON- (finados budista) da Sociedade Budista de Campo Grande. É a celebração, com dança, de culto aos antepassados pelos jovens e pessoas mais velhas. Muito significativa para a comunidade. OBON = festa das lanternas com missionários budistas de outros estados. Rito de OBON. Presença de 5 monjes de outros estados que vieram conhecer outras formas de ensino do Darhma (ensinamentos budistas com palestras). Os ensinamentos são desde o ornamento do altar e muitas outras coisas que nem sempre são repassadas pelos pais. (5'08").

//////////////////////////////// COMERCIAL – Eletrônica Monte Líbano////////////////////////////////

- VT Jantar oferecido pela Associação Okinawa à comitiva de Nagô com o objetivo de homenagear e, ao mesmo tempo, agradecer as pessoas com mais de 85 anos e também estreitar amizades a cada ano, recebendo dois estagiários de Campo Grande que vão para

Okinawa e assim conhecer como são os descendentes daqui e preservar os costumes okinawanos. Houve a entrega de diplomas. Realização de amizade e intercâmbio cultural. Os participantes destacaram que mesmo no Japão, a música de Okinawa se destaca e as gerações mais jovens estão cada vez mais interessadas na cultura dos antepassados. O karatê assim como o taikô ajudam a divulgar Okinawa. (11'00")

PROGRAMA 543 – 26/08/2018

** Programa gravado durante a festa do Bom Odori em Campo Grande e dedicado ao aniversário da cidade em 26 de agosto*

//////////////////////////////////VINHETA ABERTURA + ANUNCIANTES//////////////////////////////////

- APRESENTAÇÃO + ESCALADA Paola Goya

//////////////////////////////////VINHETA PASSAGEM //////////////////////////////////

- Volta Apresentadora chamando o VT DOS MELHORES MOMENTOS da tradicional festa de Campo Grande, o Bon Odori. 34º ano da festa! (8'42")

//////////////////////////////////VINHETA ANUNCIANTES- Daiji//////////////////////////////////

- 1º MUSICAL: destinado a todas as pessoas que prestigiaram o Bon Odori

////////////////////////////////// VINHETA – Comercial – Bioclínico//////////////////////////////////

- PAOLA chama vt do trabalho das pessoas na festa (5'00")

Imagens da dança, entrevista com coordenador do Bon Odori: Cláudio Oikawa;

BON ODORI significa: agradecimentos à boa colheita e aos antepassados.

O grande número de pessoas este ano na festa surpreendeu os organizadores, foi uma das melhores festas dos últimos tempos, segundo eles.

//////////////////////////////////VINHETA ANUNCIANTES – Eletrônica Monte Líbano//////////////////////////////////

- 2º VT MUSICAL: dedicado aos aniversariantes da semana

- VOLTA Paola Goya chamando o VT sobre o BON ODORI com imagens da dança e várias entrevistas. Presença de todos os políticos e candidatos à eleição de 2018.... (5'72")

- Nas sonoras, o sentimento é destacado como uma grande família e reencontros com amigos de infância. Tem casais que se conheceram na festa!

Atrações: a dança, a decoração, a música, a comida e a CULTURA onde as crianças e adultos participam....

- ENCERRAMENTO chamando o evento do dia: o festival de prêmios do grupo de dança Ryukyu